

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ (UFPI)  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS (CCHL)  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA (PPGANT)

JOSÉ RICARDO FORTES SAMPAIO

**PERDENDO A CABEÇA NA TONTURA:**

Reflexões etnográficas no campo da pegação homoerótica em Teresina (PI).

TERESINA

2019

JOSÉ RICARDO FORTES SAMPAIO

**PERDENDO A CABEÇA NA TONTURA:**

Reflexões etnográficas no campo da pegação homoerótica em Teresina (PI).

Dissertação apresentada ao  
programa de Pós-graduação em  
Antropologia, como pré-requisito  
para obtenção do título de mestre.

ORIENTADOR:

Prof.º Dr.º Alejandro Raul Gonzalez Labale

TERESINA

2019

FICHA CATALOGRÁFICA  
Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco  
Serviço de Processamento Técnico

S192p Sampaio, José Ricardo Fortes.  
Perdendo a cabeça na tontura : reflexões etnográficas no campo da pegação homoerótica em Teresina (PI) / José Ricardo Fortes Sampaio. – 2019.  
110 f.  
  
Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2019.  
“Orientador: Prof. Dr. Alejandro Raul Gonzalez Labale”.

1. Sexualidade.
2. Homoerotismo.
3. Pegação.
4. Subjetividade. I. Título.

CDD 306.7

JOSÉ RICARDO FORTES SAMPAIO

**PERDENDO A CABEÇA NA TONTURA:**

Reflexões etnográficas no campo da pegação homoerótica em Teresina (PI).

Dissertação apresentada ao  
programa de Pós-graduação em  
Antropologia, como pré-requisito  
para obtenção do título de mestre.

ORIENTADOR:

Prof.º Dr.º Alejandro Raul Gonzalez Labale

BANCA EXAMINADORA

**PRESIDENTE: ALEJANDRO RAUL GONZALEZ LABALE – UFPI**

---

**MEMBRO INTERNO: CARLOS ROBERTO FILADELFO DE AQUINO – UFPI**

---

**EXTERNO AO PROGRAMA: FRANCISCO DE OLIVEIRA BARROS JUNIOR – UFPI**

---

**EXTERNO À INSTITUIÇÃO - FABIANO DE SOUZA GONTIJO - UFPA**

---

Este êxito dedico aos meus pais, por colaborarem com meus caminhos, apesar das dificuldades.

## AGRADECIMENTOS

Expor um agradecimento é um trabalho tempestuoso e sensual. Ao escrever sinto uma intensidade de sentimentos que me atravessam. Porém, para mim, esse é o momento mais íntimo da pesquisa, não somente para agradecer, mas também uma forma de homenagear. Portanto, com amor, gostaria de fazer alguns reconhecimentos.

Em caráter especial a Kleber Fortes (in memoriam), a qual dedico infindável agraciamento.

A minha mãe Maria eu dedico toda a minha vida e espero que todos os meus erros sejam perdoados pelo seu enorme coração acolhedor. A ela, tenho o amor mais doce, um agradecimento sem vírgula e pontos finais. Ao meu pai Antônio agradeço a todos os ensinamentos, pois estes me fizeram forte e me guiam a andar sempre com a cabeça erguida.

A Rafael, um estranho amor que aparece em nossas vidas com atos inofensivos, em que espero que mantenhamos nosso carinho pelo mundo. *“O difícil fazemos agora, o impossível levará algum tempo!”*.

A Alejandro, que me acolheu com um carinho de pai, ouvindo incessantemente com atenção as minhas angustias e me fazendo um eterno aprendiz. Muito obrigado.

Aos meus familiares, inclusos minhas irmãs Mayare Fortes e Monica Fortes. Aos meus tios e tias, em especial Leila, Francisca e Raimundinho. As minhas primas, a qual detenho um amor puro e uma dívida eterna, Laís e Larissa. Aos meus avós.

A Augusto por todo carinho dedicado.

A Malena, minha conselheira e meu porto.

A todos os sujeitos que contribuíram com esta pesquisa,

Por fim, a Capes que possibilitou a minha permanência no mestrado.

## RESUMO

A pesquisa elaborou um caminho para pensar as práticas homoeróticas que acontecem de forma coletiva, num espaço do centro da cidade. Este relato etnográfico se configura como uma aproximação e reflexão sobre conceitos basilares para a análise da categoria nativa que a identifica: *Tontura*. Para isso, a proposta foca as práticas homoeróticas masculinas, contumaz e flagrantemente registradas nessa peculiar forma de interação socioespacial que a literatura individualiza como ‘pegação’. A análise permitiu adentrar os conceitos de erotismo, festa, masculinidades e performance. O estudo foi facilitado por procedimentos metodológicos que incluíam revisão bibliográfica, trabalho de campo com observação participante, entrevistas semiestruturadas e visitas em loco com os informantes. Se conjectura, portanto, que o campo não poderia ser explicado com foco reduzido à pegação, ao lugar ou às práticas. A pesquisa ampliou seu escopo ao passo que abriu espaço para pensar o “se deixar levar”, tal como surge das entrevistas, como a situação em que se abre mão de certos interditos e se permite experimentar um momento de superexcitação. Este último facilitado por certos elementos que, num processo de inclusão/exclusão, oportunizam momentos extraordinários: a festa orgia da Tontura.

**PALAVRAS-CHAVE:** sexualidade; homoerotismo; pegação; subjetividade

## ABSTRACT

The research elaborated a path to think about the homoerotic practices that happen in collective manner, in a place downtown. This ethnographic report is shaped as an approach and reflection on basic concepts to the analysis of native category that identifies it: *Tontura*. For such, the propose focuses on masculine homoerotic practices, ordinary and conspicuously registered in this peculiar way of socio-spatial interaction which the literature individualizes as 'pegacão'. The analysis stepped further into the concepts of eroticism, party, masculinities and performance. The study was facilitated by methodological procedures which included bibliographical revision, fieldwork with participant observation, semi-structured interviews and site visits with the informants. Therefore, it is assumed that the fieldwork could not be explained with a viewpoint reduced to pegacão, the place or the practices. The research broadened the scope as well as opened space to think about the "let it go", such as it appears on the interviews, as the situation in which one puts barriers aside and allows itself to experience a moment of overexcitation. This last one facilitated by some elements that, in a process of inclusion/exclusion, provides extraordinary moments : the orgy party of Tontura.

**KEY WORDS:** sexuality; homoeroticism; pegacão; subjectivity



## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Perigos e desejos apontados pelos interlocutores.....	<b>64</b>
--	-----------

## **LISTA DE IMAGENS**

Imagem 1: Foto da praça Saraiva .....	<b>21</b>
Imagem 2: Representação do Mapa Afetivo da Praça Saraiva (Janeiro 2019) .....	<b>22</b>
Imagem 3: Edição da revista Veja do dia 26 de abril de 1989) .....	<b>29</b>
Imagem 4- Imagem da Tontura .....	<b>37</b>
Imagem 5- Imagem da Tontura .....	<b>39</b>
Imagem 6 - Mapa da Tontura que evidencia o ponto dos michês .....	<b>42</b>
Imagem 7- Imagem da Tontura (dia/noite).....	<b>45</b>

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1 - Classificação dos locais frequentado por gays em Teresina .....	<b>32</b>
Gráfico 2 - As práticas da Tontura .....	<b>51</b>
Gráfico 3 – Marcadores dos sujeitos desta pesquisa .....	<b>82</b>

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>2. TERESINA SEM MEDO E SEM CULPA</b> .....	<b>16</b>
2.1. Anteâmbulo.....	17
2.2 Teresina: confluências e divergências .....	18
2.3 Do ambiente e vivências em espaços.....	23
2.4 Histórias de outrora contadas agora.....	25
2.5 AIDS: a visibilidade e o seu reverso.....	27
2.6 Novas formas de viver a cidade .....	30
2.7 Locais de frequência do público homossexual em Teresina.....	31
2.8 Os espaços de pegação homoerótica.....	34
2.8.1 <i>Cinemas Pornôs</i> .....	34
2.8.2 <i>Banheiros de pegação</i> .....	35
2.8.3 <i>Entre árvores e matos</i> .....	35
<b>3. TONTURA</b> .....	<b>36</b>
3.1 Uma introdução possível à Tontura .....	37
3.2 Histórico da Tontura .....	41
3.3 O Lugar da experiência e do desejo .....	44
3.4 Ingressando na Tontura .....	47
3.5 As práticas da Tontura .....	51
3.5.1 A Caça .....	53
3.5.2 <i>A Conquista</i> .....	55
3.5.3 A Pegação .....	57
3.6 Perigo e prazer dão no mesmo galho .....	63
3.6.1 <i>Abnegação e desinteresse</i> .....	65
3.6.2 <i>Disposição e Desejo</i> .....	66
3.6.3 <i>O prazer do perigo</i> .....	66
<b>4. TONTURA É “COISA PRA MACHO”</b> .....	<b>68</b>
4.1 Negociações do desejo homoerótico.....	70
4.2 Caracterização dos participantes.....	74
4.3 Formas e sentidos: as classificações dos participantes .....	77

4.3.1 <i>Gays assumidos</i> .....	77
4.3.2 <i>Homens com práticas homossexuais</i> .....	77
4.3.3 <i>Garoto de programa ou michê</i> .....	80
4.4 O processo de seleção dos participantes .....	80
4.5 Seja macho: representações das masculinidades .....	83
4.6 Subjetividades Contingentes .....	85
<b>5. VIVENDO A TONTURA</b> .....	<b>90</b>
5.1 O erótico e a performance coletiva .....	91
5.2 A orgia coletiva .....	99
5.3 Após o gozo a história acaba .....	100
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>102</b>
<b>7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>107</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Tontura pode significar o ato ou dito de tonto, como também um termo que representa a sensação de desequilíbrio, sinônimo de: perturbação, desarmonia, desproporção, instabilidade, vertigem. Como categoria nativa, “Tontura” pode se apresentar como polissêmico, variando de acordo com o interlocutor, tendo vários ou nenhum sentido. Habitualmente, se apresenta “êmicamente” como: a) o ato de andar pelas ruas, repetidamente, num trajeto imutável e monótono, na procura de encontros eróticos com outros homens; b) contempla as múltiplas práticas produzidas nesse espaço de igual nome; e c) remeteria, para alguns, à demarcação dos contornos topográficos do local. Ainda assim, tal lista de sentidos me parece incompleta.

Em síntese inicial, pode-se contemplar a *Tontura* como um lugar ou conjunto de práticas e representações estéticas, éticas, cognitivas e comportamentais e/ou confusa aglomeração situada no espaço e no tempo, na qual a presença do coletivo produz e reproduz suas práticas.

As práticas, em generalização apenas introdutória, podem inicialmente ter a abrangência sugerida pela categoria “*pegação*”, porém, esta classificação mostra-se insuficiente para dar forma de análise a Tontura.

Notadamente, as ações decorrem sem intuito comercial. Se bem, pode existir a procura de lucratividade por parte de algum michê, isto não define nem limita as práticas – vamos aclarar este ponto adiante. Resumindo a *pegação* de acordo com a literatura consultada, esta categoria consiste na explícita procura de experiências sexuais ou apenas eróticas entre homens de forma casual e sem qualquer intenção financeira, podendo se concentrar em locais públicos ou privados.

Ou seja, empiricamente a Tontura remete a uma experiência no espaço-tempo definida pelas práticas homoeróticas de um grupo eminentemente masculino (homens cis gênero<sup>1</sup>). Porém, esta análise tenta ir além, em contínuo devir<sup>2</sup>, ela vai de encontro com práticas

---

<sup>1</sup> Termo utilizado para se referir ao indivíduo que se identifica, em todos os aspectos, com o seu “gênero de nascença”

<sup>2</sup> Sobre “tornar-se” e sobre o “devir”, Gilles Deleuze aborda: “Na medida em que se furta ao presente, o devir não suporta a separação nem a distinção do antes e do depois, do passado e do futuro. Pertence à essência do devir avançar, puxar nos dois sentidos ao mesmo tempo (...). O bom senso é a afirmação de que, em todas as

homoeróticas orientadas por masculinidades sem definição precisa e sempre em construção e/ou experimentação.

A priori, nosso campo está delimitado pelo uso do genérico “masculino” incluindo (e excluindo) masculinidades diversas. Assim, Tontura no marco deste trabalho, trata-se da produção de subjetividades que coagulam, precipitam e se expressam nessas práticas homoeróticas. Tontura não remete a um sujeito homogêneo, trata-se da coincidência de diversas masculinidades e desejos individuais que a compõem como prática descontínua e sempre mutável.

Sem embargo, antes de chegar à pesquisa em si, gostaria de pontuar minha experiência com mestrando, o que de forma direta determinou na criação desta experiência e do relato etnográfico que proponho apresentar. Diante disto, esclareço que mudei de tema de pesquisa várias vezes durante o mestrado. No fim das contas, houve a presença de um profundo desconforto causado pela indefinição, e diante uma possível desistência do mestrado, encontrei pela felicidade do acaso meu tema de pesquisa. Meu orientador a partir de uma conversa trivial na qual a Tontura foi mencionada, me fez perceber a fecundidade de uma categoria nativa para a pesquisa etnográfica, num momento em que peremptoriamente precisava de um novo campo. Dessa feliz e casual maneira, surgiu esta pesquisa.

Com uma nova pesquisa em mãos, viver o campo apresentava-se medianamente descomplicado e acessível, uma incumbência de trabalho facilitada por minha prévia participação na Tontura. Portanto, a tarefa da observação – direta e participante – foi relativamente simples. Entrei em campo enroupado de frequentador e de forma intimamente próxima aos meus sentidos. Como alguém realmente disposto às práticas, não enganava nem mentia nisto. Sendo assim, meu corpo e meus sentidos estavam ao mesmo tempo investidos na prática e na pesquisa de forma reflexiva. O distanciamento e estranhamento do campo foi uma parte árdua e um dos maiores dilemas – desnaturalizar o que era prático, racionalizar o que era apenas sensação, tirar da pele e colocar a prova da razão, foram tarefas penosas. Não era somente ao fazer que se limitava a experiência, tratava-se também de transformá-la em outra coisa.

---

coisas, há um sentido determinável, mas o paradoxo é afirmação nos dois sentidos ao mesmo tempo” (DELEUZE, 1974, p. 1).

Os preconceitos sociais que marginalizam as práticas da Tontura, resultam na procura de anonimato dos homens que a frequentam, acarretando que esta peculiaridade se sucedesse em dificuldades na hora de formalizar entrevistas.

Isto posto, e se por um lado a experimentação do campo foi descomplicada, conquistar um encontro particular para a coleta de informação se transformou num inquietante problema. Nesse sentido, encontrei muitas negativas, obstáculos e dificuldades. Frequentes também foram as insinuações para desviar o intuito dos encontros marcados para obter informação. Homens ousados nas suas experiências na Tontura se negavam a refletir discursivamente sobre elas. E óbvios pedidos de que as conversas não fossem gravadas.

O primeiro grupo com o que fiz contato estava constituído pelos meus sujeitos<sup>3</sup> mais aliados. As seguintes incursões ao campo incorporaram um grupo maior, constituído por homens com o qual obtive um bom nível de empatia. Grupo que se abriu consideravelmente com novos conhecidos e pela sugestão de candidatos a serem entrevistados/acompanhados.

Em alguns momentos da pesquisa recorri a passeios de carro para uma espécie de *trottoir* pelas áreas usadas para engates homoeróticos no centro de Teresina. Principalmente com destino à Tontura, vivenciando a experiência do campo em conjunto. Abrindo a possibilidade de construir o significado como resumo de experiências e, em certa medida, essas vozes recriaram – como um eco – a pluralidade do objeto.

Segui, dessa forma, as instruções para o trabalho de campo descrito por Oliveira (1996), em que o papel do pesquisador ao realizar o estudo etnográfico estaria atrelado a despertar os sentidos do - olhar, ouvir e escrever. Ambos deveriam trabalhar sempre em conjunto, cabendo ao antropólogo a consciência de que as relações subjetivas estarão sempre presentes no vínculo entre pesquisador/interlocutor. Entender isso, abre a possibilidade do antropólogo criar uma afinidade com os entrevistados, sem que assim se estabeleça uma contaminação com o discurso do nativo.

Sem querer formalizar demais, a experiência de campo – mais precisamente, este texto – surge do encontro entre estas múltiplas subjetividades, mas também da procura de aproximá-las, no esforço de fazê-las compreensíveis ou apenas comunicáveis. Por isso, reitero

---

<sup>3</sup> Com essa denominação refiro-me a um grupo, relativamente estável, que acompanhou muitas de minhas entradas a campo. Eles terminaram sendo o alvo de dúvidas e reflexões, testei junto a eles a plausibilidade de minhas interpretações que sempre os tiveram como primeiros destinatários e, obviamente, seus comentários ajudaram defini-las.

a importância da figura dos sujeitos como intermediários na formação de sentido, além da óbvia tarefa de me auxiliar na construção da confiança necessária.

Vale ressaltar que orientei as entrevistas a três grupos: o primeiro, composto de frequentadores da Tontura; o segundo grupo, os “entendidos”<sup>4</sup>; e um terceiro, integrado por uma quantidade pequena de sujeitos, que apesar de não vivenciarem o local e/ou realizado práticas similares, mantinham julgamentos morais e éticos sobre o objeto da pesquisa.

É importante pontuar que mesmo tendo proximidade com o campo e alguns interlocutores, tentei fazer o necessário distanciamento “objetivante”. Muitas vezes fazendo perguntas genéricas que, mesmo sabendo das respostas, os deixavam livres para falarem o que quisessem, focando minha escuta “sobre” e de onde surgissem novos e impensados vieses. Num segundo momento, retornei a estes sujeitos com algumas reflexões para a apresentação e análise, tais trocas deram confiabilidade às minhas descrições, sínteses e propostas de desdobramento para a pesquisa.

Dessa forma, as entrevistas reúnem interlocutores de 20 a 39 anos. Em conversas que, sem roteiro prévio, duraram entre 40 minutos e 4 horas, sendo administradas a 14 sujeitos. Por exigência de alguns interlocutores, diretamente vinculados a alguns ambientes estudados, optei – mesmo por questões éticas – por modificar, sombrear nomes e localização exata de estabelecimentos particulares, embora perseguindo sempre a fidelidade na descrição etnográfica.

Ressalto o acréscimo de cinco entrevistados com o intuito de fundamentar a reconstrução histórica de Teresina (em que os dados são evidenciados majoritariamente no primeiro capítulo). Desta maneira, foram selecionados homens de idade entre 40 a 70 anos, com os quais em entrevistas individuais e coletivas, discutimos e confrontamos informações sobre os dados, tendentes a estabelecer uma cronologia dos pontos homoeróticos do centro da cidade.

Destaco que, em consonância com o compromisso citado, os nomes dos interlocutores desta pesquisa foram alterados pela alcunha de pessoas vítimas por crime de LGBTfobia. Todos os delitos dos quais foram extraídos os nomes estiveram amplamente expostos pela

---

<sup>4</sup> Termo utilizado por Perlongher (1987, p. 27) para designar “aqueles que ainda sem se envolverem diretamente no negócio, participam das transações do mercado homossexual e conhecem os mecanismo da prostituição viril”. Ou seja, conhecedores e não necessariamente participantes.

mídia e enquadrados como suicídio ou infrações de preconceito, seguidos de agressão física e mortes ocorridas no Brasil.

As entrevistas foram feitas entre setembro de 2018 a janeiro de 2019, em locais sugeridos pelos interlocutores. Defrontamos que a questão do anonimato implicou a busca lugares tranquilos para as conversas, ocorrendo somente com a presença do pesquisador e dos sujeitos selecionados, o que permitiu longos diálogos.

A Tontura pode ser vista, então, como algo “em si”, que não responde isoladamente ao ambiente (o local), ao social (a somatória dos participantes) e nem ao indivíduo (das características de suas expectativas e desejos). Pode-se supor uma força que surge da interação de todos esses elementos e que resulta em uma ordenação, uma resultante que impõe sentido ao conjunto das experiências, cria padrões complexos e com alto grau de adaptabilidade. Essas forças operam interações e que em um certo momento, concentram uma heterogeneidade de sujeitos que partilham desejos comuns e permitem que certos comportamentos apareçam ou desapareçam, incluam ou excluam novos agentes.

Se a Tontura é operada por práticas homoeróticas (hábitos historicamente reprovados por uma parcela da sociedade), podemos perceber assim, que não se trata de um local com premissa para execução de tais comportamentos. Resultando em ações de controles autorregulados pelo grupo para administração das condutas, das normas e dos frequentadores.

Embora não consideremos identidades homogêneas, fixas ou imutáveis, podemos compreender a Tontura por constantes atravessamentos de subjetividades. Sendo que esses marcos comportamentais agem para delimitar o controle de expressão e experimentação dos sujeitos.

Como certas práticas da Tontura não remetem a uma atitude individual, nem deliberadamente subversiva, suas avaliações também não refletem tal perspectiva. Logo, podemos pensá-la como emergente das práticas de pegação e transgressão dessa categoria?

Entendo aqui a transgressão como interrupção ou superação dos limites das práticas que “surpreendem” o desejo do praticante. Logo, transgressão é o que leva o sujeito a experimentar e performar um caminho de possibilidades viabilizadas a partir da quebra da vontade socialmente endurecida. Surgindo uma performance sem coreografia pré-estabelecida, nem imposta deliberadamente. Algo que “toma” os desejos individuais e lhes dá forma, transitória, arrojada, irreconhecível – a Tontura.



Esclareço que recorri a ferramenta “itálico” na construção do texto para dar ênfase e valor a palavras e conceitos inseridos de forma premeditada e intencional. E de outra forma, no início dos capítulos, recorri a tal recurso como destaque introdutório de análises e recortes advindos do meu diário pessoal.

Desta maneira, o primeiro capítulo tem como característica um levantamento histórico. Nesse ponto, o relato organiza a nível local diferentes visões na construção de um espaço homoerótico público em Teresina. A imagem social do centro da cidade e como se deu a ocupação e transformação do uso das ruas e espaços pelas vivências homossexuais desde a década de 60 até o fechamento da coleta de dados para este trabalho

No segundo capítulo, nos concentramos na tentativa de desenhar a Tontura como *lugar* - sua história, suas mudanças, suas práticas e algumas reflexões necessárias para definir a abordagem. Neste momento, os sujeitos contribuíram no entendimento da Tontura como experiência prática, resultando no esforço de pensar os acontecimentos que se executam no meio do coletivo, ou seja, aqueles que se realizam no espaço de maneira aberta, visível e perceptível.

O terceiro capítulo concentra-se em delimitar os participantes da Tontura. Na tentativa de, além de esquematizar, também identificar a concentração dos dispositivos que guiam o desejo em relação à produção e controle desses habitantes. Para então, conceber uma reflexão sobre a construção de masculinidades.

O quarto capítulo é a tentativa de explicar o que parece não ter explicação (...) e de certo, não há. Em vista disto, a procura de conclusões não guiará o último momento do trabalho. Apenas propõe um enquadramento sugestivo e questionador da relação entre conceitos: erotismo, festa, transgressão e aqueles provindos da antropologia da performance para refletir sobre o estado das forças que geram e alcançam sua máxima expressão coletiva na Tontura - experiência da festa orgia.

Dessa forma, gostaria que as reflexões de caráter histórico e bibliográfico sirvam como lentes para graduar um olhar menos etnocêntrico e mais cortês – sem deixar de ser questionador – com o objeto de pesquisa. E por fim, espero uma leitura tão delicada quanto prazeroso foi o esforço da escrita.

## 2 TERESINA: PEGAÇÃO SEM MEDO E SEM CULPA

*Viver a sexualidade abertamente pode ser um caminho difícil, principalmente através dos medos envolvidos no fazer “sexo”. Creio que libertar suas fantasias tecem sua trajetória na descoberta e reconstróem constantemente suas memórias e lembranças<sup>5</sup>. Sobretudo, quando estabeleço a relação de Teresina com minhas vivências em outros locais do Piauí onde morei.*

*Primeiramente, convém destacar que em outros locais do estado sempre convivi com uma sexualidade reprimida e, ao conhecer as possibilidades da vivência aberta em Teresina, tornei-me um assíduo frequentador para dar vazão aos meus relacionamentos afetivos e sexuais. O que me fez perceber a aceitabilidade em espaços abertos e sociais sobre as relações homoafetiva e a oferta de locais destinados ao público, que é carente em outras regiões do estado.*

*Porém, nesta pesquisa, tentei colocar minhas subjetividades entrelaçadas com as do grupo selecionado e com o imprescindível esforço de transformar o conhecido em estranho. “De tal modo que vestir a capa de etnólogo é aprender a realizar uma dupla tarefa que pode ser grosseiramente contida nas seguintes fórmulas: (a) transformar o exótico no familiar e/ou (b) transformar o familiar em exótico” (MATA, 1978, p. 28).*

*No entanto, é inevitável que no fazer etnográfico não nos isentamos da possibilidade de afetar e ser afetado, de sermos atravessados por conta da conexão estabelecida durante a convivência em grupo. Nesse sentido, Peirano (1995, p. 08) afirma: “as impressões de campo não são, portanto, apenas recebidas pelo intelecto, mas exercem um verdadeiro impacto na personalidade total do etnógrafo, fazendo com que diferentes culturas se comuniquem na experiência singular de uma única pessoa”.*

*Portanto, escolher Teresina e sua “Tontura” me parecem uma decisão direta, e de força primordial: acessar um local em que pudesse desenvolver livre contato com o ambiente e sujeitos envolvidos, uma abertura à densidade e veracidade de informações que poderia junto construir e perceber.*

---

<sup>5</sup> “A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente” (HALBWACHS, 1990, p. 71).

*Resumindo, detinha de um local com certa intimidade e liberdade antes de iniciar a pesquisa. Ocasionalmente, o resto se deu de forma gradual e espantosa, com o surgimento de inúmeras dúvidas e informações apontadas. Em contrapartida, a falta de aporte teórico literário sobre o campo estudado, me fez recorrer às lembranças dos sujeitos.*

*O que trago neste primeiro capítulo é justamente a recomposição da literatura entrelaçada com as memórias relatadas pelos interlocutores selecionados. Desta forma, conversei com cinco homens, de idades entre 40 a 70 anos, esclarecendo que não os incluo como interlocutores efetivos desta pesquisa, pois somente contribuíram na reconstituição biográfica de Teresina. Tais informações dissolvidas no capítulo reúnem as percepções afetivas dos homens sobre os locais, de modo a sustentar uma divagação histórica e analítica sobre o campo de pesquisa escolhido – o cruzamento entre Teresina e a Tontura.*

## **2.1 Anteâmbulo**

Em 1992, Daniela Mercury interpreta e dá voz à música "*O canto da cidade*". Entre as vibrações fortes da música, a cantora poderosamente comunica-se pela voz do "gueto": "*A cor dessa cidade sou eu / O canto dessa cidade é meu / O gueto, a rua, a fé / Eu vou andando a pé pela cidade bonita*".

Os versos me inspiram a pensar que os sujeitos que cantam a cidade nesta pesquisa ajudaram de maneira diversa a construir o objeto de conhecimento. Incluindo os inúmeros trabalhadores que chegaram em Teresina para levantar as primeiras obras. Os vendedores ambulantes que faziam sua renda na praça Saraiva, enquanto essa era ainda uma rodoviária. A presença dos michês, dos "marginais", das prostitutas e toda a diversidade de sujeitos que foram vistos como transgressores e passaram pelos processos de "higienização social" da cidade. Todos (as) colaboraram na construção subjetiva e política do que viria a se chamar Tontura.

Assim, anos depois da presença e atravessamentos desses sujeitos, volto ao lugar para analisar as práticas sexuais entre homens. Dispondo-me a fazer um esforço reflexivo da travessia histórica dos espaços, dos grupos e das práticas homoeróticas.

As informações abordadas neste capítulo abrem a possibilidade de analisar no tempo/espaço – mesmo moderadamente – as relações homoeróticas da cidade, sejam elas em lugares públicos ou privados. Conseqüentemente, permite-nos o exercício do pensamento

dentro de um contexto histórico e político de afirmação das identidades e das ocupações dos espaços.

Em síntese, contribui para refletir as questões da estigmatização social, dos processos de higienização iniciados pelo Estado, da propagação da AIDS e a sua associação com os homossexuais, o que resultou nos atravessamentos do uso das ruas e das práticas sexuais.

## 2.2 Teresina: confluências e divergências

Teresina é a capital do Piauí e o município mais populoso do estado. Em 2018, de acordo com dados do IBGE<sup>6</sup>, estimava-se que a população total reunia aproximadamente 861.442 pessoas, considerando a notória<sup>7</sup> confluência do fluxo de indivíduos das cidades vizinhas.

Tal aproximação geográfica da capital viabilizaria o usufruto estrutural da cidade, como por exemplo, a maior facilidade e disposição da oferta de emprego, estudo, saúde e possibilidades de lazer (reiterando também a maior oferta de espaços para encontros homoeróticos/homoafetivos). Considero, evidente e inegável, que ao sociabilizar nesses ambientes sempre encontrei tanto moradores de cidades vizinhas, como também, a presença de homens oriundos do forte turismo que a cidade dispõe.

Entre os sujeitos pesquisados, é frequente a reflexão da evolução sócio temporal da cidade. No imaginário local, nos últimos anos Teresina viria apresentando uma transformação da oferta de espaços destinados ao lazer e entretenimento utilizados pelos gays<sup>8</sup>. Vale ressaltar que, de acordo com os relatos colhidos nesta pesquisa, a cidade estaria atualmente com um avançado crescimento e desenvolvimento na oferta mais “estruturada”<sup>9</sup> dos espaços de sociabilização e lazer LGBTI<sup>10</sup>.

Com bases em análises do campo abordado, compreende-se que historicamente a oferta para os encontros homoeróticos se resumiam aos grandes centros urbanos e turísticos. De acordo com Reis (2015), Teresina foi projetada para ser a capital do Piauí, sendo

---

6 Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Disponível: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/teresina/panorama> >, acesso em 27 outubro de 2018.

7 Impressões pessoais reverberadas em conversas que mantive durante a construção desta pesquisa.

8 Dirijo-me aqui especificamente aos homens que fazem sexo com outros homens, que são os sujeitos analisados na minha pesquisa.

9 Análise retirada dos discursos que abordam a melhoria da infraestrutura dos locais LGBTI surgidos nos últimos anos em Teresina, acompanhado de reflexões sobre o estigma que esses espaços sofriam por serem lugares estigmatizantes dos sujeitos que os frequentavam.

10 Utilizo a denominação estabelecida para elencar a abreviação do universo que elenca “lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, pessoas trans e intersexo”, termo aceito e utilizado atualmente pela ONU (Organização das Nações Unidas).

organizada pelo Conselheiro Saraiva e executada em 1852. Atualmente a cidade está subdividida “em quatro zonas político-administrativas: norte, sul, sudeste e leste, além de áreas fora do perímetro urbano e do centro” (REIS, 2015, p. 32-33).

Atualmente na zona leste, por ser a última região povoada, encontram-se as famílias com mais condições financeiras e que buscam o afastamento dos bairros populares, passando a demarcar seu posicionamento geográfico como um espaço de privilégio e prestígio. Por outro lado, o centro se consolidou como região onde se desenvolve o centro financeiro e comercial. Recaindo para as zonas norte e sul os espaços periféricos e de maior migração de famílias com condições financeiras menores (GALLAS, 2013; REIS, 2015).

Antes de Teresina ganhar tais contornos, a cidade passou por um processo de expansão no período percebido entre 1950 e 1970. No qual, “viveu um processo de transformações econômicas e sociais ligadas diretamente ao modelo econômico proposto pelos governos populistas e militares” (ARAÚJO, 2012, p. 3).

Criou-se então a imagem da “cidade sonhada, onde se almejavam melhores condições de vida. Os sonhos do progresso, de que a capital estava crescendo, que teria escola, saúde, emprego e moradia para todos que viessem morar em Teresina” (NASCIMENTO, 2007, p. 196). Seduzindo um número crescente de moradores atraídos pelas oportunidades, o que desencadeou o crescimento populacional desenfreado.

Outro ponto a se evidenciar em Nascimento (2007, p. 198), é que tais fatores fizeram com que Teresina entrasse num processo de explosão demográfica que ampliou o crescimento dos problemas sociais. “Em 1950 a população total de Teresina era de 90.723 habitantes, mas já na década de 1970 ela tinha saltado para 363.666 habitantes. O censo demográfico de 1980 indica que moravam na cidade 538.294 pessoas”.

Em vista dos surgimentos dos problemas sociais relacionados aos “costumes e práticas dos homens e mulheres que chegam do campo, motivam representantes do poder público a se pronunciarem em relação à limpeza pública” (NASCIMENTO, 2007, p. 199). Essa limpeza destinava-se a questão da higienização dos espaços, concentrando a responsabilidade aos “pobres pelas mazelas da capital do Piauí, acusando-os de agirem de forma incivilizada” (NASCIMENTO, 2007, p. 199). Importante considerar que tomamos como foco o recorte do espaço do centro da cidade, com convergência na praça Saraiva, pela proximidade com o espaço que delimita a chamada Tontura.

Nesse jogo de interlocuções entre os processos de higienização e os problemas sociais agregados à praça Saraiva, é perceptível o apoio social de respaldo ao prefeito de Teresina da

época e o afastamento dos “rejeitados” que viviam ali. Fato ocasionado pela convivência dos muitos grupos populares que trabalhavam no local e “uma vez que a Praça Saraiva foi, por muitos anos, o terminal rodoviário interestadual da cidade” (NASCIMENTO, 2007, p. 199).

Trata dos alimentos que ali são comercializados, destaca as condições precárias das instalações nas quais são produzidos, sob a sombra de árvores. A expressão “invadir, muitas vezes, de forma abusiva” chama a atenção para o fato de que a administração municipal os tolerava, mas havia vozes contrárias à presença dos vendedores ambulantes no logradouro, sendo ainda emblemático lembrar o ato do prefeito que permitiu a instalação de um estacionamento de “automóveis de praça”, como eram chamados os carros de aluguel, uma permissão que significava a cobrança de impostos pelo espaço “concedido”. Porém, o cronista deixa transparecer que a ocupação do espaço público pelos vendedores ambulantes não passava por nenhum controle do município, daí o afastamento deles “de forma moderada” (NASCIMENTO, 2007, p. 200).

Com base nessa perspectiva histórica dos anos 70, já visualizávamos a imagem da praça mantida entre a marginalização, a prostituição e um espaço ocupado pelos homossexuais. Diante de todas essas discussões, podemos perceber claramente que o centro da cidade tomou olhares vigilantes. Santos (2013, p. 27) aborda que por exemplo, “a Praça Saraiva, em 1975, era para a polícia um local em que se concentrava um grande número de marginais”.

A Praça Saraiva, em pleno centro da cidade, continua sendo ponto de encontro preferido de marginais, batedores de carteiras, desocupados, homossexuais e mulheres de prostíbulos. Muitos vagabundos encontram ali um repouso ideal na madrugada nos muitos dormitórios, pelo preço de Cr\$ 5,00 (cinco cruzeiros). Ultimamente, a operação arrastão tem encontrado um grande número de desempregados e pessoas sem documentos, os quais têm sido detidos ou recolhidos ao xadrez. Mas, a Praça Saraiva como outros continua sendo um dos grandes problemas da capital piauiense (Jornal O Estado apud SANTOS, 2013, p. 37).

Como vimos, Teresina foi traçada e planejada, sendo a Praça Saraiva um componente desta “organização”. Segundo relatos dos sujeitos desta pesquisa, a praça na sua construção original detinha de outra estrutura geográfica, na qual existia um sinal rotatório em que os carros podiam cruzar todo o ambiente, e que somente na segunda reforma isolaram o recinto com uma grade para a retirada da Rodoviária dessa delimitação. Outro ponto que cabe ser ressaltado é que o local sempre foi escuro, favorecendo que este espaço se tornasse propício para a pegação, principalmente entre homens.

**Imagem 1: Foto da praça Saraiva**



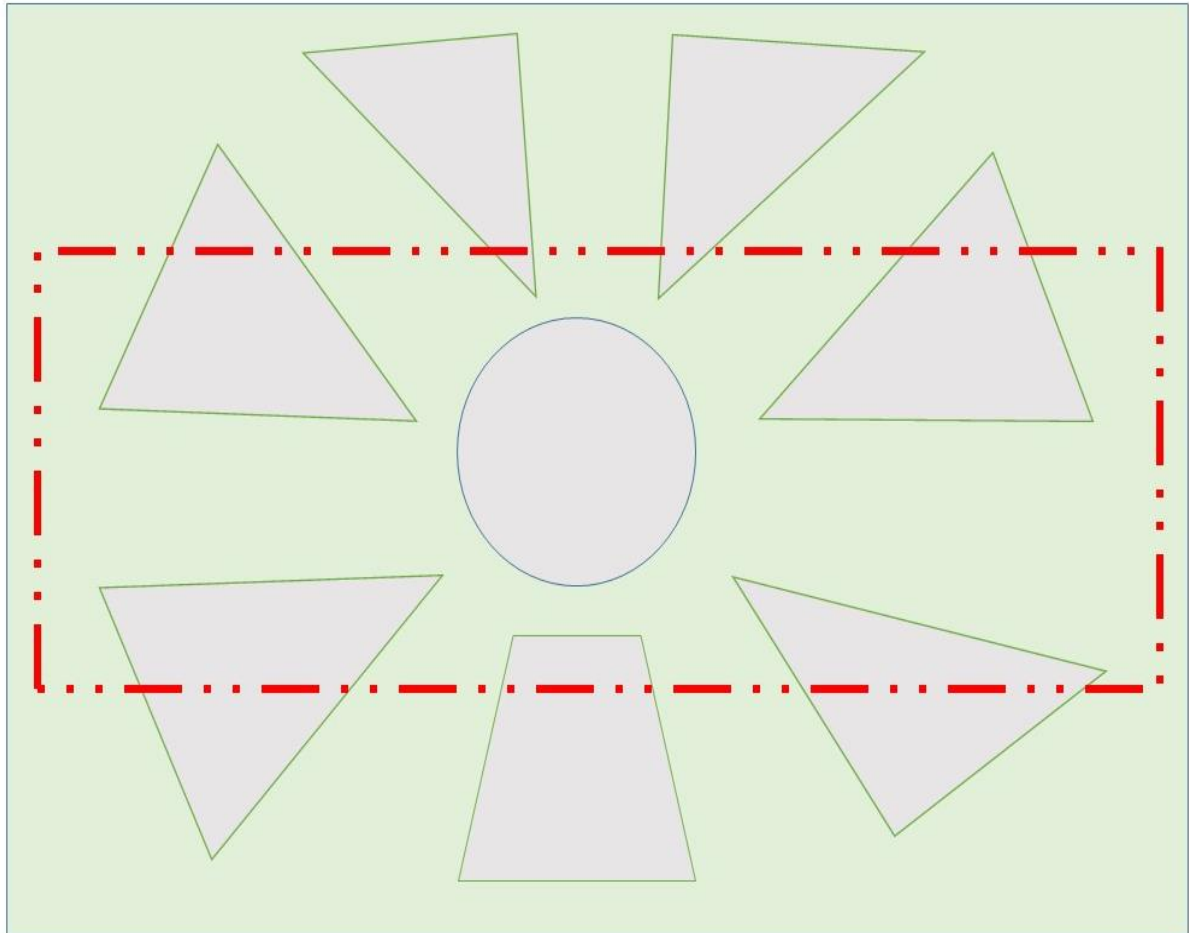
Fonte: imagem retirada pelo autor (janeiro de 2019).

Seguindo esta imagem representacional, sugeri que um dos entrevistados rememorasse e retratasse as lembranças através de um mapa afetivo<sup>11</sup> (Imagem 2), na qual sintetizasse um roteiro do espaço a partir das sensações e emoções envolvidas. Ou seja, um mapa baseado nas experiências que viveu em pontos-chave. Sendo assim, o contorno em vermelho reúne a maior concentração de arbustos e onde foi relatada a pegação.

---

11 “Os mapas revelam a afetividade e indicam a estima com relação ao entorno, apontando assim o nível de comprometimento dos sujeitos com o mesmo, proporcionando-nos também um conhecimento da comunidade e das suas especificidades através dos sentimentos de seus moradores, havendo, assim, uma superação da dicotomia entre cognição e emoção” (FERREIRA, 2006, p 56-57).

**Imagem 2: Representação do Mapa Afetivo da Praça Saraiva (janeiro 2019)**



Fonte: representação digital feita pelo autor.

Ao considerar essa perspectiva, é importante enfatizar que a rua da Tontura atualmente é a relocação da área de pegação da praça. Como processo temporal, o local foi se deteriorando, e a perda dos elementos necessários, principalmente da arborização e o “processo de higienização” resultaram na migração para a atual conformação espacial da Tontura, remontando aos anos 2000.

Há de se considerar, que a Tontura hoje vive um período de declínio, em que outrora o fluxo era bem mais intenso. Todavia, a memória afetiva faz com que ainda exista um grande fluxo nos fins de semana e principalmente em dias de grandes festividades que acontecem na cidade.



### 2.3 Do ambiente e vivências em espaços

Fabiano Gontijo (2009), em seu livro *“O rei momo e o arco-íris: homossexualidade e carnaval no Rio de Janeiro”*, tematiza uma etnografia sobre o ritual anual. Para o autor, os sujeitos que carregam uma imagem de “estigma social” resultante de um processo social, que recaem numa imagem de “minorias”, tentam formar “espaços de sociabilidades” baseados nas suas afinidades culturais. Em Teresina, dentro da possível compatibilidade entre os sujeitos que buscavam encontros (homoafetivo/homoeróticos), surgiram bares, boates e festas alternativas como forma de dar vazão à sua sexualidade.

A revelia dessa imagem, encontrava-se em Teresina a rua Paissandu, localizada no centro de Teresina e famosa na década de 70 por concentrar uma notável zona de meretrício, propiciada por sua proximidade com o centro da cidade<sup>12</sup>.

A cidade é retratada nesta época por uma regulação (toque de recolher), como por exemplo, o desligamento das luzes às 22h de alguns pontos. Somado a isso, a presença descrita de um pequeno porto de cargas atraía a assiduidade de homens, na qual se estabeleceu a concentração dos primeiros cabarés de Teresina.

As memórias dos entrevistados remontam que em 1970 já existia um “bar gay” na Paissandu – um galpão a meia luz, na qual os frequentadores ficavam sentados em cadeiras ao redor de diversas mesas espalhadas pelo local. Apesar disso, não foram relatados momentos em que houvessem grandes exposições afetivas e sexuais, o bar funcionava principalmente como ponto de encontro e paquera.

Já nos anos 80 era famoso o banho na coroa do rio, no qual homens e mulheres aos fins de semana eram atraídos por programações artísticas, precisamente “luaradas<sup>13</sup>” e festinhas, e que de forma mais tímida era possível recorrer à paquera homossexual.

Até meados dos anos 80 é relatado que não existiam bares denominados “gays”, o que existiam era bares classificados pelos sujeitos como *gay-friendly*<sup>14</sup>; e o termo usado para classificar os homens gays até então era “*entendido*”<sup>15</sup>.

Com relação ao início da pegação, existem narrativas abordando que nos anos 80 eram famosos os pontos: *praça Saraiva; praça Pedro II; parte posterior da igreja são Benedito e*

12 O centro da cidade é citado como referência da época a Praça Pedro II.

13 Festas que aconteciam a noite, sob a luz do luar.

14 É um termo utilizado para se descrever lugares públicos ou privados que são receptivos ao público gay, ou seja, a membros da comunidade LGBTI (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgêneros, etc.)

15 Termo apontado pelos interlocutores para designar que não havia a classificação como homens “gays”, mas sim, eram chamados de “entendidos”.

*outros pontos menos tradicionais do centro.* Dentre a realidade desses locais, haviam homens em que a explícita demonstração do pênis era um chamativo para a pegação. Logo após, nos anos 90, a praça Saraiva já era amplamente conhecida como ponto de pegação, propiciadas pelos densos arbustos centrais, acontecendo à noite e principalmente em dias de festas (na volta ou mais cedo), quando escurecia, em que homens se emaranhavam nos arbustos para fazer pegação homoerótica.

Dentre os relatos, a primeira boate gay foi inaugurada em 1981 e era chamada “Scorpions”, e contava com estrutura com pista, neon, DJ, bar e banheiros. Diante da realidade relatada, a partir daí a cidade começou a ter sempre um bar/boate gay. No entanto, o centro de Teresina viveu sua efervescência gay durante os anos 90, estimulada pela inauguração da boate chamada “Pride”, localizada na 24 de janeiro. Cabe salientar que o estabelecimento durou mais ou menos 10 anos e deu uma guinada de forma substancial na noite gay de Teresina.

Paralelo a essa reflexão, para Silva e Moura (1995), a década de 90 é caracterizada pelo número crescente de boates e bares “gays” em Teresina. Em que os gays se isolavam cada vez mais nesses ambientes com medo de frequentarem “locais heteros” e assim, serem reconhecidos e associados às suas sexualidades, sofrendo retalias.

Observamos que a clandestinidade do “gueto” parece produzir uma certa sensação de prazer nas pessoas, por representar transgressão da ordem; ou seja, pelo fato de não ser um lado instituído, portanto proibido. O “gueto” oferece uma maior liberação dos costumes, passando assim uma imagem de total Liberdade de ação, mas que, quando uma pessoa ultrapassa os limites estabelecidos pelo próprio “gueto”, essa ação é reprovada. Portanto, percebe-se uma ordem, um padrão estabelecido no âmbito do “gueto”, e se alguém transgredir essa ordem, terminará sendo criticado (MOURA; SILVA, 1995, p. 31).

Dessa forma, o “gueto” seria responsável em exercer certos controles. Ao passo que é interessante pontuar que “a transgressão da ordem, o proibido, a não institucionalização do ambiente, o novo, o diferente consegue provocar um estado de excitação nas pessoas. É como se estivessem desafiando a moral estabelecida” (MOURA; SILVA, 1995, p. 32).

As autoras constataram ainda, a miscigenação de segmentos sociais e econômicos dos guetos de Teresina em 1995. Na qual, “os guetos eram frequentados por todos os segmentos (rico e pobre); também por todos os protótipos de homossexuais: o homossexual machão, a bicha louca, o travesti, a mulher masculinizada (sapatão), a mulher homossexual afeminada (lésbica-chic)” (MOURA; SILVA, 1995, p. 42).

Conseguimos desta maneira captar que na cidade, e em determinados momentos, concentravam-se estigmas de boates ora “elitizadas”, ora destinadas a um público “periférico”. De maneira elucidativa, foi relatada a existência da extinta boate “*Cutruco*”, situada próximo ao Luxus Hotel no centro da cidade, em que originariamente o local era voltado ao público popular, e aos que frequentavam recaiam diversos estigmas.

Outro exemplo é o bar “*Plataforma*”, este, por sua vez, era um bar descolado, apontado como divisor de águas e um local em que se concentrava um público elitizado, consequentemente, foi o primeiro bar a deixar de ser “gueto gay” e se popularizar a um público mais amplo.

Diante dos fatos, em outubro de 1994 surge na cidade uma festa itinerante chamada “*Conexão Bine Iubita*”, promovida por Jorginho Medeiros. A primeira edição foi realizada na boate “*Sótão*” - a única de Teresina que funcionava na parte superior de um prédio - em que as outras edições tentaram diversificar sempre os locais e se expandir a outras regiões da cidade. A festa tinha o intuito de ocupar novos espaços além do centro e conquistar públicos diferentes, inclusive para a zona leste e para cabarés tradicionais da cidade, como por exemplo o cabaré da Pretinha e o da Beth Cuscuz.

A festa era baseada em outras que ocorriam na mesma época em São Paulo e Minas Gerais, e eram principalmente fortalecidas perante a ausência da internet e a busca pela descoberta da sexualidade. De modo que, apesar de não acontecer sexo explícito na festa, esta era um ponto de possíveis encontros e de histórias que ficaram marcadas pelo evento.

De maneira geral, dentre os relatos colhidos, não foi percebido vergonha ou medo ao frequentarem os bares ou festas destinadas ao público LGBTI, pois o veredito era sempre coabitar tais locais por conta da maior abertura às vivências das suas sexualidades.

## **2.4 Histórias de outrora contadas agora**

Se relacionar com outros homens nos anos 80 estava atrelado a uma série de limitações, e apesar dos entrevistados não sentirem o peso forte da homofobia - a rejeição social ou a violência urbana- os seus comportamentos e performances eram tolhidos e cautelosos. Naquela época, não se podia pegar na mão ou conversar abertamente sobre suas sexualidades, o que buscavam como ponto de fuga viver no “gueto<sup>16</sup>”. Dentro desse contexto,

---

<sup>16</sup> Termo usado pelos entrevistados para dar configuração aos locais que fossem permissivos as vivências homoafetiva

“viver o gueto”, significava ficar à vontade, rir abertamente das histórias do grupo, ir com o namorado e até mesmo beijar na boca dos seus parceiros.

Portanto, Santos (2013) em sua dissertação “*A morte do carteiro e outras histórias*”, aborda sobre quatro crimes ocorridos na cidade de Teresina nas décadas de 1970 e 1980, nas quais a suposta homossexualidade dos mortos eram ligadas direta ou indiretamente aos crimes.

A morte de Helzano torna-se o tema central da dissertação de Santos (2013), apontada como uma grande violência marcada e noticiada pela imprensa local. Ainda que a deliberação oficial do crime não remeta a uma relação direta com a homofobia, os sujeitos entrevistados pouco comentaram o caso. Diante de tais premissas, os crimes são colados de forma isoladas, nas quais os argumentos apanhados referem-se que historicamente a cidade é marcada por um clima de aceitação e respeito as relações com casais do mesmo gênero, principalmente as afetivas.

A pesquisa de Silva e Moura (1995) intitulada de “*Teresina, mostra tua cara!*”, acompanhou homens e mulheres gays que viviam nos guetos em Teresina. A noção de “gueto” apesar de não ser homogênea, toma forma conceitual quando é permeada pela tentativa de caracterizar os locais em que os homossexuais se reuniam. Neste aspecto, os locais frequentados, destinados e pensados a esse grupo, seriam uma configuração do gueto gay em Teresina.

Para os sujeitos da pesquisa citada, o “gueto” seria o local em que o medo de ser discriminado poderia ser deixado de lado, criando outras categorias de inclusão e exclusão. O medo também se aplica com relação à segurança pública, e nesse momento, estes espaços estariam se configurando de forma não reconhecidas, o que impediria a proteção legal desses ambientes.

De acordo com os homossexuais entrevistados, o gueto oferece boa música, identificação da condição homossexual, um alto-astral, uma liberdade. Mas por outro lado, cobra um bom perfume, uma boa roupa, um destaque na vida social e dinheiro para assegurar uma saída, pois, geralmente são lugares caros. Também não se oferece muita segurança, por não serem locais oficialmente reconhecidos e, portanto, não protegidos pela lei (MOURA; SILVA, 1995, p. 26).

As reflexões dos sujeitos da pesquisa citada expõem a imagem do “gueto” como um lugar “democrático”, em virtude disso, podia-se viver e se expressar livremente para agir inclusive conforme seu “eu” verdadeiro. “É no gueto que há a liberdade da ação”. A busca

pelo gueto é a busca pela identificação na cidade, a busca “do igual”; é encontrar-se no gueto que o sujeito é levado a “perceber que não está sozinho mundo” (MOURA; SILVA, 1995, p. 29).

De acordo com Silva e Moura (1995), a busca por visibilidade não foi o suficiente para que estes sujeitos pudessem se agrupar e formar uma organização ativa. Tendo como exemplo a fracassada tentativa de formar um grupo em 1980 denominado - “*grupo Free*”, resultante do medo de exposição dos participantes, acrescentado que até a finalização do seu trabalho, nenhum outro grupo havia sido configurado.

Em conclusão, ficou claro em diálogos com os homossexuais acima dos 50 anos que a luta por direitos foi marcada com certas divergências ao eixo Rio – São Paulo. O enfrentamento em Teresina se encontrou firmado na ocupação dos espaços, em mostrar as suas existências e na abertura de territórios hoje usufruídos por toda a comunidade LGBTI. Nas quais, as buscas por visibilidade e pela apropriação dos ambientes conceberam uma abertura à posse e direito a lugares, política, sociedade e instituições. Criando assim, um ambiente “confortável”, de “igualdade” e de identificação com grupos distintos. “*Nós vivemos sem medo, apenas vivemos (...) fomos felizes*”, retratou um entrevistado.

Em Teresina, uma militância como coletivo organizado somente tomou forma com o percurso do movimento “*Matizes*”<sup>17</sup>. O que provocou diversas outras formações em grupos fechados aos coletivos de “gays, lésbicas, bissexuais, travestis ou transexuais”.

## **2.5 AIDS: a visibilidade e o seu reverso.**

Fundamentados nos estudos dos enfrentamentos LGBTI – Parker (2002), Perlongher (1987), Trindade (2003), em termos de produção de conhecimento sobre fatos e implicações teóricas nas pesquisas sobre homossexualidade dos anos 80, é preciso ressaltar o momento em que a Medicina identifica o vírus da AIDS. Em consequência, as pesquisas mostram algumas atitudes adotadas. Em vista disso, aparecem nesse período medidas como a popularização e a irrenunciável necessidade do uso da camisinha. Nesse estágio, a Medicina e a Educação

---

17 “Criada em 2002 em Teresina, a organização não governamental atua na defesa dos direitos humanos visando à implementação de políticas públicas de suporte e proteção das minorias, com foco na diversidade sexual. Além de receber, encaminhar e acompanhar denúncias de violações dos direitos humanos, o Grupo Matizes desenvolve atividades de formação e educação em saúde, direitos humanos, autoestima do segmento LGBT – promovendo anualmente a Semana do Orgulho de Ser e a Parada da Diversidade”. <<https://fundodireitoshumanos.org.br/projeto/grupo-matizes/>> Acesso em 17/01/2019.

começam a abrir uma verdadeira “castração da sexualidade” de mãos dadas com a necessidade do “sexo seguro”.

O trabalho do antropólogo Trindade (2003), aborda o período do início da década de 1980. Instante em que a epidemia da AIDS invade as relações individuais e sociais dos portadores do vírus e há acréscimo de vários grupos que reivindicavam direitos sociais e visibilidade. Um trabalho sensível que retrata os medos e as inseguranças, onde aqui, permite-se afirmar que este fato engendrou na mudança do uso das ruas pelos homossexuais. Período esse, marcado, em que os gays se tornaram alvos de discriminação e violência. Interpelados duplamente como os propagadores da doença mortal e ao mesmo tempo da insegurança de constituir o grupo de risco da enfermidade.

Trindade (2003) discute que o conjunto dos homossexuais ao se perceber como vítimas da AIDS precisavam de uma mudança: a de tornar o outro “familiar”. Para diminuir os riscos e a insegurança no sexo, o autor argumenta sobre o aumento da monogamia, acrescido de políticas do Estado na contribuição com políticas públicas de saúde, no que diz respeito ao combate e assistência aos infectados.

No período da AIDS, os “homossexuais” de Teresina viveram um certo temor com a notícia, porém abordaram que esta era uma realidade mais dura dentro do eixo Rio de Janeiro – São Paulo, no qual as notícias de mortes de HIV foram frequentemente noticiadas. Consequentemente, o medo fez com que houvesse uma retração e os homens começaram a usar indispensavelmente a camisinha.

Imagem 3: edição da revista Veja do dia 26 de abril de 1989.



Imagem retirada da internet (Google Fotos)

A capa da revista *Veja* de 1989 (imagem 3), retrata a doença do então primeiro artista nacional a declarar abertamente ser portador do HIV. A reportagem que pouco apontava discussões sobre a AIDS, focava no estilo de vida do cantor para, logo após, abordar sua breve sentença de morte. Todos os entrevistados que já estavam vivos citaram a edição e apontaram que olhar para a capa seria olhar a sua “*própria sentença de morte*”. O medo de ser um futuro portador da doença levou o aumento do uso de preservativos, embora estas discussões fossem inviabilizadas e pouco tomaram proporções de alardes em Teresina.

Outro fato muito pontuado nas entrevistas foi que, atualmente, o uso da camisinha na cidade é em demasia mais ignorado que durante a efervescência da AIDS nos finais dos anos 80. Pontuado com preocupação, pois o fato de uma possível geração não ter vivenciado o medo e as consequências da doença, faz com que essa torne-se tão negligenciada durante o ato sexual, e que embora a Medicina não tenha alcançado uma cura, os diversos avanços

surtem com efeito a ignorar a importância da prevenção da doença e sua propagação. O desábito da utilização do preservativo é classificado como *Bareback*<sup>18</sup> ou *barebacking* pelos sujeitos.

A pesquisa de Trindade (2003) traz a reflexão da prática do *barebacking*<sup>19</sup>, pontuando especificamente os homens que se arriscam na prática sexual sem preservativos e que estão em sintonia com um movimento internacional. O autor reflete que talvez essa prática tenha surgido até mesmo antes da AIDS, por conta da prevenção de outras doenças sexualmente transmissíveis e que não poderíamos atrelar a particularidade da prática aos gays, mas refletir que “num momento em que abolir o preservativo significa incorrer em riscos de contaminação de uma doença por enquanto sem cura, essa prática adquire novos sentidos, que só podem ser entendidos dentro de um quadro ideológico peculiar” (TRINDADE, 2003, p. 249).

Diante disto, o atual trabalho aborda a AIDS no momento em que a cara da patologia se torna outra, já não cabe a visão da AIDS que esta detinha no fim dos anos 80 e principalmente através dos avanços de tratamento. A doença ainda está no nosso cenário, agora não mais com a visão de morte, mas na conjectura em que a negligência do preservativo ainda indica o possível aumento de contaminação da doença, que atualmente possui fortes consequências físicas e psicológicas.

## 2.6 Novas formas de viver a cidade

A pesquisa de Gallas (2013) tem como um dos intuitos a construção de um mapeamento dos locais de sociabilização da cidade (abertos e exclusivos), com ênfase principalmente nos locais de convivência dos grupos de homossexuais elegidos.

No estudo, a autora descreve o centro como um dos locais mais movimentados da cidade, em que se concentra uma variedade de segmentos. Desta maneira, a pesquisa esquematiza os locais e fluxos da região central da cidade. Do seu ponto de vista, os “territórios sexualizados” do centro estariam bem estruturados, principalmente com relação às identidades LGBTI.

As travestis se situam nas proximidades dos bares gays e nas ruas escuras, próximas à Avenida Frei Serafim, especialmente na rua Goiás, ou na avenida Maranhão; os michês em torno da Praça Saraiva e Praça Pedro II; e as prostitutas, nas ruas próximas a Avenida Maranhão, onde funcionavam os antigos pontos de meretrício na cidade (GALLAS, 2013, p. 51).

---

<sup>18</sup> Conceito em inglês empregado para se relatar à prática de atos sexuais sem a utilização de um preservativo.

<sup>19</sup> Traduzido da expressão inglesa “montando sem cela”



Hoje em dia essa configuração de certa forma se encontra modificada, pois a prostituição de travestis não se situa mais próximos a bares gays. De fato, antigamente existia a concentração que orbitava perto de bares gays, mas tais locais se encontram fechados. Os pontos atualmente são todos controlados por determinados grupo de travestis e se localizam tanto em lugares claros como na rua 24 de janeiro, como em pontos escuros a exemplo da rua sete de setembro próximo à praça João Luís.

Contudo, a questão do escuro é relativa, perseverando a preferência por pontos evidentes e claros, ocasionado principalmente pela atual violência urbana. Os michês não se localizam mais em torno da praça Pedro II, concentrando-se atualmente próximos ao IFPI do centro e da praça Saraiva. As prostitutas mulheres delimitaram seus territórios em maior parte próximo à Praça da Bandeira e da Avenida Maranhão.

Outra transfiguração percebida, é que atualmente as boates LGBTI migraram para a Zona Sul, novidade em Teresina, pelo fato de historicamente elas funcionarem primordialmente no centro da cidade – embora de forma flutuante.

Diante de tais realidades, não se encontra no presente momento nenhuma boate gay na região medular do centro, ressalvo a boate “*Central Pub*” e o “*Pub 24*”, localizados na região centro Sul de Teresina. Em sua predominância e ascendência, todas as principais boates e bares LGBTI de Teresina se encontram na zona sul – “*Reserva Pub*”, “*Nordx*”, “*Bardx*” e “*Boate Luv*”.

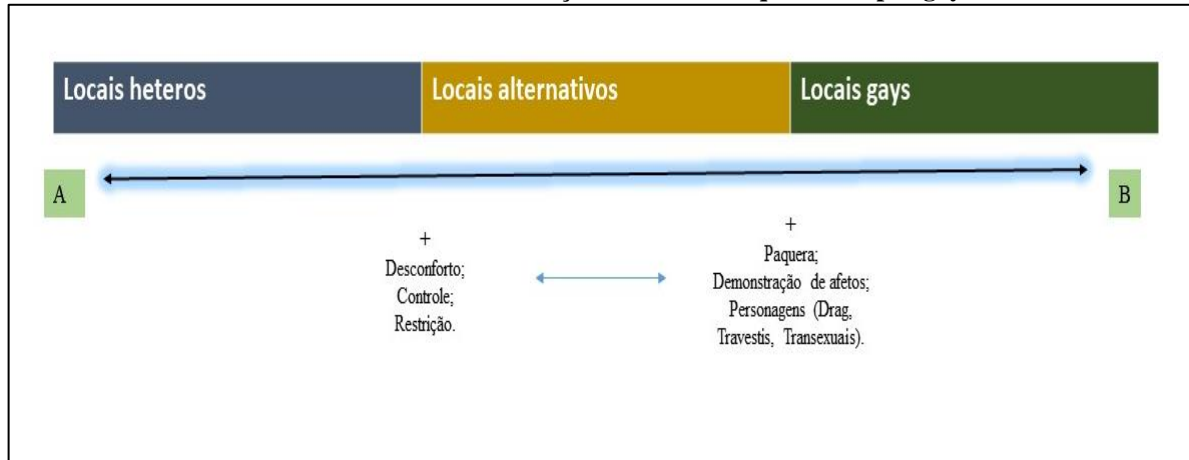
## **2.7 Locais de frequência do público homossexual em Teresina**

Em todas as grandes capitais do Brasil e em diversos estudos – Mott (2000), Perlongher (1987), Parker (2002) – é possível pontuar a atenção das ciências sociais direcionando estudos aos diferentes grupos e espaços urbanos ocupados pelos homossexuais. Em Teresina, esses trabalhos se desenvolvem em maior amplitude nas pesquisas oriundas dos estudos da antropologia e da história – Gallas (2013), Santos (2013), Reis (2015).

Teresina é marcada pela oferta de lugares exclusivos para o público LGBTI - bares, boates, saunas, cinemas pornô e dark rooms. Meus sujeitos nas conversas e no acompanhamento *in situ* me proporcionaram uma dimensão a ser explorada: quais as percepções e os sentimentos que eram atreladas as categorias elucidadas?

Seguindo a coerência, ficou compreensível a classificação em três categorias em descrição aos locais frequentados por gays: a) locais heteros, b) alternativos e c) gays.

Gráfico 1 - Classificação dos locais frequentados por gays



Fonte: gráfico produzido pelo autor.

A síntese dessa classificação dos espaços de Teresina pode ser observada no gráfico acima (gráfico 1). Os locais mais próximos do polo (A) apresentariam maior desconforto, controle e restrição. Esse extremo caracteriza as sensações produzidas pelos locais ditos “heteros”. Assim, quanto mais próximo do polo (B), esse desconforto e insegurança cedem. A escala se refere à diferentes intensidades de ações das formas introjetadas e destinadas a evitar desconfortos sociais pelos sujeitos, confrontando com os lugares mais próximos e compatíveis com uma expressão do seu “eu” não condicionada.

Trata-se de estabelecer, a partir de suas subjetividades, um mapa afetivo que guia seus percursos. Portanto, e obviamente, as preferências expressadas pelos sujeitos coincidem com os locais ditos “gays”. Desta forma, os locais alternativos podem ser vistos com certa liberdade para as demonstrações de afetos e expressões estereotipadas. Apontando algum desconforto na ressalva de que se tratam de locais nos quais a paquera não pode se realizar com desinibição.

Assim, os locais heteros – em sua maioria localizados na zona leste – supõem espaços elitizados e com frequência de maior heterogeneidade. Os sujeitos abordaram que ao frequentar esses espaços seus comportamentos e afetos estariam tolhidos, às vezes por “segurança”. O desconforto e a sensação de controle e restrição os acompanham na classificação destes lugares catalogados como “heteros”.

Por outro lado, os lugares alternativos não são lugares “especificadamente”<sup>20</sup> voltados para o público gay. Porém, com maior abertura para as suas demonstrações de afetos e mais propícios à paquera, contrariando a classificação anterior.

Quase na mesma perspectiva, os locais voltados para o público LGBTI permitem que os sujeitos se sintam livres para se perceberem possivelmente menos tensionados, liberando seus desejos de expressão, afetos e a permissividade da paquera.

O centro atualmente é apresentado por um período de declínio da sua antiga “efervescência sexual”. Pois, a carência tecnológica atuava na necessidade de locomoção para conseguir parceiros sexuais, e era no centro que se encontrava com maior “viabilidade”.

Durante o período de 1995 a 2010 o centro era permeado pela presença ativa de travestis, das drags e do michê. Nesse contexto, as “travestis tradicionais”<sup>21</sup> dividiam pontos do centro, zonas estas demasiadamente concorridas e demarcadas, motivando a ocupação de outros locais da cidade – como o ponto do São Cristóvão na zona leste – por parte das travestis de incorporação recentes na prostituição.

A prostituição masculina girava em sua totalidade também no centro, em que os michês e alguns seguranças recorriam a prostituição masculina com outros homens que buscavam prazer pela região central da cidade.

Em certa perspectiva, as inteligibilidades dessas classificações não devem ser tomadas como compartimentos fechados ou como fronteiras bem demarcadas, mas servem como uma pressuposta classificação.

Seguindo a narrativa, quando os bares LGBTI concentrados no centro da cidade foram fechando seus estabelecimentos, notou-se a abertura de novas casas na zona sul da cidade. Esta migração modificou não somente os bares e boates de local, mas também ocorreu uma renovação parcial dos frequentadores. As travestis, por exemplo, saem relativamente de cena e perdem seu espaço de prestígio. Hoje, pouco se nota a presença de travestis e uma pequena participação da personagem Drag em festas e em trabalhos nas boates da cidade.

Desta forma, me esforço agora em desenhar contornos referenciais e de análises que permitam perceber a pegação e os espaços homoeróticos, reunindo pistas sobre a entrada das diversas estratégias para conquista da pegação. Seguindo vestígios através de experiências

---

20 Aqui não faço referência ao público que frequenta, mas ao imaginário que reside nos entrevistados. Como se os lugares caracterizados como gays estivessem atrelados a espaços pensados e configurados para tal grupo, e que fossem assumidamente e direcionados ao público LGBTI.

21 “Travestis tradicionais” é o termo que remete às travestis que são mais conhecidas historicamente e por serem célebres na noite da cidade.

peçoais, na intenção de descrever de forma breve as trocas simbólicas e os códigos preestabelecidos nestas relações.

## 2.8 Os espaços de pegação homoerótica

Teresina é atravessada por uma construção histórica de locais para o público homoerótico, considerando que o sexo realizado em locais abertos e coletivos favoreceram a caracterização de alguns pontos tradicionais de sexo entre homens. Qualificados pelo auxílio de preferências e disposições de condições por espaços públicos, por ruas vazias, pelo silêncio e/ou pela discricção do centro.

Em suma, apresento de maneira introdutória um traçado de meus alcances narrativos sobre os locais elegidos. É pertinente ressaltar novamente que alterei os nomes dos ambientes, por questões éticas como pesquisador e pelo compromisso firmado. Outro ponto a ser esclarecido é o esvaziamento de detalhes e informações que pudessem caracterizar tais regiões, pois a ideia central é apenas assinar algumas formas de interação sexual da cidade e códigos pertinentes, deixando oculta qualquer espécie de particularização dos lugares elencados.

### 2.8.1 *Cinemas pornôis*

Dada a importância, gostaria de enfatizar que dentre a oferta de espaços de vivência sexual disponibilizados ao público homossexual de Teresina, encontram-se os cinemas. Estes estabelecimentos estão historicamente sempre em contínuos fluxos migratórios, pois há um exercício de dispersão e/ou fechamento e abertura de novos, e sempre detém suas localizações no centro ou em bairros adjacentes.

Os cinemas a qual alcança as minhas experiências, são casas adaptadas a propostas, sempre em locais discretos e cercado de uma sensação de sigilo na sua entrada. Nos espaços internos, encontram-se salas de interações, cabines pequenas e privativas, salas de exposição de vídeos eróticos, contando ou não com sauna.

Podem-se encontrar também uma área simples de fumantes e o curioso *dark room*<sup>22</sup>. Uma porta que carrega a experiência de um quarto em absoluto escuro, em que ao orbitar, o indivíduo passa a desconsiderar a visão e entregar-se a toques passeando por seu corpo. As

---

22 “Dark room” (em português significa “sala escura”).

atividades sexuais encontradas nos *dark rooms* são predominantemente entre homens, que combinam pegação e fantasia conjuntamente.

### **2.8.2 Banheiros de pegação**

Durante as entrevistas e conversas, as experiências eram referenciadas também pela prática do “banheirão”. Os discursos apresentavam que tais locais eram frequentemente procurados por homens para práticas da pegação. Quase todos os sujeitos entrevistados já ouviram, vivenciaram ou já passaram por alguma situação relacionada a pegação em banheiros.

Os banheiros de alguns supermercados da cidade também foram usados para tais práticas e com o tempo foram popularizados. Lembro-me de alguns blogs de Teresina divulgarem os banheiros e os horários mais recorrentes. Porém, quem obtivesse a sorte de conseguir um parceiro em tais ambientes, ficava sujeito e sempre atento a vinda de um segurança que podia intervir na pegação.

Quero incluir o banheiro de determinados locais gays, tais como boates e bares, pois estes ambientes sempre foram propícios às práticas de pegação. Em certos estabelecimentos, verifica-se a presença de um segurança na porta para evitar a entrada de casais em sanitários privativos, uma forma de controle e repressão. Nos locais onde essa fiscalização não ocorre, é frequente ver contatos sexuais, principalmente entre homens.

### **2.8.3 Entre árvores e matos**

Cito aqui dois pontos tradicionais e populares em Teresina localizados próximos a rios em que acontece pegação. Estes locais da cidade são ambientes popularmente procurados para caminhadas.

De praxe, a pegação acontece no limiar da tarde para a noite, propiciados pelas condições – escuro, arborização, discricção – em que homens se infiltram e recorrem principalmente a masturbação na tentativa de atrair parceiros. Os demais, já em duplas ou grupos, administram através dos olhares e gestos a possibilidade da entrada de outro (s) para uma pegação coletiva. Resumidamente, são pontos em que vários homens entram na trilha escura para participar do jogo do olhar e da exposição do pênis, na tentativa de conseguir um ou mais parceiros para a pegação.

### 3 TONTURA

(...) Sim, verdadeiramente tonto...  
 Sem saber em mim e meu nome  
 Sem saber onde estou  
 Sem saber o que fui  
 Sem saber nada (...)

**Álvaro de Campos, in "Poemas"**  
 Heterónimo de Fernando Pessoa

*Na Tontura, a escuridão, os movimentos, as ruas e os homens aguçam os meus sentidos, lá eu conseguia ver através de tantas provocações diversas fantasias que ali podiam ser realizadas, e em alguns momentos eu percebia que lá era meu lugar. Há homens de todos os tipos, pegação de todas as formas, e eu circulava e tentava interagir, participando de tudo que podia ser experimentado.*

*Sem medo, deixava-me envolver como um corpo em busca de prazer e esquecer a solidão que me guiou ao local. Quando entrava naquelas ruas minha fisionomia mudava e o silêncio me guiava aonde houvesse uma movimentação perceptível, e de repente, era invadido por provocações que pouco a pouco envolviam meu sexo; eu andava pelas ruas enquanto sentia a excitação. De todo modo, todos os homens aguçavam sua visão, todos pareciam se animar em busca de perceber as virilidades refletidas em olhares provocantes e falos.*

*Na tontura, todos somos anônimos, quase nunca perguntamos o nome de ninguém e diversas vezes essa informação me foi negada. Éramos apenas figurantes encenando performances de masculinidades, buscando ser aceitos e no fim sentir prazer. Não nos beijávamos, nem sequer nunca vi também nenhum homem ejacular ou mesmo andar de mãos*

*dadas. Éramos apenas corpos com tesão e sem afeto, constituíamos especificadamente pênis, mãos e bocas; utensílios necessários para viver a Tontura e se tornar um corpo desejado.*

Portanto, como foi adiantado, descrevo aqui algumas sensações a partir dos registros em meu caderno de campo para poder conduzir o leitor a uma experiência imaginária ou, pelo menos, fornecer subsídios para fornecer uma percepção do lugar, através de uma interpretação possível.

### **3.1 Uma introdução possível à Tontura**

É fim de semana à noite e você se dirige até certo local do centro de Teresina, de longe observa a estada de carros parados e outros em movimento; ao se aproximar daquelas ruas escuras, nota-se também a frequência de homens circulando e conversando atrás dos automóveis e árvores. Seu olhar torna-se mais aguçado, e logo você nota a existência de carícias, olhares nervosos e curiosos. Percebe então, a presença de outras pessoas que mostram interesse ou desinteresse. Possivelmente você também poderá ver atitudes mais provocantes e conseqüentemente toda a euforia e liberdade erótica que o local possibilita. Bem, você está na *Tontura*; ou, em certo ambiente que designa diversas nomeações: “*paredão*”, “*rua da felicidade*”, “*rua da pica*”.

#### **Imagem 4- Imagem da Tontura**



Fonte: imagem retirada pelo autor

Em 2011 estive em Teresina por um curto período. Naquela visita em uma noite do fim de semana, seguia rumo ao centro depois da meia-noite, com o intuito de visitar os locais destinados ao público LGBTI. No entanto, quando chegamos a uma boate gay decidimos não entrar e nos dirigimos a outro local no centro para conhecer um espaço de pegação gay.

Ao chegar tive a sensação de intensa excitação, jamais estivera num ambiente no qual homens estivessem dispostos a realizar sexo em via pública. O local era um pequeno percurso de calçadas com árvores frondosas de Oiti, conseqüentemente, com pouca entrada de luz. A escuridão não disfarçava (talvez todo o contrário) o que ali acontecia: homens transitando, conversando, se tocando, ou até mesmo transando. Guiado por um frequentador do local, ficamos dando umas voltas e logo vi outros homens em atitude de espreita nos seus carros percorrendo diversas vezes aquelas ruas.



Tontura, portanto, é gíria e um termo polissêmico. Para o grupo, tanto designação usada para abarcar o lugar, quanto suas práticas. Para esta pesquisa, o termo se amplia ao passo que traz complexidade de entendimento e interpretação.

O ambiente é tipicamente uma rua do centro no período da noite: calma e escura. As ruas são ocupadas por carros transitando e as calçadas por homens que entram num jogo de performances e conquistas. A pegação encontra-se predominantemente nos pontos escuros propiciados pelas árvores, evitando sempre os locais claros e as esquinas. Exceto a esquina ocupada pelos michês, as restantes se veem vazias. Entendo o lugar estudado como um recorte ou segmento da rede<sup>23</sup> de espaços – do centro da cidade – que compõem o circuito<sup>24</sup> da “pegação” masculina em Teresina.

É importante ressaltar neste momento que o conceito abordado na pesquisa de pegação “se refere a jogos sinuosos de insinuação e provocação que se estabelecem entre sujeitos que dominam ou se aventuram através de olhares, movimentos e convites – (...) os ambientes do circuito de sociabilidades masculinas e erotizadas, se estende às ruas” (OLIVEIRA; NASCIMENTO, 2015, p. 46).

#### **Imagem 5- Imagem da Tontura**

---

<sup>23</sup> As redes diferenciam-se mais ou menos segundo o seu principal critério de cooperação, ou, em outras palavras, segundo a natureza da relação social que está na base de sua existência (AGIER, 2011, p. 79).

<sup>24</sup> Compreendo por circuito uma forma que “ao mesmo tempo que possibilita identificar e construir totalidades analíticas mais coerentes e consistentes com os objetos de análise, permite também explorar o espaço físico” (MAGNANI, 2007, p. 177).



Fonte: imagem retirada pelo autor

A Tontura acontece somente à noite, em seu pico quando os bares da cidade estão fechando as suas portas; predominantemente nos fins de semana. Sendo que a partir de quinta-feira já se percebe um movimento tímido de carros transitando, e nas sextas e sábados um alto pico de frequentadores, que transformam assim, o local em uma zona de pegação intensa e movimentada.

Um ar de seriedade paira no ar daquelas ruas, quebrado apenas pelas luzes dos carros que passam e por curtas conversas apenas percebidas. Acrescento que frequentei diversas vezes a Tontura ao longo desses anos, sempre em fim de festa e acompanhado de amigos. Porém, ao chegar, a amizade que une o grupo é substituída pelo o interesse individual de se colocar no jogo – *“cada um por si e a Tontura para quase todos”*. Nesse instante, no qual mesmo os amigos se tornam desconhecidos, assim como todos os outros. Entrar na Tontura se limita a um olhar atento e com certa distância ao “familiar”.

Entrar no jogo a cada fim de semana reitera os comportamentos e apresenta-se como consenso respeitado pelo grupo, entre eles: não desmunhecar. Aqui, “performar” masculinidade se torna obrigação necessária e cruel, pelo menos para mim e as pessoas mais próximas com as quais discuti tais considerações. Expressar masculinidade, ainda que forçada, parece um esforço necessário para a ingressão e construção do desejo. Desta forma, acompanhar os códigos se tornara mais confortável com o tempo, pois aquilo que inicialmente

era apenas perceptível na atitude dos homens ao descer dos carros, passou a ser uma referência dos códigos do local.

Com o tempo fui me apropriando das formas de vivenciar a Tontura, seja na paquera feita dentro dos carros ou na conquista mais arriscada, nas calçadas; observando e sendo observado em cada olhar, movimento e abordagem. Como dito, além de se apresentar como um local viril, a Tontura também mantém um ar de “lugar sério” - certa solenidade. No ambiente não se encontra pessoas bebendo, fumando, ouvindo música ou uma conversa muito entusiasmada.

Torna-se importante enfatizar a impossibilidade de enquadrar a Tontura como um local LGBTI, pois esta caracterização está fortemente marcada pela identidade deste grupo. De forma distinta, encontramos na Tontura um explícito afastamento de elementos e de expressões que caracterizariam tais ambientes.

Podemos nesse instante perceber algumas particularidades da Tontura: a) a falta da animação dos personagens que podem ser encontrados na cena ostensivamente gay; b) não se percebe o uso de gírias frequentemente usadas pelo grupo LGBTI; assim como também, c) a exclusão de alguns de seus típicos personagens. Somado a tais fatores, é notório que muitos dos homens que ali se encontram não querem ser encaixados dentro de uma identidade homossexual.

O universo da pegação é habitado por um diversificado número de personagens: lolitos, boy-magias, cafuçus, negões, milicos, ursos, barbies, bombados, machudos, entre outros. São essas identidades que, nos primeiros momentos, determinam a forma como cada um dos atores envolvidos é classificado e posicionado no jogo das trocas. As classificações quase sempre se referem a atributos externos, visualizáveis na construção imagética dos atores, seja por meio do corpo enquanto materialidade, seja por meio da performance ou da voz, um importante agente no processo de classificação (OLIVEIRA; NASCIMENTO, 2015, p. 49).

Recorrentemente encontramos nos discursos certas frustrações, manifestações da angústia de não se sentir desejado. Retornar para casa frustrado e irritado por não conformar o perfil apropriado. Lembro-me de um amigo que se mostrava inconformado por não conseguir entrar no jogo. Apontava que somente os caras viris, altos e fortes conseguiam facilmente participar e ficar por muito tempo na busca por pegação. Não se adequar seria uma fonte de agonia e tristeza. Refletia, porém, se poderiam existir estratégias, algo que pudesse ser feito para conseguir participar mais facilmente.

Para me integrar, o que deveria fazer? Como me mimetizar? E se eu me vestisse de outra forma? Se eu valorizasse mais meu corpo? Se tentasse me apresentar mais másculo? Ou mais agressivo nas abordagens? Desta forma, passei assim a ter o distanciamento necessário para entender a Tontura também como um lugar de exclusão, no qual, qualquer um, embora estivessem envoltos destes elementos presentes, nem sempre conseguiria se envolver na festa.

### **3.2 Histórico da Tontura**

Fazer um traçado espaço/temporal da construção da Tontura é árduo, já que se este se deu de forma gradual e, em muitos aspetos, surpreendente. Evidentemente na preparação da pesquisa considerei diversas possibilidades sobre a obtenção dos dados, me apoiava na esperança que os relatos a serem colhidos resultassem em respostas ambicionadas, já que era relativamente escassa as informações disponibilizadas em pesquisas, notas, jornais ou na literatura,

Metodologicamente Fonseca (1998) esclarece sobre a importância das histórias e das subjetividades para as reconstruções deste tipo de pesquisa. Em vista disso, concentrei energia e empenho em cruzar os dados que iam sendo obtidos, na tentativa de comparar os diferentes discursos levantados, assim como, confrontar e também desenhar tópicos para as entrevistas. Resultando no abandono de algumas informações e o arranjo de outras, dados às tessituras que – seguindo a metáfora musical – se afinavam com a de outros sujeitos.

O desenho final, em realidade sempre em construção, num perfil de repetição ou homogeneidade, apontava à construção de significações. Complementando assim, com os diversos pontos de vista que enunciavam as histórias, casos e memórias. Esta configuração resultou uma boa forma de iniciar e coagular informações, que com o tempo iam sendo posteriormente confrontadas com dados já adquiridos. Ao reciclar as experiências, poderia detalhar de maneira mais apurada as pegadas da Tontura.

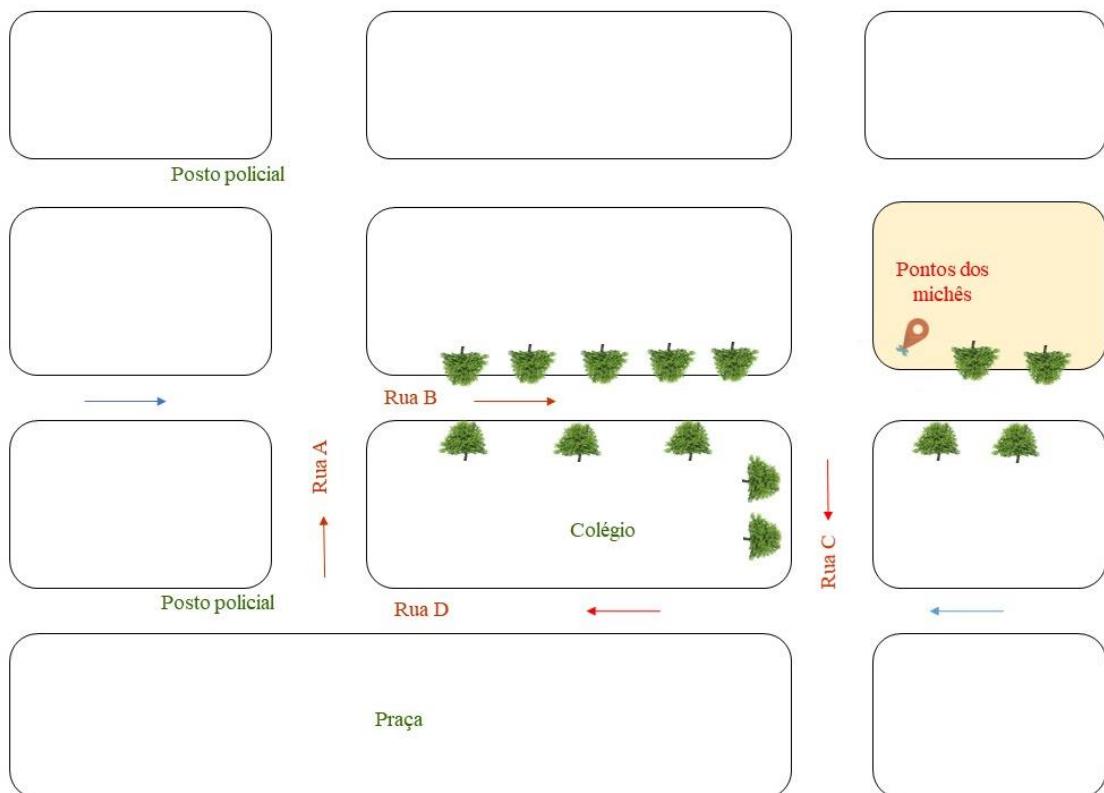
Como já abordado no capítulo anterior, a praça Saraiva desde 1995 concentra relatos sobre a presença da pegação homoerótica, na qual há aproximadamente em 2010 a configuração atual se consolidou no campo que esta pesquisa se propõe a estudar – a Tontura. Desta maneira, surgiram relatos que a própria praça servia para tais práticas, salvo quando o seu contorno ainda não era totalmente ou parcialmente cercado, nem ao menos tinha forte iluminação noturna, o que fazia a praça ser escura, abandonada e, portanto, propícia.

Esta fama da praça Saraiva como ponto de pegação é relatada por homens mais idosos. No entanto, esta história pode ser cruzada, fortalecida ou confundida com o ponto de michê no espaço que denominamos Tontura. A história do ponto de michê também é bastante

conhecida e testemunhada pela resistência da prostituição masculina até hoje naquele espaço. Entretanto, essa história se divide e/ou se complementa com a da pegação na praça, justificada a ausência de condições propícias, o que fez com que a pegação migrasse para a atual conformação do local da Tontura.

Para Simões (2008), um aspecto perceptível é a busca nos anos 50 dos homossexuais pelo "centro" das grandes cidades. Em que o anonimato e o afastamento do controle familiar são colocados pelo autor como condição para o ingresso na sociabilidade gay diante destas escolhas geográficas. Desta forma, a partir dessa década, mesmo a homossexualidade não sendo punida explicitamente pelos códigos brasileiros, tais sujeitos foram perseguidos com a aplicação de legislação contra vadiagem e perturbação da ordem pública. Assim, o fortalecimento da concentração de gays no centro subsidiou sustento à repressão policial, principalmente em ações que segundo à argumentação punitiva estavam destinadas a "limpar moralmente" os centros comerciais das grandes cidades.

**Imagem 6 -Mapa da Tontura que evidencia o ponto dos michês.**



Fonte: mapa produzido pelo autor.

Outro marco temporal que surge nos discursos remete imprecisamente a 2010, em que retratam as mudanças recentes no espaço físico. A Tontura de acordo com a imagem 6, se concentrava por sua vivência principalmente na rua A, justamente entre o colégio e o muro

alto da delegacia, fazendo com que fosse conhecida principalmente naquela época como “*Paredão*”.

Eu acho que tinha uns 10 anos, saía com a família e na volta, depois da meia noite, lembro que via os homens que estavam a pé, às vezes atrás das árvores, na rua que eu morava, que tinham árvores bem grandes e os troncos eram bem grossos, ou seja, você podia se esconder atrás delas, e aí quando o papai chegava pra colocar o carro dentro da garagem, via as pessoas se dispersando, provavelmente com receio de serem reconhecidas ou serem vistas (..) antigamente aconteciam na calçada do colégio, por que tinham umas árvores grandes que foram retiradas. Eram pés de Oiti, que é uma árvore que tem um tronco bem grosso e que dá mais breu ainda (PABLO, 27 anos, desempregado).

A forma de usar este espaço sofreu constantes pressões para a sua dispersão e, ao que parece, esta justificativa histórica aponta na conformação espacial do local. Acarretando mudanças no espaço físico: como a retirada de algumas árvores, o aumento da iluminação e a intervenção policial; resultando desta maneira que a rua A fosse evitada para a pegação, e que a prática acontecesse nas ruas próximas B e C (imagem 6).

Na rua C tinha gente por causa dos arbustos. Quando tinha as árvores na rua A, eu lembro que o pessoal ficava lá, inclusive aproveitava as árvores que tinham menos iluminação (...) aproveitava os espaços das árvores para ficar atrás e aí se encontrar com alguém, se pegar ali atrás das árvores e quando houve o corte das árvores, arrancaram tudo e não sobrou nada, aí conseqüentemente ficou mais iluminado e as pessoas migraram para as ruas que cruzam ou para a paralela (PABLO, 27 anos, desempregado).

Acredito que a intervenção no espaço físico obrigou uma mudança, ou melhor, um deslocamento de local para as ruas B e C, em busca de lugares arborizados que assegurassem escuro e discrição. Todavia, as intervenções urbanas e os frequentes controles fazem com que estes homens fiquem sempre em alerta.

Tem umas câmeras lá (...) eu fui e observei. E aí é o lugar que eu evitava andar. Eu tento me afastar, mas sempre próximo (YAGO, 33 anos, professor).

Outra maneira é a intervenção do Estado, na qual a chegada da polícia dispersa o fluxo de carros e dos homens que transitam nas calçadas, há relatos inclusive de revista policial em homens que eram abordados no local. Contrário a este pensamento, algumas narrativas apontam que a presença policial se dá em forma mais amena, em que a vigilância provém uma “segurança simbólica”. Em outros discursos, a presença policial causa desconforto e motiva a saída do local.

### 3.3 O Lugar da experiência e do desejo

Buscou-se dentro da coerência do conceito de *lugar*, proporcionar compreensão para o objeto de pesquisa. Tontura pode ser encontrada nesta concepção, pois estaria mais ligada a identificação, a afeto e as percepções do local, do que uma disputa territorial. Segundo Tuan (1983, p. 83), “quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar”, ou seja, “um mundo de significado organizado”.

Considerar a Tontura como lugar é supor que os indivíduos que a compõem memoram mais suas experiências e intensidade do que propriamente um espaço delimitado e meramente físico. Diante de tal reflexão, – perceber e sentir o local - se encontraria agregado a uma combinação de: a) sensações - ver, tocar, sentir –, b) a qualidades diretas a realidade física – cores, odores, sons, temperaturas-, e a c) manifestações no corpo como sensibilidade e sentimentos – prazer, dor, agrado, desagrado - (...). Perceber o local é deixar uma marca sensorial em nossos corpos.

O lugar é onde estão as referências pessoais e o sistema de valores que direcionam as diferentes formas de perceber e constituir a paisagem e o espaço geográfico. Trata-se na realidade de espacialidades carregadas de laços afetivos com os quais desenvolvemos ao longo de nossas vidas na convivência com o lugar e com os outros. O conceito de lugar assume um caráter subjetivo, uma vez que cada indivíduo já traz uma experiência direta com seu espaço, com o seu lugar, houve um profundo envolvimento com o local para adquirir tal pertencimento (STANISKI et al, 2015, p. 6).

Pode-se sintetizar que “o conceito de memória, seja ela pessoal ou coletiva, está deste modo, intimamente ligado ao de lugar” (FERREIRA, 2000, p. 68). Sendo assim, durante o dia este perímetro é caracterizado como zona central, permeado por casas domiciliares, comércios e escolas que movimentam e ressignificam o espaço. No transitar do dia para noite, o espaço recebe novas significações na sua produção, onde os muros escuros e altos propiciam aos frequentadores a possibilidade de manifestarem seus interesses homoeróticos.

Para Pelúcio (2009), dia e noite temporalmente constituem marcadores que alteram os códigos, assim como os corpos e os tipos de relações sociais. A noite seria então tratada como categorial temporal e espacial, pois forneceria certa legitimidade para transgredir o comportamento normativamente prescritivo. Por isso, os lugares são fluidos e até podem migrar para outras áreas, mas os códigos permanecem e os determinam de forma diuturna.



*Fonte: imagem retirada pelo autor.*

*Fonte: imagem retirada pelo autor.*

Levando em consideração essa apropriação dos espaços e estas redefinições migratórias que fazem esses movimentos contínuos na cidade, seja pelo processo de extinção ou reabertura de estabelecimentos em outras regiões, devemos conjuntamente levar em consideração que os aplicativos de smartphones via internet mudaram e continuam a modificar rapidamente as logísticas de pegação. Mas apesar disto, e possivelmente por um gosto pela “imprevisibilidade dos fatos, da arte da paquera, do gosto pelo proibido e pela experiência sexual com uma pessoa desconhecida (...) esses corpos decidam transitar por lugares de encontros homoeróticos exclusivos” (COSTA, 2010, p. 26).

Os desejos homoeróticos acabam sendo territorializados num conjunto de práticas, expressões e interesses coletivos gays. Esta territorialização apresenta-se como um processo de subjetivação e se reproduz no corpo dos sujeitos homoeróticos, no encontro e vivência coletiva delas (COSTA, 2010, p. 27).

Segundo o autor citado, esses encontros são definidos numa malha subjetiva que acaba por moldar as expressões e suas contínuas reproduções, formando um conjunto de práticas definidas por interesses comuns, no nosso caso – a pegação. Esclareço que a Tontura – contrária à noção de gueto estabelecida pela escola de Chicago, conceito que remete a concepções de habitações específicas e grupos fechados – reflete as proposições da região moral, desenhada por Parker para a mesma escola (1967, p. 63):

É inevitável que indivíduos que buscam as mesmas formas de diversão quer sejam proporcionadas por corridas de cavalos ou pela ópera, devam de tempos em tempos se encontrar nos mesmos lugares. O resultado disso é que, dentro da organização que a vida cidadina assume espontaneamente, a população tende a se segregar não apenas de acordo com seus interesses, mas de acordo com seus gostos e seus temperamentos. A distribuição da população resultante tende a ser bastante diferente daquela ocasionada por interesses ocupacionais ou por condições econômicas.



Bom, se nos limitássemos a pensar a Tontura como pegação, iríamos pensar a Tontura por dois vieses: o primeiro retrataria esta como um espaço propício e que coagularia indivíduos com desejos momentaneamente semelhantes, ou seja, Tortura seria sinônimo de espaço. Um segundo poderia remeter que ao abordar o termo – Tontura - estaríamos enunciando os hábitos e convenções que ali decorrem, em suma, quando falo em Tontura, tomo para a linguagem as representações das práticas que ali acontecem.

De acordo com os estudos das ciências sociais, podemos sintetizar a pegação como “um termo polissêmico, pode dizer muito e simultaneamente nada. É, para todos os fins, um código. Pode-se chamar de pegação qualquer relação de flerte, paquera e namoro entre desconhecidos, como também se pode chamar assim o local em que essas relações acontecem” (OLIVEIRA; NASCIMENTO, 2015, p. 46).

Compreendo por pegação um conjunto de práticas sociais realizadas entre sujeitos masculinos a partir de técnicas corporais, gestuais e sensoriais que se constituem na fronteira entre o real e o virtual, o doméstico, o comercial, o público e o privado. A pegação enquanto prática que engaja um conjunto difuso e múltiplo de homens que investem tempo, criatividade e às vezes dinheiro, quando realizadas em locais comerciais especializados, como cinemões e saunas, transgride códigos prefixados de tempo e de espaço, podendo ser realizada em muitos lugares e a qualquer hora do dia, embora haja espaços físicos onde a “pegação é certa”, dada a recorrência de tais práticas e por se configurar em locais que são constantemente divulgados em sites e blogs, em grupos de discussão, em redes sociais, como lugares onde essa prática é quase institucionalizada (VASCONCELOS, 2017, p. 15).

Não ineto que exista uma motivação inicial em busca da pegação na Tontura, até creio que este seja o motivador mais consciente dos sujeitos que se destinam até esta festa homoerótica. Por isso esclareço, o indivíduo que se destina a Tontura é motivado pela pegação, mas a Tontura não se limita ou se resume a pegação, pois o conceito se mostra insuficiente para abarcar as análises das interações realizadas no lugar.

A Tontura é a experiência que orienta para algo além da pegação. Sendo assim, a pegação faz parte da Tontura, mas sozinha não suporta a complexidade que esta necessita –a Tontura está em grau de complexidade ainda maior.

Se limitássemos a considerar esta como pegação, arriscaria a análise restrita ao ato da caça, da paquera e dos códigos. Porém, pretende-se alcançar o ápice de excitação coletiva captada, momento a qual isolamos a real Tontura; aspira-se discutir sobre a distribuição de intensidades do grupo através da orgia coletiva, em referência aos fluxos que são conectados (e só assim é possível a experimentação do prazer coletivo nesse espaço).

A ultrapassagem da Tontura pelos estudos da pegação vem a ser satisfeita pela insubmissão do conceito de Erotismo proposto por George Bataille (2014), em parte pela superação de uma união entre pares, esporádica e aleatória dos indivíduos. A Tontura que até agora, por motivos de compreensão e introdução, foi vista entre prática e lugar, agora devemos condensar esta visão e ampliar, dando um Plus as definições anteriores que não suportam o dispêndio da Tontura.

A Tontura provoca vivências grupais, manifestações de forças coletivas que subornam inconscientemente do sujeito para entrar num rompimento dos interditos, da utilidade, do tempo, da economia e da ordem. Entrar no jogo da Tontura é abrir-se a possibilidade de que em certo sentido, pode-se “perder a cabeça”. Encontra-se nessa categoria nativa uma entrada nos excessos, um desafio que afronta os limites do consentimento consciente do indivíduo.

Isso é o que o Erotismo permite acrescentar à pegação – sendo a mesma coisa e ao mesmo tempo diferente – nada mais é que a capacidade de criar uma fuga do desejo a partir da quebra da ordem ordinária. Porém, presumimos que esta experiência é necessária para uma abertura à descontinuidade dos seres e para a continuidade do que anima a vida. Esse momento que pode se tornar inteligível à necessidade da violação para o cumprimento da organização social e coletiva.

### **3.4 Ingressando na Tontura**

Com o campo etnográfico da Tontura, iremos nesse subcapítulo traçar as abordagens do comportamento sexual masculino. Um local – mesmo sem cobrar pela entrada – aparentemente exclui e inclui sujeitos. Sem manual de instruções, valoriza e desprestigia certos comportamentos. Sendo assim, não foi difícil encontrar no discurso dos entrevistados a solidão ao procurar a Tontura e voltarem para casa se sentindo ainda mais excluídos. Pois não há como prever se o indivíduo conseguirá viver a Tontura, e mesmo que todos os elementos estejam presentes, a sua entrada na festa coletiva pode simplesmente não acontecer.

Historicamente a pegação em Teresina se apropriou de espaços públicos para os entaves homoeróticos. Locais que de forma geral poderiam ser pensados pela concepção da zona moral descrita por (PARK, 1967) e de boca do lixo (PERLONGHER, 1987). Formando parte de um sistema que integra um conjunto de opções, relativamente estável, sem manter sempre os mesmos locais.

Desta maneira, a configuração das práticas está relacionada pela configuração física do local e certa permissividade que emana do lugar. Para Oliveira e Nascimento (2015, p. 53), “a

região do centro é recortada por uma variedade de espaços usados como ponto de pegação”. No quais, ficou evidenciado que em Teresina encontram-se quatro segmentos de engates homoeróticos: a) locais públicos de pegação; b) banheiros; c) cinemas e, d) saunas. Os cinemas e saunas são ambientes eminentemente propícios, nos quais, esses locais na cidade permitem a nudez, provações, sexo oral, masturbação e sexo explícito.

Em Teresina, a pratica do “banheirão<sup>25</sup>” é comum e frequente. Pode ser percebida durante o uso dos mictórios de bares, boates, rodoviárias e supermercados, como acontece comumente. As logísticas das insinuações surgem em meio a flertes, olhares provocantes e insinuações sexuais, o que pode desencadear no acionamento da pegação.

Nas pesquisas consultadas, o contexto da pegação versa entre: público e privado, urbano e rural, sagrado e profano, a casa e a rua, afeto e desafeto, pontos fixos ou migratórios, carinho e brutalidade, fantasia e realidade, segurança e perigo, saúde e doença, vontade e renúncia e entre o virtual e o real. Uma estrutura de oposições extremas e que em certo sentido podem fragilizar análises mais profundas. Recorro, portanto, a duas pesquisas para oferecer consistência as pesquisas que se arrisquem em tal estudo.

Oliveira e Nascimento (2015) realizaram a cartografia dos espaços de pegação em João Pessoa, capital do estado da Paraíba. Aqui, os pontos de pegação se movimentam e apresentam uma dinâmica elástica, se adaptando aos traçados evolutivos da cidade e se fortalecendo principalmente no litoral.

A pegação elabora-se potencialmente como um jogo paradoxal entre polos da vida em grupo, em que os espaços urbanos, projetados para aproximar as pessoas e reduzir os custos da interação social, sob “o desejo de momentos de comunidade”, cotidianamente depositam nossas existências em quadros impessoais, em uma ordem urbana que parece ser marcada pela solidão e pela negação de atividades de troca e reciprocidade. As trocas estabelecidas na pegação estão em um outro plano da ordem, em certo sentido, talvez nem dentro da ordem estejam. Referem-se a uma prática do desejo, insubstancial, tão efêmera quanto mutável e escorregadia. Mesmo assim, não escapam de certos mecanismos sociais de controle, vigilância e intervenção, como se demonstrou ao longo do texto (OLIVEIRA; NASCIMENTO, 2015, p. 64).

Em Teresina foram constatados locais “tradicionalis” de pegação homoerótica – brevemente apontados no primeiro capítulo. Estes espaços – historicamente - passaram por um processo de enxugamento e extinção de alguns pontos específicos. Dentro desta afirmativa, esta pesquisa levantou duas hipóteses.

---

25 Banheirão seria um termo comumente usados para designar as práticas de “pegação” em banheiros públicos masculinos.

Na primeira situação recorremos ao termo de *Zona Moral* utilizado por Perlongher (1987), detalhando que a dinâmica dos lugares nem sempre possui uma posição fixa no mesmo espaço, acrescentando que existe uma malha de suporte – sistema de lugares e condições – que propõe possibilidades ou impossibilidades para que estas se movam no espaço e no tempo, mesmo que esses movimentos estruturem formas homólogas.

Na segunda conjectura explicativa podemos pressupor que a decadência de alguns espaços –com a popularização dos “aplicativos de pegação<sup>26</sup>” - teriam modificado o uso das ruas. Neste contexto, as análises provocadas seria que os aplicativos trouxeram uma ‘segurança’ que a rua passava a comprometer.

Por exemplo, a popularização dos smartphones com acesso a aplicativos de pegação fez com que a prostituição de rua no centro de Teresina sofresse uma retração. Todavia, não podemos falar deste exemplo sem considerar outros fatores, como o aumento da violência urbana, o acréscimo do perigo das ruas do centro da cidade que se tornaram cada vez menos residencial e cada vez mais isoladas no período da noite, a facilidade de comunicação proporcionada pela internet, e etc. Em síntese: continuidade ou transformação (evolutiva).

Recapitulando, Teresina atravessou em maior parte por um fluxo de extinção de espaços de pegação do que pelo processo de migração para outros locais e zonas da cidade. Restando a Tontura atualmente como o último lugar do centro da cidade destinado para a “pegação” entre homens sem fins comerciais.

Outra amostra para análise pode ser encontrada em São Paulo, especificadamente no parque Ibirapuera, famoso pelas suas paquerar e pelas práticas eróticas e sexuais que são percebidas no local. Guimarães (2017) mediante um experimento etnográfico sobre o processo de produção social e sexual, concentrou seu estudo em interações entre homens em um ponto mais peculiar do parque: o Bananal.

A regra é a associação. Contudo, ela se edita num script cujo núcleo duro é a associação entre pessoas que ainda não se conhecem, que flertam (e o flerte é um script à parte), em par, por vezes de forma seriada, em interações entendidas como marcadamente sexuais, e por isso costumeiramente chamadas de “pegação”, que podem ou não ser explicitamente contornadas por afeto, e que podem ou não gerar encontros posteriores. Em uma mesma noite, portanto, é possível engajar-se em diversos arranjos, envolvendo uma ou mais pessoa, em diferentes intensidades, diferentes formas de uso do espaço (circunscritas, sobremaneira a um repertório específico de trajetos, ritmos e gestos), ou, no caso de ser domingo, circular entre o encontro de jovens e as demais áreas do Bananal (GUIMARÃES, 2017, 47-48).

---

26 Aplicativos de pegação assim são conhecidos diversos aplicativos para telefones móveis (especificamente, smartphone) que facilitam encontros sexuais. Entre eles: *Grindr*, *Scruff*, *Tinder*.

Nesta etnografia da pegação, Guimarães vê o processo a partir das diversas facetas necessárias, e que a partir delas, os participantes acabam por absorver e reproduzir as estruturas. O escuro, o silêncio, o sexo, a impessoalidade, o anonimato e o uso da camisinha são assuntos pautados em relatos que descrevem as preferências e ausências que o local dispõe/prescreve.

Por um lado, a produção diádica de mundos “públicos” e “privados”, visíveis ou invisíveis, iluminados ou escuros, que organiza uma cidade entre espaços cívicos, pontos de passagem, lugares de habitação e heterotopias, sexualizados e generificados de um modo ou de outro, se retraduz em diversas escalas; paisagística: pista de corrida iluminada versus bosque escuro, microscópica: beijo nas áreas mais abertas do bosque versus sexo anal em um quinhão mais escuro, cronológica: piquenique em par de dia versus sexo serial à noite. Por outro lado, o contexto de saturação sexual que, à semelhança de outros lugares na cidade como banheiros públicos, propicia os encontros marcados pela frequência masculina, deixa vislumbrar um expediente onde a experiencição do corpo na mediação com o espaço é praticada como tecnologia de si. Decorre daí que a pegação pode ser caracterizada por uma ambivalência (GUIMARÃES, 2017, p. 59).

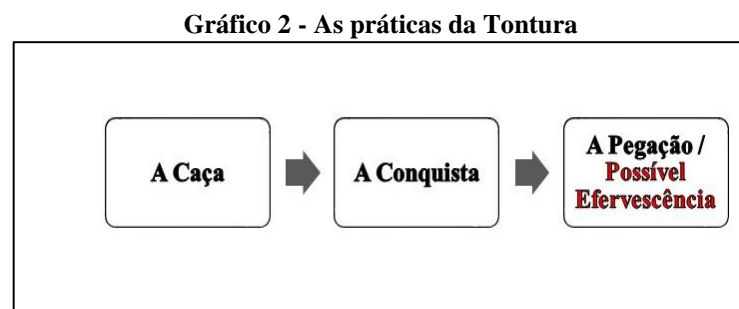
A camisinha operaria como definidor de limites, pois assim como a higiene, os homens procurariam sexo com um par que fosse seguro, da qual pudessem surgir trocas eróticas, afetiva e sexuais. Com o intuito de uma intimidade – paradoxalmente com um estranho – que além do sexo oral, possibilitasse o beijo, por exemplo. Conclui-se daí que as práticas prescrevem e atualizam limites entre “o que pode ser feito, onde e em que condições (...) desejo, afeto, erotismo, sexualidade, assim, segmentam e constituem sujeitos e espaços” (GUIMARÃES, 2017, p. 60).

Em Teresina, cada local de pegação detém peculiaridades, em relação às forças que se exercem prescritivamente sobre os intervenientes: a) pelo tempo e b) pelas atividades que convocam e; c) pelos locais próximos a bares e baladas.

A Tontura se insere relativamente nesse espaço público de oferta de locais que oportunizam encontros homoeróticos, como já abordado, de homens cis. Neste local, seriam acionadas estruturas absorvidas e reproduzidas pelos sujeitos e que constituem reproduzindo o lugar. Fazendo que historicamente fossem acionados dispositivos de controle, vigilância e repressão sobre os participantes do grupo e suas práticas. A Tontura, assim, teria um padrão de corpos, habitantes, práticas e situações que merecem ser descritas e analisadas para o entendimento.

### 3.5 As práticas da Tontura

O foco deste subcapítulo é penetrar nas questões das práticas que ali acontecem. Esta exposição elabora, para fins analíticos, um esboço que servirá para apresentar um processo típico, que surge ou pode ser identificado nos discursos dos sujeitos. Nesse sentido, podemos elaborar segundo as ações descritas nos relatos determinados momentos: (a) a caça; (b) a conquista; (c) a pegação, e por último, a possibilidade de entrada na festa orgia. Este gráfico é elucidativo e provocativo para análise, no entanto como prática, não pode ser observado apenas de forma linear.



Fonte: Gráfico produzido pelo autor

Ao apresentar este esquema (Gráfico 2), queremos esclarecer um processo perceptível e apresentar de forma coerente os elementos dispostos em nossa análise e como o momento do clímax foi a esta pesquisa apresentado. O objeto de maior importância para a análise será os elementos postos para se chegar ou não no momento da efervescência<sup>27</sup>.

Dito isso, o processo inicial pode ser previsível, sempre há uma tensão que conduz ao conflito de entrar no jogo. Faremos uma descrição do processo em etapas, como um mito no qual os acontecimentos ocorrem num momento prescrito para desenrolar-se. Um roteiro pré-estruturado, mas que pode abrir ao inesperado. Os enredos das histórias ouvidas podem iniciar de uma forma programada, mas o desenrolar da trama se entrega às ações do imprevisível (diversas práticas correspondentes a outras ‘etapas’ podem ser acionadas ou ignoradas na medida que o script se desenvolve).

Trata-se de um modelo no sentido apontado pelo Leví-Strauss, nem o observado (empírico), nem sua formulação analítica definitiva (a estrutura), trata-se de uma primeira

---

<sup>27</sup> Efervescência é como chamamos o momento onde os homens estão dispostos na vivência da orgia coletiva e são tomados por uma energia capaz de fazer com que esses homens se entreguem as interações sexuais de forma que são levados a “perder a cabeça”. Momento trabalhado como o clímax da Tontura e onde os homens são acionados por uma força que se comporta como uma analogia ao transe.

elaboração que permite abordar o complexo observado numa forma organizada e compreensível.

O trecho se inicia quando no final da noite, altas horas, quase nenhum lugar gay ou “alternativo” encontra-se aberto. O tesão é acionado e o sujeito se propõe a entregar seu desejo à sorte da Tontura. Aqui um conflito se estabelece, sempre há a inquietação lasciva, temor do indivíduo em arriscar seu desejo nas aventuras que lugar oferece. O medo e o perigo aparecem como um assanhamento que somam ambigualmente a tentação ao tesão. Homens sozinhos ou acompanhados dirigem-se em seus automóveis às ruas escuras e permissivas da Tontura.

A primeira conjectura a ser analisada é refletida na sua localização geográfica, pois sem proximidade de transporte público no horário que acontece, os homens que ali chegam são facilitados pela posse de transporte privado. Esta primeira condição é marcada pelo trajeto que estes homens fazem na posse de seus carros e motos, num trottoir pelo circuito para a percepção do local e das condições.

Esclareço que existem duplos esforço para que se possa chegar no momento da efervescência, para isso, é necessário que haja a presença de alguns elementos, assim como a ausência de outros. Quando me refiro que para atingir o cume da experiência precisam-se de elementos indispensáveis, me refiro a condições específicas, como por exemplo, que seja noite e fim de semana<sup>28</sup>.

A presença do grupo também é indispensável, pois os dias que a Tontura não consegue reunir fluxo – segunda a quinta – ela simplesmente não acontece. A presença do coletivo é vista também como sinônimo de segurança, pois ir e se arriscar sozinho seria perigoso e inviável, pois o elemento coletivo é elemento necessário e imprescindível.

Princípios importantes e ressaltados também são o silêncio e o escuro, pois os pontos escuros e silenciosos são os mais procurados para as orgias. Outra questão é que os homens devem ser discretos, não chamar a atenção e participar despercebido. A presença exagerada da iluminação e do alcance das câmeras de segurança são evitados pelos participantes.

A presença de homens estranhos, não familiar e se possível que seja um total desconhecido é fundamental para ativação das forças. Pois com efeito, a possibilidade de um novo encontro ou cruzamento dos ciclos sociais são menores. O anonimato é indispensável para ativar a potência de possibilidades da orgia.

---

<sup>28</sup> De segunda a quarta-feira podemos dizer que não existe fluxo de homens na Tontura. Quinta Feira e domingo existe um pequeno número de homens e as sextas-feiras e sábados começa o maior movimento, sendo que aos sábados temos o dia de maior movimentação.

Não menos importante é salientar a ausência de outros gêneros e personagens. As mulheres, as travestis e as “bichas”, não só são excluídas, mas as presenças destes corpos fazem com que possivelmente esses homens se sintam intimidados e se dispersem.

A presença de policiais também inibe as práticas, mesmo que a sua presença seja rotineira, as reações são ambíguas e na maioria das vezes acanham as práticas. As brigas e roubos constroem o grupo e sucumbem o fluxo, fazendo que não exista a possibilidade de reunir a força necessária para fluir a pegação.

A fala, os risos, as afetações fazem parte dos comportamentos recriminados. Como já mencionei, até mesmo os amigos que se destinam em grupo são dissipados ao chegar ao local. Naturalmente, todos os comportamentos serão analisados e enquadrados, no qual o indivíduo pode se tornar desejável ou não para o grupo.

Por último, a renovação dos signos é necessária para que aconteça a Tontura, esta reiteração seria justamente o que atvaria ou não a possibilidade de existir o clímax. E insisto que, embora existam todos os elementos presentes, e mesmo que aconteça a orgia, nem todos conseguem entrar na energia de superexcitação.

### **3.5.1 A Caça**

A caça é uma analogia usada pelos interlocutores para isolar o momento da busca do possível parceiro ou do grupo em que ele irá se inserir para a pegação. Diante desse intuito, esta fase é o momento que pode ser mais demorado e expectante na vivência. É importante ressaltar que o termo “Tontura” também é usado como categoria nativa para desenhar em palavras o momento em que os sujeitos passam a dar várias voltas no perímetro.

Esse “tontear” no momento da caça sugere vários significados, como por exemplo: a) reconhecimento do local; b) a inquietação da decisão de descer ou não do carro, ou c) a própria abordagem sem necessidade de descer do transporte – embora ache que todos esses se mostrem insuficientes em definir o termo, escolher a “presa” seria o mais coerente das sínteses, em respeito a metáfora proposta.

Quando remetemos a analogia da caça, logo pensamos que existe um caçador e uma caça. Porém, não poderia afirmar que a caça carregaria esta conotação, pois não resulta em uma única caça ou presa. O que há é uma vivência coletiva na qual todos estão no jogo. Sendo assim, é notório que existem preferências para a participação, mesmo que não exista necessariamente uma busca por uma única presa.



A caça é justamente se dispor; efeito de perseguir (correr ou ir atrás em busca da pegação); ação que envolve o coletivo; a perseguição em busca de conseguir prazer; os esforços para conduzir um homem ou grupo para a pegação.

O foco da caça é entrar no jogo, e para entrar no jogo, existem normas para a participação. Sendo assim, não queremos fazer um manual, mas sim levantar as interações, as negociações. Isto é, não existe tempo de espera, estacionamento ou qualquer ordem regrada. O que existe são as reiterações dos signos a cada encontro, e seguir os códigos é seguir o ritual que lhes possibilita viver a Tontura.

O que podemos verificar é que existem técnicas reforçadas pelo grupo para a caça (procura). Descritos também na imagem 6 (pág. 42), o circuito em que os carros “tonteiam” pelo lugar “caçando”, e as entradas e saídas. As setas azuis mostram as entradas diretas para a Tontura, as setas vermelhas mostram o percurso que os carros e motos fazem várias vezes ao circular durante esse momento da caça. Possibilitando assim, a visualização das possíveis circulações que os transportes fazem para “tontear” no perímetro.

Os contatos se dão então entre: (a) as pessoas que estão “expostas” na rua; (b) os ocupantes dos carros que baixam seus vidros, tanto para “ver” os pedestres quanto para observar e ser observados pelos outros que estão dentro dos carros; e (c), na interação entre as pessoas que estão nas calçadas e os carros ou motos que passeiam lentamente para travar uma relação objetiva.

O corpo é o cartão de visita, nele está descrito todos os códigos e performances de aceitação e de expressão no qual o grupo irá valorar ou desprestigiar. Importante ressaltar que nesse momento o transporte (carro ou moto) pode se tornar um objeto importante, porém ele não será analisado fora do contexto do corpo que o guia.

O transporte ajuda na caça facilitando o sujeito a “tontear” diversas vezes pelas ruas no circuito descrito, mapeando e analisando as condições, para após essa investigação o indivíduo se lançar no jogo: ou seja, no olho-a-olho e no corpo-a-corpo da Tontura.

Aqui, todos os códigos descritos começam a ser colocados na prática: performar virilidade, não desmunhecar, não falar muito. Se aceito pelo grupo, o participante poderá ter condições de tentar experimentar o momento da superexcitação tão prestigiada. Sendo assim, muitos dos sujeitos analisados foram diversas vezes ao local, gastaram em demasia tempo na caça e a única coisa que conseguiram foram frustrações e angústias por não experimentarem o clímax da Tontura.

### 3.5.2 A Conquista

Após identificar o objetivo – o grupo - o desenrolar do resto da história se torna imprevisível, agora é o momento de tentar fazer contato. Ou se decide baixar o vidro do carro ou descer e entrar num jogo em que tudo será analisado corpo-a-corpo. Instante em que o indivíduo é colocado como objeto do desejo do outro, no jogo em que os olhares são a porta de entrada para uma aproximação possível, se aceita, terá previsão de algum sucesso.

Após a conversa iniciada, segue-se o jogo de conquista. Para Perlongher (1987, p. 165) “um jogo de força e sedução onde os sinais mínimos vão ser estudados e valorizados para formar uma imagem das intenções, status e encantos do outro”, no qual, várias vias podem ser seguidas caso haja a atração mútua, assim, “o cálculo já está contido no sistema de olhares recíprocos que constituem o primeiro sinal de comunicação” (PERLONGUE, 1987, p.160).

Para Oliveira e Nascimento (2015), na dinâmica das trocas sexuais estabelecidas nos pontos de pegação, certas categorias são lidas como dispositivos iniciais de flerte, resultando que tais sujeitos são avaliados e classificados como desejáveis, indesejáveis ou perigosos. Somente após esta análise é que se procedem as táticas de distanciamento, sedução e/ou estabelecimento de trocas.

Ativo e passivo, penetrável e penetrador no jogo de corpo, pela pegação, são posições. Algumas são repetidamente assumidas por uns, enquanto outros costumam variá-las, ainda assim, com certo cuidado. As trocas são estabelecidas tomando como suporte a masculinidade: é este o bem trocado nas relações entre homens nos pontos de pegação. Os símbolos acionados e produzidos, tais como gestos, olhares, posições, suores, súplicas e palavras não ditas, são apenas simulacro para o elemento que circunscribe a troca. Relações de trocas projetadas e disseminadas pelo desejo de dar, comer, trocar, traçar; trocas roubadas, tomadas por empréstimo sem expectativa de retribuição (OLIVEIRA; NASCIMENTO, 2015, p. 61-62).

A entrada da conquista inicia-se possivelmente por provocações, olhares e gestos – linguagem corporal. É público que certas atitudes visam manter a confidência, como a parcial abertura dos vidros dos carros ou a não retirada dos capacetes, mera tentativa de manter o anonimato.

As conversas propendem a ser sumamente objetivas, em que no primeiro momento e se necessário, poucas palavras deixem evidentes a finalidade do interesse, já que muito do

contato se dá de forma não oral. O inverso – falas prolixas - podem ser vistas como audaciosas, animadas, afoitas, e conseqüentemente, o sujeito poderá ser enquadrado como “não desejado”.

Esta depreciação da fala faz com que muitas das informações sejam acionadas através dos sinais emitidos pelos comportamentos. Diante desta realidade, as categorias ativo e passivo<sup>29</sup> são intuídas ou codificadas na maioria das vezes.

As representações corporais deixam claro as preferências sexuais que o parceiro possa apresentar através de atitudes, olhares e como as coisas se desenrolam. Porém, isso não se apresenta sempre de forma assertiva, mas é visível e manifesto nos discursos que o desejo é apoiado na masculinidade hegemônica – o sujeito másculo, viril, forte e possivelmente “heterossexual” - perfil pretendido e elementar.

A construção de uma performance masculina passa também pelas estratégias de uso do pênis e do ânus. Penetrado e penetrador não determinam uma oposição valorativa necessária, isto se estabelece no jogo das performances. Os sujeitos mais masculinizados que evitam os trejeitos, costumam ter mais sucesso nas trocas e acumulam maior capital erótico, com o qual investem em suas práticas (OLIVEIRA; NASCIMENTO, 2015, p. 61).

Distinta prática é o exibicionismo, revelada no exercício da demonstração evidente da exibição corporal. Empregada desde a apresentação acentuada de determinadas partes do corpo – passear sem camisa – como na demonstração explícita e enrijecida do falo. Esta exibição sucinta várias predileções e desejos, este ato abre atributos de enaltecimento de sua virilidade através dos músculos que cobrem seu corpo e acentuar sensualidade para acrescentar suas chances na conquista, ou ainda para determinado tipo de relacionamento específico (econômico).

O exibicionismo aporta também um ânimo ao coletivo, tornando a parte do ser observado em prazer erótico. Neste ponto, a avaliação sugere muito mais o conjunto do local que indivíduos particulares.

A exposição do pênis pode ser inclinada na identificação de sujeitos “ativos”. Porém, muitas das experiências no local não necessariamente apresentam penetração, por exemplo as rodas de masturbação. As práticas coletivas acontecem de forma contumaz e nos pontos mais escuros do perímetro e mesmo que a masturbação e sexo oral aconteçam com frequência, a ejaculação é em raramente constatada.

---

29 Abordo apenas nesse momento da pesquisa essas duas classificações (ativo e passivo), por motivos que as entrevistas focaram em bases analíticas e exemplificatória em recorrências dessas preferencias dos comportamentos sexuais.

As categorias são habilmente manejadas entre os usuários de forma rápida, constituindo um dos primeiros recursos utilizados para o desenvolvimento da tática de conquista. Dependendo do tipo desejado, o sujeito pode vir a comportar-se de maneira mais ou menos aberta, mais agressivo em sua exposição ou mais recolhido, e também pode imaginar até que ponto a sua investida poderá ser bem-sucedida (OLIVEIRA; NASCIMENTO, 2015, p. 62).

A categorização do seguro e inseguro podem ser reveladas por diferentes categorias a depender do interlocutor entrevistado, ora ignorando, ora aclamando outros elementos. Todavia, roubos, violência e o estereótipo de alguns sujeitos são os mais frequentes e comuns levantados.

Em efeitos de exemplificação dos discursos, homens de carros são codificados como seguros em oposição aos homens com bonés, enquadrados como perigosos - o que ponderamos isto está muito mais estar relacionado a preconceitos socioeconômicos. Esta análise da segurança/insegurança se dá de forma muito particular e superficial, a maioria analisa pelo conteúdo da conversa, gírias, palavras usadas e às maneiras usadas na fala.

Outros sujeitos para decidir acompanhar alguém a outro lugar podem até exigir que o parceiro levante a camisa e mostre que não está armado ou oferece algum perigo. Este é um momento importante da conquista, no qual o sujeito além de se tornar desejável como parceiro sexual, se torna confiável.

Portanto, nessa fase, observa-se uma sistemática do grupo: a insinuação, as formas de externar masculinidade na conquista e a objetivação de marcos de segurança/insegurança. As condicionalidades que rodeiam as práticas com fins sexuais aparecem numa forma bem codificada, em que todos aparentemente seguem o processo formal e os códigos e ritos dispostos são praticados por os que estão ali. Seria mais preciso dizer que esses códigos são performados, pois não surgem de um acordo prévio e consensual. Estes estão constantemente sendo negociados explicita ou implicitamente.

### **3.5.3 A Pegação**

A pegação mesmo apresentada como termo polissêmico, será usada neste subtítulo para remeter a uma categorização nativa que dá conta das ações práticas na Tontura. Esta secção desenvolve algumas das diversas possibilidades desenvolvidas por homens com os mesmos propósitos e que dividem esse espaço. Sendo assim, enfrentamos o dilema que essas relações não podem ser definidas e descritas facilmente. O que irei descrever são as práticas percebidas diretamente e as histórias narradas pelos sujeitos.

Pegação seria uma conjectura de possibilidades, um conjunto de esforços entre homens que se dispõem às experiências sexuais e a vivências coletivas, com investimentos para alcançarem outro nível de proveito erótico – o clímax. Tontura seria um resultado provocado pela pegação, a qual conduz homens a atingir o ápice erótico, uma espécie de transe, em que quase tudo se torna possível - experiência intensificada pela coletividade e pela transgressão das normas.

O que descrevo logo a seguir são as possibilidades de vivências da pegação na Tontura (lugar/práticas), que poderão ou não guiarem o sujeito ao clímax (experiência). Supondo que, são incitações e condições necessárias para o aproveitamento da orgia ritual.

- **Seguro ou inseguro/ Familiar ou Estranho**

Aqui podemos observar configurações semelhantes sendo executadas, negligências e/ou exigências sendo acionadas no decorrer de práticas que se intensificam. Como já abordado, primeiramente lembraria que a AIDS foi um período que marcou profundamente as relações sexuais entre homens. A pressão inicial ligando a doença ao grupo gay representou uma forma de sensibilizar a população a respeito do “sexo seguro”. O “sexo gay” se via frente a um período de retração (final dos anos 80). No entanto, logo após a descoberta do tratamento aos infectados, o sexo voltou com força repaginada nos espaços, e na forma de tê-lo e de desfrutá-lo (TRINDADE, 2003).

Um ponto a ser salientado é que a AIDS fez com que nos preocupássemos com o sexo seguro. Tornando-se obrigação o uso indispensável da camisinha, principalmente para os gays que sofriam duplamente, pois além de carregar o árduo peso do preconceito social, conviviam com o do medo de adquirir a enfermidade.

As práticas na Tontura estariam intimamente ligadas – entre outras – na tensão entre o seguro e o inseguro, neste limbo reside uma fantasia muito pontuada no desejo dos sujeitos que frequentam a Tontura – a fantasia da transgressão. Bem que poderíamos isolar esse momento para definir a real fantasia da Tontura. Desta forma, se dispor ao risco seria algo estimulante para muitos sujeitos. Tontura é a fantasia de permear o proibido e a vivencia da transgressão.

Em síntese, a questão da segurança é representada de maneira relativa, na qual o sujeito a interpreta à sua maneira. Como por exemplo, o uso da camisinha no sexo oral é bastante incomum. Logo, no local, segurança é algo estabelecido, se prescreve.

- **O Anonimato**

Um corpo que torna-se outro, um corpo coletivo que se abre aos devires de um momento de experimentação e fantasia. Um corpo que busca não ser reconhecido ou identificado, mas busca por ser diluído e submeter-se a intensificação de experiências. Ser anônimo trata-se de enquadrar os homens que estão ali como apenas a representação momentânea de um corpo. Neste lugar, há espaço para esses indivíduos assumirem diferentes “identidades” e “performances”. Creio que estas performances sejam tencionadas para as fantasias coletivas, abrindo possibilidades de permear atividades grupais.

Os sujeitos em seus relatos afastam a possibilidade de encontrar amigos e entrar em uma conversa ou algo que os ligue. Pois na verdade, o que há é o afastamento de qualquer vínculo, em que todos se tornam momentaneamente desconhecidos e passam a não ser reconhecidos e nem atrelados ao local.

Paira um medo sobre os sujeitos o receio de serem vinculados a imagem de um frequentador assíduo. Ser reconhecido faria com que este fosse visto como um gay “promíscuo” e “vulgar” - de acordo com os diálogos colhidos. Sendo assim, todo afastamento e anonimato se faz necessário para a manutenção do fluxo de indivíduos no local.

- **O Beijo**

Se, por um lado, podemos refletir em campo que o pênis tem um papel importante no que diz respeito à conquista. Por outro, percebe-se que o corpo e sua exposição estão completamente erotizado (s) desde o momento da sedução até as práticas sexuais. Evidentemente existe uma gama de pontos corporais eróticos que estariam diferentemente ligados a concepções ideológicas de gênero e da sexualidade. Desta forma, o beijo é atípico e excepcional na Tontura, principalmente durante a orgia coletiva.

Parece-me conveniente fazer a analogia do beijo na Tontura com os limites que se apresenta na prostituição feminina aos clientes. Pasini (2015) em sua pesquisa “*Limites simbólicos corporais na prostituição feminina*”, aborda que o beijo é destinado pelas prostitutas ao âmbito de suas vidas privadas, devendo não beijar o cliente tanto por questões profissional, quanto afetiva. Presume-se que assim, o sexo comercial deveria resguardar certas partes do corpo e possibilidades sexuais aos seus parceiros de vida, denotando um claro limite entre público e privado.

Equivalente, a Tontura não é lugar para beijar e isso acontece em forma quase consensual. Ou seja, os indivíduos estabelecem uma hierarquia dos seus afetos, pois o beijo

estaria muito mais ligado ao afeto que a prática sexual em si. Fato perceptível, pois o beijo aparece em condições específicas e isoladas. Em síntese, a Tontura se resume aos prazeres carnavais e não afetivos.

É curioso e necessário pontuar que o beijo além de desprivilegiado, poderia ser associado aos homens que se enquadram como heterossexuais como uma adoração ao masculino. O que possivelmente poderia ferir a sua imagem de “masculinidade” e/ou “heterossexualidade”.

- **Práticas dentro do carro**

O carro em última circunstância pode ser visto como uma opção sugerida para a pegação. Este surge como uma das opções que a Tontura propicia, uma alternativa para a pegação, e que embora aconteça dentro do carro, na maioria das vezes acontece na própria Tontura. Como alternativa óbvia, ele também poderá ser o proporcionador da viabilidade de saírem do local.

Em síntese, a presença do carro poderá facilitar o anonimato da pegação. Neste momento, muitos dos sujeitos podem se distanciar do perímetro, ou mais comumente, apenas entrar no carro e consumir as práticas ali mesmo – masturbação, sexo oral e penetração.

- **Masturbação e sexo oral**

Visto que o processo de erotização do corpo vai além dos órgãos reprodutores, a boca também está além do beijo. Cabe frisar que se em algum momento a boca sofre algum menoscabo pela falta da prática do beijo. Logo, não é de se estranhar que num contexto de sexo oral ela ganhe espaço privilegiado. Diante de tal situação, o sexo oral é uma das práticas mais comuns dentre as diversas possibilidades que a pegação pode proporcionar.

A boca é relacionada a vagina (...). Os lábios da boca são associados aos lábios da vagina, não mais fonte de perigo, mas de prazer. Boca quente é um sinal de paixão, tanto para homens como para mulheres. A língua, não menos que os lábios, é considerado órgão sexual, e beijar e chupar são básicos para a estrutura da prática sexual (PARKER, 1991, p. 176).

Ao levar em consideração esta perspectiva, é importante situar que as práticas que não possuem ligações afetivas e ficam em evidência de forma coletiva, ficam abertas. Porém, é notório e perceptível que os indivíduos mantêm códigos de condutas de entradas, aceitação, afinidade, e conseqüentemente, negações e exclusões.

Estava saindo de uma boate gay, e um amigo me falou sobre a Tontura. Decidimos ir e ao chegar vimos uma galera ali. Aí eu desci e tirei a camisa, aí as gays passaram de carro e eu só fazendo cú doce. Aí depois fui dar uma volta e foi quando eu te vi. Aí fomos ver uma rodinha, aí lembro que eu vi umas pessoas e fui ver por curiosidade, aí tinha uma rodinha de punheta e vi um cara que se abaixou e começou a chupar todos, menos eu que não tenho coragem de colocar meu pau na boca de quem estava chupando todo mundo. Aí uma pessoa que estava comigo que eu tenho certeza que não fez aquilo, foi e fez também em mim. (...) A Tontura é fim de festa, literalmente. Se você não conseguiu na festa você vai fazer putaria lá na Tontura. Aí lá acontece tudo. Já vi sexo ao vivo, por que lá é um lugar escondido, escuro e de pouca movimentação (YAGO, 33 anos, professor).

Baseado no relato acima – no qual estive presente – posso tornar lícita a afirmação que a roda coletiva de masturbação e oral continha mais de dez homens, que entravam e saíam. Apenas um homem se dispunha a praticar sexo oral em todos os outros que circulavam na roda. Reitero que a masturbação e o sexo oral são as práticas mais comuns que acontecem na Tontura e de forma explícita.

Essa tônica discursiva conota que a masturbação coletiva e o sexo oral predominam numa caracterização da Tontura. Grupos que podem chegar até mais de 15 pessoas se formam em baixo das árvores, numa mistura de tesão, exposição e prazer em uma orgia coletiva. Voltaremos sobre este ponto, contudo de forma prévia, esclareço que muitos dos depoimentos apontam que este momento de transe coletivo resume o “espírito” do que seja a Tontura, incluso que uma de suas possíveis interpretações etimológicas tenha a ver com essa perda de inibição e transgressão de padrões habituais para as práticas sexuais.

- **A penetração**

Voltando às concepções iniciais, se percebe nos depoimentos colhidos as poucas experiências de sexo com penetração na Tontura. Ainda que seja um tópico “crítico” nas conversas, este pode ser abordado nos pedidos que conotam discrição. Tendo consciência dessa complexidade, ficou evidente que a virilidade exigida como estética aos participantes da Tontura, poderia colocar a estes “homens viris” um trabalho árduo para sustentar as performances individuais. Ser passivo demonstraria um peso na hora de prover a imagem exigida. Á vista disto, os comportamentos são facilmente tensionados ao discreto, inclusive em não “ser passivo” em público.

É preciso considerar também que o uso/exposição do pênis demonstra virilidade, ao contrário do ânus. A exposição do pênis se dá de forma comum e frequente, diferente do ânus. O que poderia levar os “passivos” a conterem essa prática ou a manter no sigilo.



Contudo, nesse jogo de poucas interlocuções e muitas provocações, podem surgir que algumas práticas de penetração podem ser observadas nos cantos mais escuros da Tontura, em dias de menor movimentação e de uma exposição mais introvertida.

- **Sexo com michê**

Um ponto que cabe a ser destacado é a presença do michê na Tontura. Sabe-se que esse personagem se dá de forma bem tímida comparada ao passado. A maior incidência destes indivíduos possui com marcos imprecisos uma outrora de 20 anos.

Porém, é importante ter presente que este local adquire certa popularidade não pelo fato que os homens que o frequentam tenham interesses comerciais ou estejam dispostos a pagar por sexo. Em razão disto, houve um enxugamento da frequência de michês que passaram a ocupar um local reduzido e secundário em vista da importância que a Tontura ganhou. Esse espaço pode atualmente ser isolado para questões de entendimento e está evidenciado (imagem 6, página 42). Nota-se também que em outros momentos eles circulam na Rua D do mapa, no qual ficam mais próximos do limite que define a linha entre a prostituição feminina e a masculina – a praça.

Paralelamente a essa situação, convém salientar que os michês expõem sua virilidade em seus gestos, mas sem provocações sexuais ou exposição da genitália. Os michês se limitam a conversas objetivas aos que eles percebem como potenciais clientes, sem interferir na Tontura.

Wesner (27 anos, psicólogo) narrou sua experiência com um michê na Tontura. Segundo ele, o próprio michê assumindo as preocupações do cliente se responsabilizou explicitamente por sua segurança. Nesta tônica, o michê se despiu parcialmente para mostrar que não estava armado, seguido da proposta para acompanhá-lo para um local em que este se sentisse mais seguro.

Um fato curioso desses garotos de programa é que em alguns casos isolados, estes rapazes se desprendem dos seus interesses lucrativos para somar-se ao desfrute apenas do prazer com os participantes da Tontura, com os quais compartilham o espaço, porém com rígidas fronteiras.

Uma vez fiquei com um michê, acho que ele me viu e foi falar comigo. Ficou conversando e aí eu perguntei se ele era michê. Ele disse que sim, mas eu falei que eu não ia pagar. Aí a gente começou a se beijar, aí ele pegou, abriu minha calça e começou a bater punheta. Aí me chamou para um canto onde tem uma escada e a gente transou, ele foi passivo (YAGO, 33 anos, professor).

Meu contato direto com eles se deu de forma superficial, devido às dificuldades que os mesmos impõem a conversas prolongadas. De toda forma, alguns michês ainda se dirigem ao local para ofertar serviços sexuais e deixam claro que cobram pelos serviços e, segundo aclaram, preferem realizar as transas em locais fora dos limites físicos da Tontura.

Voltando às concepções iniciais, a Tontura não possui interesses lucrativos nas suas buscas, em virtude dessa consideração, podemos perceber que a Tontura e a prostituição viril compartilham o mesmo ambiente, porém não se confundem ou se incorporam.

- **O dilema: sair do local?**

Outro aspecto não menos relevante, refere-se ao dilema que envolve a proposta de sair do local. Abrindo assim um impasse para muitos destes homens, que após a conquista de parceiro (s) se propõe estender a relação a outros lugares. “Essa predisposição à aventura, esse acontecer na rua, pode conduzir o sujeito situações diferentes da sua intenção original” (PERLONGUER, 1987, p. 159).

Após aberta essa possibilidade outros pontos são cogitados – lugares mais isolados no centro, motéis ou em domicílio. Há coincidência nos informantes em demonstrar importância a este ponto, porém o abordam de forma conflituosa. Diante de tal dubiedade, se torna imperioso atribuir essa hesitação a sair da Tontura a alguma razão. Por que entrar em um carro e tomar outro rumo – obviamente com igual objetivo – se apresenta conflitivo?

De fato, em termos de segurança, a perda de controle inclui a preocupação do inseguro e do incerto das possibilidades do que possa acontecer. Fazendo sempre o retorno às concepções do seguro/inseguro, anonimato/ notabilidade. Acrescenta-se ainda, que a presença do grupo provocaria uma sensação de segurança.

### **3.6 Perigo e prazer dão no mesmo galho**

Dada a importância, a imagem que permeia a Tontura é ora expressada pelos adjetivos de: atrativa, cativante, envolvente, encantadora, fascinante, interessante (...). Ora por: imprópria, desavergonhada, mau, deselegante, vulgar, suja (...). A Tontura, desta forma, é muitas vezes vista como um lugar promíscuo, causando desta maneira uma desordem, provocando assim a incitação dos discursos para organizar as boas práticas, os comportamentos sexuais, as sexualidades e a organização do ambiente. Encontrando forças que agem territorializando o espaço para remeter a ideia de pureza.

Fico meio envergonhado de falar isso, porque eu não faria. É questão de higiene e de não saber com o quem e com o que tu vai se relacionar nesse local. Então, o que me falaram é que vão pessoas, casais ou grupos de amigos e chegando lá a pessoa fica rodando por ali, procurando outras pessoas que estão na mesma intenção e fica trocando de parceiros e é muito estranho para mim e eu não tenho coragem de ir (LEONARDO, 20 anos. 2018).

Buscando uma lógica, a Tontura pode ser pensada nas reflexões de Parker em vias do desejo e da transgressão, na qual essa violação serviria para a aproximação do proibido. Esta infração está configurada ao secreto, ao escondido e ao coibido. “O desejo é considerado positivo em si mesmo e o objeto do desejo é menos importante do que as sensações físicas que ele produz” (PARKER, 1991, p. 161). Assim, o desejo nas relações sexuais transgressoras estaria mais evidente no desempenho dessa energia.

As transgressões das regras e a regulamentação das proibições é responsável por desencadear o imaginário das fantasias. Quer dizer, a fantasia seria uma alternativa do universo sexual, é ela que impulsiona a procura pelo que é negado e pelo proibido. Estes motivadores seriam o que de fato definiria o desejo pela Tontura. Dessa forma, categorizei os perigos e os prazeres de acordo com os discursos dos sujeitos.

**Tabela 1 - Perigos e desejos apontados pelos sujeitos**

a) Abnegação e desinteresse	b) O prazer do perigo	c) Disposição e Desejo
<b>Assalto</b>	Sexo sem proteção	Agitação
<b>Agressão Física</b>	Excitação em sair do local	Tumulto
<b>Dst's</b>	Práticas coletivas	Tentação
<b>Imagem de promiscuidade designada aos frequentadores</b>	Sujeitos Categorizados como perigosos	Desejo sexual
<b>Perseguição</b>		
<b>Inconveniência</b>		
<b>Assédio Moral</b>		
<b>Falta De Higiene Pessoal</b>		

Fonte: Tabela produzida pelo autor

Nesse sentido, a análise dos discursos fez-se perceber que os sujeitos tinham tesão ao perigo e as práticas colocadas como situações “promiscuas”. Esse duelo entre excitação e vergonha, medo e euforia, foram frequentemente levantados. Em virtude dos fatos

mencionados, ficou claro quais os sentimentos eram relacionados a esses perigos e prazeres, analisados na tabela acima como: perigosos, excitantes e o seu limiar.

O ponto (B) do gráfico torna-se o de maior relevância, pois aborda o momento em que prazer, perigo e medo se fundem - este ponto seria a real fantasia da Tontura. Desta forma, sigo o detalhamento do pensamento do cruzamento entre perigo e prazer e a suas desorientações.

### **3.6.1 *Abnegação e desinteresse***

Henrique (25 anos, funcionário público) se apresenta como um conhecedor das noites do centro. Em uma visita em loco, consegue mapear todos os pontos do centro e com certa precisão situar pontos perigosos, desde os de prostituição em que os garotos de programa são de certa forma menos confiáveis, até os pontos de pegação masculina, na qual encontram-se os contatos sem fins lucrativos. Henrique aborda que a Tontura hoje é o único ponto tradicional de pegação do centro não comercial, e por isso aglomera os mais diversos homens, masculinidades e suas expressões.

Em uma de nossas conversas, descreveu um caso na Tontura que fez com que criasse resistência e não mais retornasse ao local. Durante sua última visita, Henrique encontrou um “homem alto, forte, viril e bonito”. Desta maneira, decidiram sair do local e tentar uma conversa ou pegação em um ponto mais afastado do centro. Durante o passeio percebeu que um carro os acompanhavam durante todo o trajeto e fez que a situação desencadeasse uma tensão. Nesta situação, o interlocutor decidiu retornar a Tontura. De volta ao local o assalto é acionado, o que fez com que o entrevistado oferecesse uma quantia em dinheiro e saísse do carro. O sujeito em questão também saiu do carro e entrou no outro que os acompanhou durante o trajeto e saíram sem retornar.

Diversos outros interlocutores e pessoas com que conversei descreveram a violência atual do lugar. Marcos (35 anos, desempregado) foi perseguido em sua moto chegando a cair, acontecimento que fez com que os homens que o seguiam fugissem. Outro depoimento é o de Yago (33 anos, professor) que narra sua experiência:

Estava passando de carro e tinha um rapaz gritando socorro, aí a gente passou e viu um rapaz sendo espancado, ele estava pedindo ajuda e a gente não parou porque poderia ser um truque para assaltar a gente ou poderia ser verdade, mas eu não quis arriscar. Nesse dia só tinha eles e os caras que estavam espancando ele (YAGO, 33 anos, professor).

Lucas (39 anos, desempregado) aborda a Tontura como um lugar marginalizado. “Sempre houve os ladrões e galera lá, tudo no mesmo lugar”. “Esses caras aqui vêm para fazer o mal mesmo”. “Os meninos sempre estão lá, eles fazem parte, fazem parte da ameaça”. “Tem uns três ou quatro, que claro a gente já sabe quem é, qualquer um que estiver de boné, não se aproxime”. Em uma visita em loco, um informante comenta que geralmente eles ficam na praça à espreita e vez por outra decidem ir a Tontura para aplicar golpes.

Cacá (26 anos, professor) narra que um dia ao se dirigir a Tontura, encontrou em uma das esquinas dois caras que queriam se divertir em outro lugar. Quando reconheceu um deles como um dos homens que cometiam assaltos em encontros promovidos e marcados através de um aplicativo de pegação (Grindr). Ao reconhecer, o interlocutor desfez o interesse e foi embora.

Diante dos fatos, a questão da violência se tornou alarmante, fazendo com que alguns sujeitos tivessem receio de voltar a Tontura. Outros pontos são levantados como a explicação do distanciamento da vontade de retornar, por exemplo a preocupação com as doenças sexualmente transmissíveis. Com menos frequência foi mencionado a higiene do local e dos sujeitos como um motivador de distanciamento.

### ***3.6.2 Disposição e Desejo***

Anthony (29 anos, funcionário público) em sua entrevista, coloca que muitas vezes o medo pela noite, pela escuridão e pela violência urbana, remetem a sensação do inseguro. A Tontura provoca a sensação do desconhecido, de entrar em contatos com pessoas que você não sabe quem são, por que elas estão lá, o que elas vão fazer, e principalmente, o que elas são capazes de fazer. Diante disso, podemos ver que o perigo e o medo despertam a curiosidade e fazem com que muitas vezes estes homens se desloquem até o local.

A busca por sensações intensas e uma possível superexcitação promovida pelo lugar é colocado em questão para o retorno ao local. Como já abordado, o desejo pode ser percebido pelo imaginário da transgressão, ao camuflado, clandestino e ao anônimo. Esse desejo pela experiência por coisas perigosas é predominantemente destacado nas falas dos sujeitos.

### ***3.6.3 O prazer do perigo***

Wesner (27 anos, psicólogo) narra que ir a Tontura é sempre “perigoso”, sendo que esta sensação de insegurança também remete ao prazer - se exhibir sem saber quem passa nos

carros e o ver, sair com um michê e mesmo conferindo se ele não está armado, não lhe retiraria a sensação de insegurança. Em contrapartida, o prazer das relações coletivas ao mesmo tempo que lhe impulsionava a participar e ignorar certas precauções, o levava a recorrer a testes de DST's para se tranquilizar que a aventura não trouxe malefícios a sua saúde e seu corpo.

Roberto (26 anos, consultor de moda) aborda que as sensações de euforia diversas vezes resultam em que alguns cuidados passem despercebidos e/ou na carência de raciocinar claramente as consequências.

Assim, outros interlocutores acrescentaram que os sujeitos vistos como “perigoso” - em relação as vestimentas, gírias e comportamentos - tem prioridades em muitas das suas predileções. Mostrando assim, que prazer e perigo dão no mesmo galho. E seria esse “correr perigo” que tornaria a Tontura como um lugar de realização de fantasias no imaginário dos interlocutores.

#### 4 TONTURA É “COISA PARA MACHO”.

Eu era apenas um corpo que por acaso era de homem gostando de outro corpo, o dele, que por acaso era de homem também.

Terça-feira gorda (Conto), de Caio Fernando Abreu

*Quando decidi embarcar na jornada desta pesquisa, me deparei em um dilema pessoal: definir os sujeitos da minha pesquisa. Embora estivesse inserido num ciclo no qual conservasse contato com diversos frequentadores, isso foi insuficiente para as minhas análises. Por um nível de empatia inicial comecei a pesquisa junto deste grupo, discutindo e analisando a Tontura em nível amplo, assim como também analisando os próprios participantes.*

*De certo, esse foi o capítulo em que mais abrimos discussões e análises, isso porque o anonimato e a fala desprestigiada nos limitava em narrar quem eram esses homens quando estavam afastados da Tontura, o que nos fez percorrer os estudos das performances, ou seja, nos interessava quem eram aqueles homens no momento da vivência, se tornando inviável abordar o perfil fora da experiência a qual estamos trabalhando.*

*Desta maneira, ao fazer os estudos sobre a pegação (conceito que geriu inicialmente esta pesquisa), me foi apresentado na literatura a diversidade de personagens (lolitos, michês, travestis, drags, macho, barbies e etc.) que estavam presentes nestas investigações. Porém, estes personagens não somente não foram vistos em campo, como esta classificação também foi rejeitada pelos sujeitos deste estudo.*

*A reflexão vinha a posteriori, quando em uma tentativa de explicar a afirmativa, os conceitos de “discrição”, “masculinidades” e “virilidade” vinham para desenhar o corpo e performance dos participantes. Sendo assim, a resposta sempre era – ‘somos todos homens’.*

*Diante do exposto, o mais complexo foi a análise dos sujeitos em relação a sexualidade dos frequentadores, a maioria pairava uma clareza em “encaixotar” não a Tontura como gay (de fato não o faziam), porém categorizavam imediatamente todos os homens que frequentavam como homossexuais. Afirmção contestada em campo pelos homens que se diziam noivos, casados e michês, na qual abordavam que frequentar e até participar não interferiam diretamente na sua “heterossexualidade”. A solução foi trabalhar as formas de interações homoeróticas, as quais a literatura dispõe o conceito de homoerotismo como opção para valorizar mais as práticas entre homens que definir estas como uma identidade.*

*Com base nestas colocações, segui em analisar neste capítulo mais o que eles falavam do que faziam. Tendo em vista estes aspectos, o que adquiri da minha experiência em campo foi a espécie de um processo seletivo, no qual esses homens eram sujeitos a uma série de marcadores de preferências e se submetiam a esse exame, e de certo, impetuoso. Cumprir esse perfil e performance exigiam um controle completo que em sua maior parte era marcado ou atravessado pela análise do corpo.*

*Somente aqueles que passavam pelo processo seguiam na pretensão de viver a orgia coletiva e a chance de vivenciar a efervescência. Porém, desventurados aqueles que se arriscam a tontear por aquelas ruas sem cumprir tais exigência. Viver a rejeição do grupo é ser considerado um corpo em descarte – a abjeção. Apesar de trabalhar rapidamente sobre essa verificação, este ponto é crucial para desenhar os agenciamentos e princípios que definem a configuração da Tontura, e que é reafirmação da estrutura ao apreço pela adoração ao masculino e ao descarte ao que pode ser associado ao “feminino”<sup>30</sup>.*

*Neste capítulo, pretendo então dedicar atenção a figura do “macho”, imagem (re)produzida e desejada na Tontura. Desta forma, refletir o que é ser macho na Tontura; entender quais os princípios das masculinidades são levantados pelo grupo; quais as performances são valorizadas e desprestigiadas, e quem é o real participante da Tontura.*

---

<sup>30</sup> Aqui, considero algumas proposições que foram me apresentadas, como a feminilidade é descartada e associada ao afeminado, as mulheres e as afetações,



*Em suma, minha pretensão é alcançar um diálogo com pesquisas que demonstrem as particularidades da Tontura, e o que isso alcança nas discussões de sexualidade e gênero, abordando que a figura do macho pode ser trabalhada em cima das discussões das masculinidades, e embora esta reconheça múltiplas masculinidades, um padrão pode ser reconhecido na Tontura com base no “macho, discreto e viril”.*

*Gostaria de acrescentar os fluxos das normas vigentes e me nortear dentro desse debate de gênero, apesar de não ter pretensão de seguir tal reflexão.*

#### **4.1 Negociações do desejo homoerótico.**

No início da década de 1970, o Secos & Molhados lançaram um novo álbum com a música “O vira”, o refrão entoava a seguinte provocação: “*Vira, vira, vira homem / Vira, vira lobisomem*”. Para Trevisan (2018, p. 275), essa seria a tentativa de germinar uma reflexão no qual “o lobisomem, no caso, referia-se ironicamente a esses anônimos habitantes da grande cidade, que após a meia noite deixam seus cansativos papéis de abóboras para se transformar em atrevidas cinderelas”.

Em Teresina, é no centro que as fantasias sexuais encontram uma possibilidade para saciar os seus desejos. Às altas horas se revelaria uma nova significação para um mesmo espaço, novos habitantes e um novo olhar sobre o lugar, que assim se constitui.

Praças, ruas e esquinas acolhem indivíduos que se expõem e aceitam prazer e/ou dinheiro em troca de alguma “diversão”. Sendo assim, seguranças, garotos de programa, travestis e mulheres se dividem em diversos pontos do centro à espera de clientes, por outro lado, homens circulam por lugares em busca de pegação em locais em que as trocas econômicas não são a premissa dos contatos.

A Tontura, acolhe assim um público específico atualmente, em sua totalidade de homens cis<sup>31</sup> que se destinam em busca de diversão, pegação e sexo casual. Homens que nos

---

<sup>31</sup> Sobre cis gênero, em uma visão simplificada, seria um “conceito “guarda-chuva” que abrange as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento” (JESUS,2012, p. 14). Esta pesquisa, portanto, teria como foco da pesquisa sobre homens cis gênero, na qual se torna importante ao ponto que a tontura excluiu a participação de outros gêneros nas suas práticas.

fins de noite se destinam em busca de prazer, proporcionado pela euforia que emana do grupo e das práticas que ali são realizadas.

Tontura é, para os sujeitos - um grupo de homens. Situado diante desta realidade, não bastou afirmar que seriam homens, mas sim, quais categorias de masculinidades eram levantadas para construir este sujeito masculino. Pois o que é ser homem? E de que forma podemos construir essas subjetividades apoiada nestas masculinidades?

Fry e Edward Mac Ray (1983, p.11:12) observaram que culturalmente a sociedade tinha construído papéis masculinos e femininos e que a partir destes se gerariam uma série de expectativas sociais, familiares e de performance das “masculinidades” e “feminilidades”, e “qualquer "desvio", uma vez reprimido, recuperava o "bom comportamento". Restando aos recalitrantes viver nas margens (banheiros, cinemas, praças) ou a nada, a frustração.

Estendo a reflexão com Fry em seu artigo intitulado “*Da hierarquia a igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil*”, peça que completa o livro “*Para Inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*” publicado em 1982, abordando que as sexualidades são “construídas historicamente”. Acreditando que os termos podiam constituir um sujeito e a terminologia homossexual seria inviável para a interpretação do que ele percebe no campo em Belém, como, por exemplo, os que eram denominados: "bicha".

Dessa maneira, abriu-se à percepção que há várias maneiras de compreender e perceber a sexualidade masculina no Brasil, pois o conhecimento das sexualidades não se produz no vazio e nem pertence exclusivamente ao âmbito das práticas do grupo.

As denominações e identidades são construídas pela sociedade que incorpora ideologias, políticas, o trânsito de caminhos diferentes, a religião e seus preceitos, a idade e demais características que podem agir como tanto como marcadores de identidade, quanto de poder. As categorizações acabam por incorporar na linguagem uma dicotomia de dominação/submissão, gerando papéis e performances de gênero hierarquizados.

A Tontura de certa forma rejeita as categorizações por exclusão e pelo desencorajamento das conversas, fazendo com que essa categorização seja mais explícita nos signos corporais. Entretanto, a posição passivo/ativo se torna quase extinta pela falta do ato da penetração sexual, fazendo com que se crie novas categoria de incorporação e exclusão guiados pela virilidade e corpo.

Através de processos culturais, definimos o que é – ou não – natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas. Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros – feminino ou masculino – nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade – das

formas de expressar os desejos e prazeres – também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade (LOURO, 2000, p. 11).

Após esse enfraquecimento da análise dos personagens e estereótipos pela linguagem, o ponto de apoio é seguir pelas expectativas de gênero e o comportamento sexual. Estes, definiriam a performance esperada, interpeladas pelo papel do - “macho, ativo e hetero ou bi”. Em nosso caso, optamos por estudar as performances guiada pelas masculinidades, o que nos ajudaria a definir o perfil dos participantes.

Em sua dissertação “*O negócio de Michê*” em 1987, Perlongher aborda a perspectiva do desejo e de um método etnográfico que objetiva subjetividades variáveis e mutáveis para fazer uma análise dos termos que são utilizados pelos atores envolvidos, com ênfase no michê. Termo utilizado para abordar tanto o próprio ato da prostituição, quanto os jovens que mantem performances de “masculinidade” (atuação atrativa). Em investigação, o autor descreve que as performances estariam em primeira instancia ligada a uma representação viril da masculinidade, mesmo que no jogo das relações isso esteja sujeito a entrar em negociação.

Perlongher avalia que na maioria dos casos, os rapazes que estão inseridos no mercado sexual não se consideram homossexuais, esta negação pode ser explicada por existir um imaginário nos comportamentos e performances do michê atrelado a uma demanda da “masculinidade”. O autor aborda também que não seriam somente as limitações da identidade homossexual que estariam envolvidas, mas outras questões hierárquicas poderiam vir à tona e somadas ao movimento de política militante. Perlongher, em suma, concentrou seu estudo para além da cristalização das identidades, este buscou por sua vez outros meios de entender seu campo e a prostituição viril na noite paulistana, formada além da identidade, mas também marcada pela subjetividade – esta por sua vez mutante e contraditória.

Essa perspectiva nos faz refletir com relação a Tontura, fato que recai sobre a valorização de certos atributos e comportamentos, estimulando uns e segregando outros. O corpo nesse espaço seria o primeiro atributo analisado e julgado, pautando as relações possíveis entre desejante e desejado. Além disso, seria o código de aceitação ou exclusão – de entrada na festa da pegação.

Diversas pesquisas estudaram a pegação e o perfil dos seus frequentadores, uma configuração de similaridade é a heterogeneidade de identidades encontradas. O que estas pesquisas de certa forma traçam é o perfil e padrão encontrados nas subjetividades que guiam

as interações entre os sujeitos. Deste modo, analiso as pesquisas de Barreto (2016), Braz (2007) e Baeza (2010), que ajudam a definir a Tontura com relação ao perfil dos participantes.

Baeza (2010) constrói uma etnografia realizada no Equador, na qual torna compreensível as identidades virtuais e as tensões que são estabelecidas pelo tema da masculinidade. Característica que gera representações na rede social para homens homossexuais, chamada de “*Gaydar*”. Assim sendo, a pesquisa tem como foco os estudos da "masculinidade hegemônica".

Gaydar como actor tiene agencia y, sin caer en visiones deterministas, su estructura y discursos explícitos e implícitos en su plataforma virtual dan cuenta de un tipo de masculinidad y de una serie de discursos que son la base desde donde se representan, luego, muchos de los usuarios en su perfil. Veremos que en las interacciones que se dan entre los usuarios se hacen visibles múltiples rupturas, quiebres y también reproducciones de “la masculinidad” propuesta por este actor no humano que nos obligan a alejarnos de cualquier tipo de análisis lineal y a localizar estos procesos en el caso ecuatoriano (BAEZA, 2010, p. 47).

O Gaydar seria uma comunidade social disponível para todos os "homossexuais masculinos" interessados em contatos com outros homens. Este ambiente virtual resulta em uma estrutura política de análise, as - "masculinidade hegemônica"<sup>32</sup>.

Diante de tal situação, é notório que apesar de existir quebras da norma, muitos dos perfis disponibilizados neste espaço estão fortemente atrelados ao ideal universal da ‘masculinidade heterossexual’. Em que na análise das descrições criadas pelos os usuários em seus perfis, a “masculinidade gay” aparece apoiada em uma “masculinidade heterossexual”, a última seria a mais valorizada e priorizada na rede.

Adicional para análise é o trabalho de Braz (2007). Este, tem como campo etnográfico São Paulo, especificadamente festas noturnas com intuito de sexo - grupal, casual e/ou anônimo - na qual, o pesquisador se estende ao analisar em complemento os elementos fetichistas e/ou sadomasoquista.

O ponto fundamental da pesquisa é que os homens inseridos na pegação codificam os outros sujeitos como desejanter/desejados, se estes foram classificados como essencialmente masculino, pois para sobre as práticas a valorização da imagem do "macho" como objeto de desejo.

Na maioria dos perfis cadastrados numa página de busca de parceiros para sexo e/ou relacionamento afetivo-sexual, os usuários buscam conhecer “caras machos”, com postura “masculina”, sem “trejeitos” ou “afetações”. Apresentar-se como “discreto” ou “fora do meio” e adquirir o *status* de “macho” parece ser uma maneira de se

---

<sup>32</sup> Teoria que parte faz parte da teoria da ordem de gênero de Raewyn Connell e que se fundamenta do princípio que existem diferentes masculinidades que diversificam ao longo do tempo, da cultura e do indivíduo.

tornar mais valorizado sexualmente. Tanto aqueles que se identificam como “ativos” quanto os “passivos” buscam parceiros afetivosexuais “machos”. Quase todos os usuários do *site* que buscam encontrar parceiros para sexo “grupai”, no qual um homem deve ser penetrado por outros homens, frisam a exigência de que o “passivo” seja “macho” (BRAZ, 2007, p. 183).

Diante dessas considerações, ficou claro que nesses ambientes era impossível visualizar o desejo fora da matriz heterossexual, como exemplo quando o autor afirma que “o objeto do desejo é o macho”. Cabe ressaltar que, mesmo aqueles que seriam penetrados deveriam manter a posição do “macho”, o que cria rearticulações para entender as convenções relativas a sexo, gênero e desejo.

Ressalta-se também a importância de analisar a pesquisa de Barretos (2016). Estudo que toma contorno ao dar forma aos seus sujeitos a quais define como "macho, discreto e putu". O homem deve ser aqui entendido fora apenas da visão limitante de gênero dominante, pois este estaria acrescido dos princípios da discrição e da putaria.

No que se refere ao perfil almejado, o desejo estaria voltado aqueles que a imagem estaria fortemente marcada pela “masculinidade”, as quais dariam vazão a uma necessidade incessante dos participantes em performatizar o perfil ambicionado.

É importante ressaltar que os dados colhidos pouco valorizam a beleza, aparência estética ou preferencias de papeis sexuais. Porém, existiria uma estima por serem "machos". Sendo assim, é que para Barretos (2016, p. 58), essa masculinidade era “compartilhada principalmente no gosto e\ou no desejo de estar entre outros machos que diferencia essa reunião de homens e a existência dessas festas”.

Pode-se perceber, assim como em Braz (2007), que o gênero não pode ser aprisionado numa distinção binária, na qual a sexualidade é atravessada por uma linha divisória entre homens e mulheres que parece estabelecer uma continuidade entre "sexo" e "gênero". Na verdade, sexo e gênero são socialmente construídos, um em relação ao outro. E os corpos, assim como as partes do corpo e *modus operandi*, não teriam sentido fora das compreensões socialmente construídas a seu respeito.

Gostaria que de aclarar a frente, que estas imagens que percorrem as representações desses sujeitos inseridos na pegação envolvem diversos marcadores que são acrescentados a ideia de “gênero isolado”.

Devemos, portanto, percorrer um caminho na busca de entender os elementos que compõe tais masculinidades. A Tontura assim, reforça seus signos a cada encontro, nestes nos guiamos para discutir os elementos inseridos na inclusão e exclusão pautados nas masculinidades apresentadas.

#### **4.2 Caracterização dos participantes**

Agora, imagine um segurança na porta de um shopping que foi treinado para controlar e permitir quem entra e quem sai; ou seja, este funcionário seria o responsável por barrar quem não se ajustasse ao protocolo que regula o lugar. A Tontura, seria uma forma simbólica no controle de seus participantes, não previamente definido, nem explicitamente formulado, todo o contrário, está implícito nas práticas ‘performadas’ em seu perímetro.

Um ponto fundamental nessa discussão está descrito em Oliveira e Nascimento (2015, p. 60). Para os autores, “uma das marcas da pegação é a circulação e a grande heterogeneidade entre os usuários, mas ainda assim um olhar mais atento possibilita o reconhecimento de certos padrões que se repetem, seja nas práticas adotadas, seja no perfil dos usuários”. Assim, junto das conversas com os sujeitos surgiram os padrões, no qual pude colocar a prova durante minhas idas a campo.

A minha experiência na Tontura, eu percebo um padrão de homens acima dos 30, homens que não tem traços de gays afeminados, homens que fazem a linha discreta e fora do meio. Como eu frequento bares e boates gays, onde as pessoas vivem de forma mais livre sua identidade gay, o que me faz pensar é que aqueles que frequentam a boate gay, não são os mesmo que estão Tontura (ANTHONY, 29 anos, servidor público).

Para Oliveira e Nascimento (2015) a pegação é permeada por diversos personagens (lolitos, boys-magias, cafuços, negões, milicos, ursos, barbies, bombados, machudos, entre outros). Esses rótulos funcionam como identidades para indivíduos que, em primeiro contato, determinam a forma de serem classificados e posicionados no jogo. Desta forma, existe uma classificação pelos estereótipos - inicialmente pelo corpo e performance; e em suplementar, por determinados modelos de aceitabilidade (como masculinidade, geração, corpo, estatuto social e cor da pele).

Se a Tontura por ora não apresenta alguns personagens recorrentes em estudos homossexuais, por outra ela reforça hierarquias pautadas em construções corporais e de masculinidades, desqualificando e rejeitando os traços que representem feminilidade.

Caracterizo inicialmente os participantes da Tontura como homens que se destinam ao centro em busca de pegação, esclareço novamente que apesar de presumir que o conceito de pegação não suporta a real experiência da Tontura, ainda suponho que o sujeito pode ser guiado inicialmente pela ideia de pegação, e por isso realizo a análise destes sujeitos a partir da categoria pegação.

As condições também acabam por definir tais participantes, e como o sistema público de transporte da cidade é inexistente durante a noite para a região onde se encontra a Tontura, a acessibilidade ao local produz um primeiro corte, notando que os participantes precisam de um automóvel para se destinarem ao local.

O horário complementa a análise, pois o maior fluxo se inicia por volta das 3h da manhã, momento em que bares e boates finalizam suas atividades segundo normas vigentes – porém, existe certa ambiguidade em sua aplicação. Contudo, os próprios sujeitos declaram que raras vezes saíram de suas casas com destino único a Tontura.

Durante minhas visitas a campo observei que a maior parte dos homens vestiam bermudas, sapatos e camisas ou camisetas regatas, notei também que os homens mais assediados eram os que vestiam roupas que valorizavam seus corpos. Para os sujeitos entrevistados, a Tontura se predomina em homens como estereótipos que reforçam uma masculinidade viril, com trejeitos e comportamentos apoiados a uma masculinidade heterossexual.

Quando eu fui com uma amiga minha eu senti um certo desconforto dos caras. A Tontura é um lugar de masculinidade, não vejo a Tontura como lugar gay, pois as posturas são bem heteronormativa, lá é um ambiente muito masculinizado, onde as coisas do universo feminino não são bem aceitas (CACÁ, 26 anos, professor).

A negação do feminino e a valorização ao masculino é um ponto habitualmente descrito nas entrevistas. Diante de tais informações, notamos a presença da totalidade de homens cis, com comportamentos viris e uma supervalorização do pênis. Aclaro nesse momento a ausência de “transexuais”, “travestis” e mulheres no local.

Eu acho que quem vai lá está enquadrado. Quem está fora da norma heteronormativa se torna indesejável, então por exemplo, se tem um cara que vai lá que é super afeminado provavelmente ele não vai ter sucesso na busca por um par. Se um cara é normativo, tem uma masculinidade desejável ele se torna um alvo mais priorizado. (PABLO, 27 anos, desempregado).

Não é um lugar que eu círculo muito à vontade, eu tenho medo dos julgamentos, como por exemplo uma bicha promíscua. Uma vez eu reconheci um casal de amigos e foi constrangedor (ANTHONY, 29 anos, servidor público).

Ali, eu sempre me senti um corpo, um corpo que precisava performar mais masculinidade do que eu tenho no dia a dia. Os sujeitos desta pesquisa por sua vez, anunciaram em seus relatos o desconforto ao frequentar, para isso pontuaram diversas precauções e ponderações, como por exemplo o medo de ser reconhecido e associado ao local. Por conta de tais suposições, sua imagem atrelada a uma posição social (real ou imaginária) poderia estar comprometida. Alguns estigmas são apontados pelo grupo<sup>33</sup> sobre os comportamentos e locais em que os seus membros deveriam frequentar. Tais discursos, são salientados para sinalizar a importância do anonimato que existe na Tontura.

### **4.3 Formas e sentidos: as classificações dos participantes**

A ausência de personagens fez com que recorrêssemos a caracterização deste grupo para proporcionarmos uma realidade coerente e percebida em campo. As entrevistas guiaram a uma categorização em que foram incluídas apenas “homens”. No entanto, era perceptível a realidade que nem todos os homens se definiam como homossexuais, para isso, tomamos como referência a classificação de Luiz Mott (2000), em seu livro “*A cena Gay de Salvador*”.

Diante desta realidade, Mott definiu a “cena gay” de Salvador como sendo “os espaços ao ar livre, logradouros urbanos e estabelecimentos comerciais que servem de nicho ecológico para sociabilização e encontros de variados graus entre homens com atração homossexual”. Constatando assim, a existência de três grandes grupos:

- 1) gays ou bichas: “fechativos”, enrustidos ou assumidos;
- 2) travestis: prostitutas, transformistas e profissionais alternativos;
- 3) homens com práticas homossexuais: bofes eventuais, garotos de programa, maridos e clientes de travestis.

Perante as classificações de Mott (2000) e as intercessões com o objeto de estudo desta pesquisa, tomarei como base as subclassificações do autor para ajudar a definir os habitantes da Tontura: a) *Gays assumidos*; b) *Homens com práticas homossexuais* e c) *Michês ou garotos de programa*.

#### **4.3.1 Gays assumidos**

---

<sup>33</sup> Me refiro ao grupo de entrevistados ao qual foram colhidas as confissões desta pesquisa.



Para Mott (2000, p. 44), o termo gay significa “alegre” em inglês. O grupo ‘gays assumidos’ é classificado como *“uma pequena parcela de homossexuais na imensidão de praticantes clandestinos do homoerotismo que permanecem dentro do armário”*. Podemos assim, encarar este grupo como os gays publicamente assumidos, mas não travestido e nem fechativos.

#### **4.3.2 Homens com práticas homossexuais**

Em copiosas situações tive a oportunidade de conversar com homens que não traziam em seus discursos uma “identidade gay” – homens casados, noivos e michês. Para Mott (2000, p. 57), é normal encontrarmos *“na maioria dos espaços de engate sexual de gays e travestis de Salvador, uma população dispersa e diversificada de rapazes e homens que muito embora tenham desejos e práticas homoeróticas, não se identificam nem se afirmam como homossexuais”*.

Em Heilborn *“Ser ou Estar Homossexual: dilemas de construção da identidade social”* (1996), a autora entra num devaneio sobre o debate das afirmações homossexuais bifurcadas pelas construções identitárias da sociedade brasileira. Dessa forma, o modo de vida “gay” abre caminhos de elaboração de valores, hábitos e publicidade de estilos de vida optativos que permeiam a sexualidade humana, dissecados e influenciados pela cultura norte americana, exercendo forças sobre os movimentos que se articulavam no Brasil.

Assim, a pesquisadora apresenta e costura processos de construção das identidades sexuais, através de uma etnografia que se traduz em desvelar significados atribuídos aos modelos sociais de mulheres que mantêm relações sexuais com outras mulheres, num permean de possibilidades e técnicas eróticas imersas no universo das camadas médias cariocas.

Para Heilborn (1996, p. 136), o trabalho lida com questões de identidade, e por sua vez, identidade social pode ser compreendida como aquela “... entendida e operacionalizada na acepção de um conjunto de marcas sociais que posicionam um sujeito em um determinado mundo social”. Presumindo-se assim, que não se forma uma definição de “ser” estático e cristalizado, mas a modelação do sujeito em três dimensões:

A primeira delas refere-se de fato a existência de um elenco de atributos e traços que constituem classificatoriamente o sujeito, e nesta dimensão pode-se arrolar indicadores como inserção na estratificação social, idade, gênero etc... O segundo nível refere-se ao modo como tal elenco de atributos insere-se num campo de significações sociais em que outros eixos classificatórios estão presentes. Neste plano observa-se uma interrelação dinâmica entre tais eixos, que no entanto estão submetidos a negociações contextuais. E finalmente uma terceira instância se

apresenta em que tais marcas se expressam mediante determinados valores, corporificando-se em significados que articulam a imagem de si e a relação com o outro, corporificando a modelagem do ser (ou de um grupo) na vida social (HEILBORN, 1996, p. 136).

Carregando consigo o habitus de Bourdieu, a antropóloga constrói um conceito de identidade no qual os sujeitos possam sentir e se expressar, como algo que não os amarre previamente numa forma determinada à cultura e ao social. Desta maneira, a identidade para Heilborn (1996, p. 137) "constitui-se na atualização de princípios de classificação social ordenados por valores que fabricam e situam os sujeitos", abrindo um campo de possibilidade aos sujeitos, no qual os mesmos podem escolher e se remodelar num curso de construção, fazendo uso de suas próprias concepções e carregando o alvitre de escolha e opção.

Perspectiva construtivista que sustenta que a sexualidade não possui uma essência a ser desvelada, mas é antes um produto de aprendizado de significados socialmente disponíveis para o exercício dessa atividade humana. (...) O impacto do construtivismo sobre o estudo da sexualidade alterou de modo profundo as análises sobre o fenômeno sexual, ao consolidar a premissa do caráter histórico e culturalmente específico da conduta e enfocando sobretudo as regras sociais que organizam o comportamento sexual (HEILBORN, 1996, p. 136).

A sua pesquisa sobre relacionamentos afetivos e sexuais entre mulheres levou a compreensão que as narrativas não se apoiavam no fato de seus relacionamentos com parceiros do mesmo sexo como algo que pudesse definir as suas sexualidades. Esse pensamento gerou discussão entre o movimento de afirmação homossexual, pois precisava-se compreender a declaração que as relações homoeróticas não eram consideradas primordiais ou definitivas.

A polêmica, além disso, considerava o enquadramento dos sujeitos a uma identidade gay como uma forma de limitação dos sujeitos, o que acarretava também no medo do estigma por se encontrarem incluídas em convenções sociais, restando estratégias de anonimato e uma carência de solidariedade para com o movimento.

Uma vez que os caminhos do desejo são obscuros e inescrutáveis são os seus desígnios – e, ainda, que privilegiar a dimensão erótica de sua apresentação no mundo é empobrecedor. Estamos diante de um debate que recorta o politicamente correto para os grupos militantes e os que são chamados de alienados (HEILBORN, 1996, p. 139).

As entrevistadas detinham uma postura pela qual as mulheres alegavam que as incomodava ser definidas em todas as suas esferas de vida pela sexualidade e dentro de um

padrão a ser seguido, os discursos perpassam por momentos como casamento, união e a vida a dois, na qual mesmo a coabitação não definiria suas identidades.

Todos esses acontecimentos citados forçariam aos indivíduos a entrarem numa reflexão sobre o resultado dos constrangimentos sociais sobre as suas escolhas de vida, mas a apesar de todos os conflitos internos e externos, os indivíduos pesquisados não se percebiam como homossexuais. Levando assim o trabalho a uma reflexão profunda das identidades sexualmente determinadas, que definiria o argumento do ser/estar homossexual.

Ao meu ver, considero os habitantes da Tontura apenas como homens com práticas homossexuais, como descreve Mott (2000) os sujeitos inclusos nessa situação. O que responde as necessidades de classificação dos sujeitos descritos nesse homem que frequenta, participa das práticas, mas não assume uma subjetividade atravessada pela identidade homossexual.

### **4.3.3 *Garoto de programa ou michê***

Para Mott (2000, p. 60) “o termo michê, assim como muitas outras palavras ligadas ao mundo da prostituição vem do francês (como rendez-vous, madame e etc) e tem dois significados: michê pode ser tanto aquele que se prostitui, quanto o preço pago pelo serviço prostitucional”. De acordo com o autor, não há na Bahia a distinção entre michê e garoto de programa, assim como também nas classificações dadas pelos sujeitos desta pesquisa, na qual uns os nomeavam como michês e outros como garotos de programa. Sendo assim, os distintos termos também são cotidianamente usados na Tontura para designar os mesmos sujeitos.

Para efeito de análise, uso indistintamente os dois termos – michê e rapaz de programa. Michês são aqueles rapazes geralmente ostentando aparência acentuadamente varonil, que de noite, a partir das 20h até o começo da madrugada circulam por certas praças e ruas do centro da cidade, à espera de gays que os contratam para transar (...) estacionam-se disfarçadamente nos pontos de ônibus, ou perambulando pelas ruas e praças, atento aos gays que passam a pé ou motorizados. Quando abordados combinam rapidamente o preço e embarcam no carro ou dirigem-se para pensões ou quartos de clientes. Grande parte desses michês assumam postura hiper-viril, resumem seu desempenho sexual a serem chupados e a penetrarem seus parceiros, sem carinho, nem beijos ou abraços; os outro tanto desses rapazes, dependendo do quanto se lhes pagar a mais, “fazem de tudo na cama”: feição, cuniúgua, deixam-se sodomizar (MOTT, 2000, p. 61).

Em consequência desses argumentos, classifico os homens que mantêm relações com outros homens naquele local com interesses lucrativos como ‘michê’ ou ‘garoto de programa’, pois esta classificação foi colocada de forma empírica durante as vivências em campo, colhidas e debatidas diretamente com sujeitos desta pesquisa.

Acrescento que desconsidero que a Tontura possua caráter lucrativo, em que os michês dividem o mesmo espaço, porém não participam da festa proporcionada pela Tontura. Salvo quando esses homens se desligam dos interesses econômicos e decidem entrar no jogo que permitem a experiência proporcionada pela festa estudada.

#### **4.4 O processo de seleção dos participantes**

Dada a relevância de análise, apoiamos os participantes da Tontura na figura principal percebida: o ‘macho’. O macho na Tontura é o objeto de desejo preferencial, pré-requisito, pressuposto e dote indispensável para atingir a integração coletiva da Tontura.

A preexistência de premissas está associada em priori ao corpo e performance. O corpo é objeto construído e reproduzido pelo grupo, sua avaliação apresenta hierarquias de privilégios e padrões preferenciais. Aclaro, deste modo, a heterogeneidade e a existência de usos distintos dos corpos no grupo em questão.

Para Le Breton (2007), o corpo não é somente uma coleção de órgãos arranjados segundo anatomia e fisiologia. É, em primeiro lugar, uma estrutura simbólica, superfície de proteção passível de unir as mais variadas formas culturais. Na visão do autor, a tarefa da antropologia é compreender a corporeidade enquanto estrutura simbólica, e assim destacar as representações, os imaginários, os desempenhos e os limites que aparecem como infinitamente variáveis conforme as sociedades.

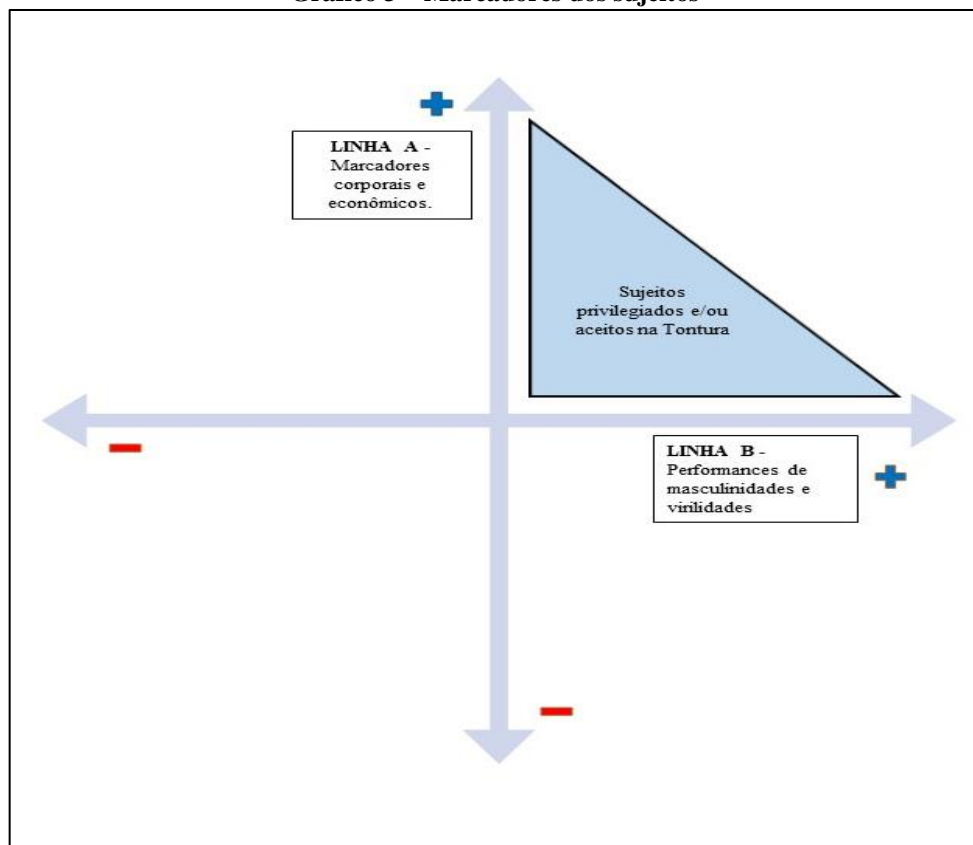
Segundo Le Breton (2016), a condição do mundo é corporal, e através dos sentidos nos lançamos no mundo, vivenciamos, aprendemos e entramos em contato nesse jogo de sentidos e emoções com outras pessoas. Para o autor, o homem participa do vínculo social não só por sua sagacidade, suas palavras ou seus empreendimentos, mas também por uma série de gestos e mímicas que concorrem à comunicação, pela imersão no seio dos incontáveis rituais que surgem no/do grupo.

O corpo é um tema particularmente propício a uma análise antropológica, porquanto pertence de pleno direito à estribe identificadora do homem. Sem o corpo que lhe dá um rosto, o homem não existiria. Viver consiste em reduzir continuamente o mundo ao seu corpo, a partir do simbólico que ele encarna. A existência do homem é

corporal. E o tratamento social e cultural de que o corpo é objeto, as imagens que lhe expõe a espessura escondida, os valores que o distinguem, falam-nos também da pessoa e das variações que sua definição e seus modos de existência conhecem, de uma estrutura social e outra. Porquanto está no cerne da ação individual e coletiva, no cerne do simbolismo social, o corpo é um objeto de análise de grande alcance para uma melhor apreensão do corpo (LE BRETON, 2011, p. 8).

Apresento a seguir (gráfico 3), o esforço para demarcar referências percebidas e sinalizadas para configurar predileções e características aos participantes da Tontura. Aclaro que o modelo apresentado não é uma condição fixa e imutável, pelo contrário, a experiência (Tontura) desempenha um processo de constante atualização durante a renovação das experiências. Discorro apenas uma forma elucidativa de representação dos sujeitos sobre os participantes.

**Gráfico 3 – Marcadores dos sujeitos**



Fonte: gráfico produzido pelo autor

**Linha A** – representa os a) marcadores corporais e b) marcadores econômicos. Com esse objetivo, quanto mais próximos do polo positivo, mais os corpos são malhados e apontados pelos entrevistados como “corpos padrões”<sup>34</sup>, esses privilegiados e com propensões de serem o alvo mais cobiçado. Diante de tais argumentações, uma parcela dos sujeitos entrevistados levaram em consideração o tamanho do pênis, em que, este serviria tanto para uma competição de masculinidade<sup>35</sup>, como também o pênis grande atuaria como um atrativo, uma artimanha no qual a sua exibição poderia facilitar na conquista de parceiros. A raça se demonstrou desimportante como elemento de prioridade nas entrevistas.

Com relação aos marcadores econômicos, mesmo sendo apontado com menos intensidade na fala dos sujeitos, o status ocupado pelos homens seria como um favorecedor de preferência, como por exemplo a posse de um carro.

O critério para mim na hora da paquera é colocado na hora, para mim o critério estético seria o mais importante (ANTHONY, 29 anos, servidor público).

A pessoa que tem menos afeminação é quem eles procuram, o corpo malhado eles procuram. Aí eles vão em cima (ANTHONY, 29 anos, servidor público)

O desejo pode ser perdido geralmente pelo pau pequeno (YAGO, 33 anos, professor).

As menores preferências são os que fogem dos “corpos padrões” (os corpos acima ou abaixo do peso). Assim como também com relação a vestimentas, o status econômico pode ser percebido no se vestir bem e possuir acessórios que agreguem prestígio, agindo como um influenciador de desejo ao sujeito.

**Linha B** – O importante desta linha é apresentar e reforçar o recorte das masculinidades no processo de inclusão e exclusão na Tontura a partir das performances dos participantes. É importante ressaltar que, de acordo com o que se pode constatar, quanto mais próximos do polo positivo, mais reforçado e ressaltado era a imagem do “macho”, o que resulta na análise dos sujeitos em relação a voz e os comportamentos. O que configura em uma performance em que homens mantem posturas “masculinizadas” e viris, para se tornarem aceitos pelo grupo.

Os caras que vão lá eles buscam aquela masculinidade e virilidades nos outros caras. Então quem é mais afeminado no comportamento e na vestimenta eu percebo que não é tão bem aceito (GABRIEL, 26 anos, estudante).

<sup>34</sup> O ‘corpo padrão’ é a representação do ideal de beleza baseado na idealização em uma referência física do corpo ‘branco, malhado, viril’ e com afetações de estereótipos de masculinidades afirmadas e reproduzidas pelo grupo com base na virilidade do “ser” homem.

<sup>35</sup> A exposição frequente do membro serviria para afirmar a masculinidade nos homens.

Talvez o ativo e passivo não seja tão relevante, a pegação é uma forma mais geral, não é o encontro de duas pessoas que vão fazer sexo. O que na hora do sexo um vai ter que ser passivo e o outro passivo. O que mais rola é uma pegação, uma masturbação.

Eu acho que se você for analisar o corpo de algumas pessoas, elas se policiam demais, não querem ser percebidos como gays ou afeminados (...) eles dão prioridade para mostrar o corpo e não falar.

Romper com a discrição seria o que não fazer na Tontura, não se mostrar muito indiscreto (ANTHONY, 29 anos, servidor público).

A Tontura é um lugar de masculinidade, não vejo a Tontura como lugar gay, pois as posturas são bem heteronormativas, lá é um ambiente muito masculinizado, onde as coisas do universo feminino não são bem aceitas (CACÁ, 26 anos, professor).

Aqui também, cabe a análise que o interesse pode ser perdido pelas afetações de feminilidades. A aproximação ao polo negativo levaria a perda da preferência na paquera e possivelmente a não abertura para entrar na festa. Possivelmente se ateria a ser um mero espectador e sem a possibilidade de alcançar junto aos selecionados o momento da efervescência.

#### **4.5 Seja macho: representações das masculinidades**

Era sábado às 3 da madrugada e na Tontura havia um movimento intenso. Neste dia, observei de longe a rara presença de um michê, o que fez com que eu me aproxime do ponto e iniciasse um diálogo. O rapaz possuía uma estatura baixa, “viril”, musculoso, com tatuagens e um alargador, que logo atendeu meu chamado e se aproximou do carro. Com um ar de mistério e quase nunca se aproximando muito, respondia as minhas perguntas sem tirar o olho do forte fluxo do trottoir dos homens que circulavam.

Decido, desta forma, iniciar uma conversa quase que fracassada pela simplicidade das respostas e das tentativas de desvios de travar um diálogo profundo, mesmo que eu tivesse ao máximo feito o esforço para me colocar como um possível cliente. Toda nossa conversa pode ser resumida em colher informações que estes eram dois homens de São Luís do Maranhão e que nas vindas a Teresina frequentava a Tontura para oferecerem seus serviços como michê. Com uma tentativa de finalizar nossa conversa, o rapaz descreve que trabalhava juntamente com um amigo, que no momento se encontrava em algum motel com um cliente, e que este era mais aberto a conversas. Por fim, ele relata que ambos seriam heterossexuais e com um ar de frieza afirma que: “*dependendo do malote eu fecho os olhos e penso ser uma mulher*”.

A palavra “malote” foi escolhida por remeter a ideia de compensação financeira para chegar as vias sexuais e ao mesmo tempo para reforçar a imagem de homem ‘heterossexual’.

Ter contatos com homens por questões financeiras abriria espaço para submergir o foco ao desejo, esclarecendo que, mesmo que estivesse em uma relação homoerótica, o fato não corresponderia ser identificado como homossexual, devido ao fato deste vínculo ser baseado em uma busca financeira.

Nesse momento, não me interessava a atribuição de rótulos em relação à sexualidade destes sujeitos, pois seria inviável conseguir detalhes do que esses sujeitos faziam de suas vidas fora daquele espaço. Porém, era necessário levar em consideração o que falavam e faziam no momento quando vivenciavam a Tontura.

Os homens performam muita masculinidade. Tem os trejeitos mais masculinos, usam roupas masculinas. É essa coisa do macho, discreto e fora do meio (ANTHONY, 29 anos, servidor público).

Eu acho que se você for analisar o corpo de algumas pessoas, elas se policiam demais, não querem ser percebidos como gays ou afeminados (...) eles dão prioridade para mostrar o corpo e não falar (PABLO, 27 anos, desempregado).

Para Connell (1995), durante os anos 70 o gênero masculino estava atrelado ao "papel do sexo masculino", isso era desencadeado por uma série de expectativas que definiam uma masculinidade esperada. Desta forma, as masculinidades estariam tensionadas pelas posições do homem nas relações ao gênero.

Dentro dessa realidade, não poderíamos falar em masculinidade no singular, mas sim em masculinidades, pois estaríamos falando de uma estrutura complexa que envolve a economia, o estado, a família, a sexualidade e etc... Ou seja, diferentes tipos de masculinidades são produzidos no contexto social. Mesmo quando falamos em masculinidades hegemônicas, temos que pensar que ao seu redor estão agrupadas outras formas de masculinidades.

Baeza (2010) reflete que os discursos que versam as masculinidades são construídos de uma posição privilegiada da norma heteronormativa que constroem e legitimam o "homem" e a "mulher" universal, que são atravessados de simbolismo. A "masculinidade hegemônica" agiria como um sistema de expressões de rejeição aos homossexuais que são posicionados e direcionados a uma visão do feminino.

O conceito de "masculinidade hegemônica" surge oposto aos de "masculinidades não dominantes", na qual a primeira estaria disposta na construção de disputas e tensões



constantes do sistema heterossexual que produz e reproduz o discurso do universal na visão da produção do homem e da mulher.

Braz (2007) relata que assim, o erótico pode ser visto dentro da matriz heterossexual, impossibilitando que se pense o erótico fora da heteronormatividade. O que levou o autor em primeiro momento a dissociar a penetração de suma "feminização" e em segundo que os homens que se dizem "machos" não estão se opondo a "feminilidade". A rejeição seria a qualquer atributo - corporal, gestual, comportamental, relativos a sentimentos, sensações ou expectativas - que possam ser relacionados ao estereótipo do "afeminado", em que nesse sistema, a feminilidade seria associada a "bichisse".

#### **4.6 Subjetividades Contingentes**

Durante uma das minhas idas a campo pude acompanhar Roberto. Com impressões que pode parecer "estereotipadas", este se apresentava de forma a quebrar com o perfil normativo de masculinidade viril e passeia por tanto por adereços femininos, como também apresenta uma performance com afetações de feminilidade.

Ao passear pelas ruas escuras da Tontura, Roberto divagava e abordava as outras vezes a qual visitara aquele lugar, sempre com amigos e nunca para a pegação. Independentemente de vincular um desejo a sua visita, ele previamente anunciava a sua eminente invisibilidade, pois concluía que que passava alheio, como se os olhares desejantes não os encontrasse.

Roberto narrava naquele instante a sua representação pessoal em contraponto aos dos reais participantes, na sua visão as - "pessoas que frequentam são muito exigentes com masculinidades e é uma coisa que eu não tenho".

O papel dos gays afeminados limita-se geralmente a conhecer "caras casados" e ao sexo oral, pois os mesmos admitem que "homens sabem fazer oral". Dessa forma, aborda que, "quando eu tinha cabelo longo eu era muito descartável, aí já olhavam assim, por isso era mais uma questão de descarte". Para ele, usar artigos femininos de vestuário - short curto e regatão - seria um motivo de afastamento dos outros homens que circulam ali, pois a preferência sempre seria o "macho boa pinta".

Em suma, Roberto aponta que as masculinidades fazem com que o privilégio seja voltado para um "homem mais robusto e alto". Consequentemente, homens "delicados", com "sobancelha feita e perfume doce" desencadearia a perda do "tesão" do grupo em relação ao sujeito com essas características.

A feminilidade é descartada. Naquele ambiente a feminilidade pode ser não cobiçada, mas usada por uma pessoa que é casada e que quer um oral. As vezes ele só está buscando um oral. Uma gay morta de “pintosa” ele pode não querer, mas um gay meio termo pode ser que sim (ROBERTO, 26 anos, produtor de moda).

Ter todos os trejeitos de masculinidades, eles valorizam isso. Eles dizem que são machos que curtem machos. Falam que se para curtir “viado afeminado” eles prefeririam ficar com mulher. São duas conexões muito diferentes, pois é um homem com jeito afeminado ali, que ele é mais delicado, com uma voz fina, as vezes ele é magro, não é viril como um corpo robusto, ou uma mão grossa, um olhar 43 masculino (ROBERTO, 26 anos, produtor de moda).

Pode-se mencionar que nesses ambientes, a liberdade sexual pode ser livremente expressada e reúne homens em convívio, na qual a inclinação da predileção sugere que os homens que estejam inseridos cumpram as codificações estruturadas para enquadrar estes frequentadores em desejantes/desejados, seguindo as normas de masculinidades e a figura do “macho” (BRAZ, 2007).

Segundo Baeza (2010), a relação entre a ‘masculinidades hegemônicas’ e a ‘masculinidades não dominantes’ surgiu em cima da discussão entre a heterossexualidade e a homossexualidade, representadas numa oposição hierárquica, mantendo a primeira na construção e reafirmação das suas estruturas para assegurar e manter a sua hegemonia. Sendo assim, os polos entre masculinidade e feminilidade são fortemente marcados nos discursos dos entrevistados.

Eu mesmo me achando afeminado, eu não sou tanto lá. Percebo que existem caras afeminados, mas talvez eles não se portem tão femininos e eles não são tão desejados (GABRIEL, 26 anos, estudante).

Connell (1995) afirma que a internalização para cumprir a masculinidade pode tornar-se uma forma demasiadamente árdua para cumprir a norma, isso levaria a crises e dificuldades nos homens em relação ao cumprimento e a violência na repressão dos seus sentimentos. Este fato, de acordo com Grossi (2004), é percebido na cultura ocidental em que a masculinidade guia principalmente o gênero que é masculino e ativo ao poder na hierarquia. No Brasil, podemos encontrar as masculinidades em diversas formas de poder, inclusive nas relações homoeróticas, mas essa masculinidade está permeada pela a posição da atividade sexual que este indivíduo ocupa.

Para a autora, a masculinidade hegemônica diz tanto sobre esta masculinidade viril quanto em relação a sexualidade, assim como também sobre as representações do corpo e performance. O corpo, por sua vez, seria suporte para as diferenças simbólicas de gênero.

Eu acho que faz parte da dinâmica do lugar, por ser um lugar da descrição, do jogo escondido, sem mostrar muito o rosto, eu penso que não é o lugar que das bichas afetadas, as bichas que não tem problema de demonstrar os afetos delas. Aí fazem com que os caras que gostam de se relacionar sexualmente com outros caras, mas que talvez não faça isso de maneira mais aberta e mais livre, socialmente aberta, eu acho que é esse lugar desse cara mais discreto, que performa a masculinidade, desse cara que enfim, performar o trejeito mais de homem, do gênero masculino, da roupa masculina (ANTHONY, 29 anos, servidor público).

Para Braz (2007) seria fácil interpretar de várias maneiras a forma com que esses grupos valorizam a figura do macho viril, e ainda seria evidente que determinados personagens podem ficar à margem - como sujeitos abjetos. Estes últimos sujeitos são enquadrados em relação a um personagem feminino, vinculado as questões de vestimentas, do corpo, dos comportamentos e das atitudes. Esta organização resulta que, em grupos fechados, até o ‘homem macho’ procure estratégias para que ao ser penetrado, este não assuma um papel ligado às questões do feminino.

Para Butler (2018) em seu livro “*problemas de gênero*”, a autora expõe a complexidade que é atrelada ao gênero, pois este estaria rescindindo em signos corporais e nas práticas discursivas. Podemos abordar então, que socialmente o gênero é visto com clareza quando há a nítida relação entre - sexo, gênero, práticas sexuais e desejo.

Braz (2007) contempla que o gênero não pode ser aprisionado numa distinção binária, na qual a sexualidade é atravessada por uma linha divisória entre homens e mulheres, em que se estabelece uma continuidade entre "sexo" e "gênero". Desta forma, sexo e gênero são socialmente construídos, um em relação ao outro. E os corpos, seriam processos psicológicos e mesmo as partes do corpo não teriam sentido fora das compreensões socialmente construídas a seu respeito.

Butler (2001) anuncia que a diferença sexual não é simplesmente uma função de diferenças materiais, mas é simultaneamente atravessada por práticas discursivas. Assim sendo, o “sexo” funcionaria como uma prática regulatória que produz os corpos. Resultando que os sujeitos acabam por reproduzir um ideal de gênero estabelecido - que pouco tem de dizer com performances artísticas - mas sim, com a noção de *performatividades*, na qual este conceito se construiria através de práticas reiterativas que são incitadas pelo discurso. Outro ponto importante no pensamento de Butler é o conceito “corpos abjetos”, em que estes ‘corpos’ seriam aqueles que não deveriam existir dentro de determinada matriz cultural.

Eu acho que eu não me encaixo, por que minha voz é fina, meu jeito é afeminado. Tipo, quando eles olham para uma pessoa afeminada, eles tipo: o que está fazendo aqui? Não curto. Às vezes eles se saem de perto. Se eles estão de dois ou três eles se saem. Eles olham e saem (ROBERTO, 26 anos, produtor de moda).

Braz (2007) aborda a valorização da virilidade como o objeto de desejo, pois tanto para os "ativos" como "passivos", a imagem do desejo está apoiada na representação do "macho". Acredito que um dos desafios colocados para as atuais pesquisas - que tomam a materialização dos corpos e a produção das subjetividades como objeto de investigação - é pensar formas de articular (e não separar) não apenas gênero e sexualidade, mas uma série de outros marcadores de diferença na análise.

Fry e Macrae (1983) colocam suas apostas nas diferenças comportamentais entre os dois sexos nas perspectivas biológicas, resultando em uma série de concepções a respeito do comportamento considerado apropriado para cada um deles. Em vista disso, o argumento é que os homossexuais não sofrem nenhuma "condição", mas são levados a uma série de pressões sociais que os induzem a desempenhar papéis sociais atribuídos aos homens e as mulheres.

Conclui-se daí, que nem todos os homens que frequentam a Tontura são de toda forma os participantes, e para que isso ocorra, são levantados pelo grupo uma série de elementos e codificações para a seleção de seus membros, que passam por uma configuração que está travada em um modelo de sociabilização própria. Posto que a festa da Tontura não está aberta a todos, e que o momento da efervescência é um instante que somente existe a uma limitada parcela, que por um processo (inclusão/exclusão) podem conseguir tentar alcançar a possibilidade da experiência ao possível clímax.

## 5 VIVENDO A TONTURA

Que tesão enlouquecido  
que coisa boa que coisa ruim  
que inferno e que céu  
que diabo de tesão doido em mim  
(Luís Capucho - São Flores)

*Início com uma breve síntese do meu caderno pessoal, escrevo este relato como uma inquietação em caráter íntimo e pessoal. Por conseguinte, viver a Tontura sempre foi algo descomplicado, porém bancar o “viril” era algo demasiadamente perverso e sempre me apresentou que ali eu era demasiadamente forçado e engessado, algo como tencionar o corpo em função de me sentir no lugar. Lembro-me de uma conversa na qual um amigo me apresentou que era enquadrado sempre como mulher na Tontura, pois não havia o seu interesse em ‘fazer a linha machão’, e conseqüentemente não participava da brincadeira.*

*Confesso que este discurso me provocou certa angústia e principalmente pelo descarte deste corpo. Nesse pensamento, não foi difícil entender que ali não somente havia a recusa por uma identidade gay, como também era um lugar de masculinidade obrigatória.*

*Logo, o “macho discreto”, “viril”, “fora do meio” e até os casados, se tornavam o sucesso da caça. Não era difícil ver que o estereótipo de caras como essas imagens faziam com que carros e motos diminuíssem a velocidade para insistir de forma mais incisiva na conquista destes homens. Dentro desta lógica, percebo que isso faz parte da dinâmica do local, quando falo nesta pesquisa sobre o anonimato, acho que este termo é uma representação forte das sociabilidades que ali são construídas e destruídas em um curto espaço de tempo.*

*Este capítulo foi construído através de análises feitas sobre as experiências, não somente as grupais, mas todas as que são perceptíveis, porém creio que todas as práticas ficam abertas a vivências coletivas. Não é difícil perceber que uma roda de masturbação inicie apenas com um cara se exibindo no muro, o que faz com que outros homens se aproximem e inicie o processo de excitação do grupo, desencadeando assim a orgia coletiva.*

*Quando ainda me preparava para esta pesquisa, conversei com diversos amigos procurando entender a Tontura, e concluí que seria sensível e perigoso definir de uma forma simples, porém ela jamais se limitava como um ponto de encontro para um parceiro ou local para pegação. Há ali uma energia que pode ser percebida, algo que te move e muitas vezes encontradas nos discursos como: a Tontura me fez agir sem pensar. Por isso, o estudo da festa e do erotismo se tornaram essenciais para esta pesquisa, precisávamos refletir além, pensar a energia que gera a Tontura.*

*Quando se entende a importância do grupo e desta força para acontecer a Tontura, podemos entender as práticas que ali se acontecem. Em síntese, reúno e escrevo relatos de observação de campo, experiências pessoais e vivências relatadas pelos sujeitos desta pesquisa, para oferecer bases as experiências homoeróticas percebidas.*

### **5.1 O erótico e a performance coletiva**

Neste caso, refletir sobre a Tontura perante as percepções que nos permitem os conceitos festa e erotismo, resultam num traçado metodológico em que ela aparece como gerador de força/energia na ação coletiva resultante da interação dos indivíduos. Então, partimos do pressuposto que na Tontura o apelo festivo pouco ou nada teria relação com o

individual, a sua consciência ou uma ordem social bem definida; se bem que se trata de uma ordem situada e restrita ao lugar e de convencional respeito dos sujeitos.

A Tontura agiria assim, e certamente facilitada ou propiciada pela pegação, mas seria eminentemente transgressora a esta. A experiência coletiva que é bom sublinhar, nem sempre acontece e seu 'ânimo' transgressor ativaría um momento de efervescência do grupo – neste caso, a festa erótica – a Tontura. O campo desta pesquisa adequa este processo de transgressão da norma pela sua subversão. Uma pegação que se negaria como tal ao momento de sua coletivização, emergente e não planejada.

Começamos então pela problemática tal como exposta nos estudos da festa. Primeiro a ultrapassagem do individual, do isolado, como uma das condições responsáveis da Tontura. Uma vez aberta à percepção justamente de seu oposto: a aproximação de outros indivíduos - que não um único parceiro - produzem um estado de excitação/efervescência que devém do coletivo.

[...] toda festa, mesmo quando puramente laica em suas origens, tem certas características de cerimônia religiosa, pois, em todos os casos ela tem por efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim um estado de efervescência, às vezes mesmo de delírio, que não é desprovido de parentesco com o estado religioso. (...). Pode-se observar, também, tanto num caso como no outro, as mesmas manifestações: gritos, cantos, música, movimentos violentos, danças, procura de excitantes que elevem o nível vital etc. Enfatiza-se frequentemente que as festas populares conduzem ao excesso, fazem perder de vista o limite que separa o lícito do ilícito. Existem igualmente cerimônias religiosas que determinam como necessidade violar as regras ordinariamente mais respeitadas. Não é, certamente, que não seja possível diferenciar as duas formas de atividade pública. O simples divertimento. (...) não tem um objeto sério, enquanto que, no seu conjunto, uma cerimônia ritual tem sempre uma finalidade grave. Mas é preciso observar que talvez não exista divertimento onde a vida séria não tenha qualquer eco. No fundo a diferença está mais na proporção desigual segundo a qual esses dois elementos estão combinados (DURKHEIM, 1968, p. 542-544).

O estado de efervescência coletiva encontra-se no momento que o ritual abre passagem do flerte (individual) e da pegação (em dupla) para a Tontura como festa orgia. Desta forma, é notória a presença de uma força capaz de capturar os indivíduos – além de sua vontade. O “transporte” da literatura galante do século XIX nos guia à transgressão pela experimentação do limite. Não podemos como citado, afirmar que a Tontura se limita apenas à pegação, esta, porém, deve-se admitir que confere parte importante do processo que propicia o momento de superexcitação coletiva.

Sendo assim, a Tontura aparece como resultado de uma indução ao estado de transe - ficar tonto/perder a cabeça. O encontro para a pegação potencializa e direciona as interações,

alimentando a efervescência, e esse instante subsidia a possibilidade de desestabilizar as normas, entrando em um estado não institucional e desta maneira, sem regras. A efervescência também pode ser pensada como o instante no qual se encontra na festa um auge propício à novas possibilidades, oportunizando sua experimentação. Eis a Tontura.

A orgia aparece na maioria das vezes caracterizada como efeito colateral de eventos outros, em sua maioria tida como eventos de desorganização, dissipação, caos, anarquia, anomia etc. Enfim, um evento “perigoso” que ou precisa ser evitado ou ser contido, com riscos de se pagar com a desordem social. Baseio-me aqui em obras que dão um panorama abrangente sobre o tema, quer compartilhem ou não com essa visão, mas que, de alguma forma, problematizam o lugar da efervescência, do orgasmo e do festivo, de acontecimentos de alta intensidade (na maioria das vezes de força erótica), seja de um ponto de vista histórico, sociológico e mesmo etnográfico (BARRETO, 2016, p. 230).

Seguindo adiante, com relação aos estudos de Duvignaud sobre o conceito da ‘festa’, este revela em seu sentido um apelo ao poder transgressor e a um momento de exceção. Em análise, a exceção da festa é associada à ausência de normas.

Diremos que as festas, assim como o transe, permitem às pessoas e coletividades sobrepujarem a “normalidade” e chegarem ao estado onde tudo se torna possível porque o indivíduo, então, não se escreve apenas em sua essência humana, porém, em uma natureza, que ele contempla pela experiência formulada ou não. É exatamente fácil fazer da festa uma exaltação, simples do “mana” ou da “substância social”, mas este “monismo” pertence particularmente ao pensamento do século passado. O sistema da festa tem outro no qual ela tem expressão mais frequente, a intensidade de uma natureza descoberta por intermédios das suas manifestações extremas. (...) o transe ou os fenômenos de possessão constituem, assim, um meio de abordagem da festa. A descoberta de um outro modifica o sujeito que se engaja nesta confrontação, na medida que exata em que o primeiro é transformado. Coletivo ou individual, o conhecimento que a festa promove orienta para a descoberta da força de uma destruição de que a consciência não participa (DUVIGNAUD, 1983, p. 222-223).

Diante destas referências, se consideramos a Tontura como uma festa transgressora, ela se afastaria das regras ordinárias, na qual determinadas ruas do centro de Teresina são ocupadas por práticas homoeróticas por um grupo específico de homens na busca de aventuras sexuais. A Tontura como emergente espontâneo e festivo se afastaria assim, tanto da institucionalização das normas sociais (e, nesse momento, das leis e dos interditos), quanto dos rígidos códigos estabelecidos pelo lugar. Abre-se uma passagem para a violação das leis sociais que regulam a sexualidade e a boa moralidade, mas também das convenções que as relações normatizadas pelos sujeitos estabeleceram para o lugar.



A Tontura como experiência urbana e noturna, delimita certas condições do espaço como paisagem propiciatória. O lugar estaria permeado de potencialidades performáticas<sup>36</sup>; tanto aquelas delimitadas pela pegação, quanto a desse caráter festivo, coletivo e subversivo; pois, tais coexistem no lugar. O trajeto corporal desses sujeitos é percorrido através das interações vividas pelo coletivo de modo a fortalecer o processo de “tornar-se outro”.

Nesse caso, a análise pelo processo teórico da performance traduz e desvela a interação dos corpos, no momento em que a Tontura age num espaço-tempo de ritualização, na qual se negociam performaticamente pertencimentos, desejos e prazeres. Trata-se da passagem da pegação (encontro) à pura festa/orgia (ritual).

Os rituais são modos de se elaborar uma visão coletiva da realidade, e a cena é uma produção inconsciente que materializa esta visão. É por isto que podemos afirmar que por detrás das forças materiais que atuam na produção artística está uma esfera mais sutil do corpo coletivo, que têm como intenção expandir as suas necessidades em direção a uma produção do real. O trabalho ritual do performer é ir ao encontro deste reflexo de si, de seus desejos inconscientes, suas alteridades, libertando-se, deste modo, das estruturas condensadas ou cristalizadas. O ritual elabora uma auto-imagem que se manifesta na cena (NÉSPOLI, 2004, p. 17).

Há na festa um processo de ritualização, mesmo que a festa não possa ser reduzida a um ritual. Porém, na festa e no ritual existem formas de interações, em que a intersecção dos dois conceitos pode servir como base para uma análise mais profunda da relação das alteridades dos sujeitos e performers envolvidos.

O observador completa subjetivamente a informação recebida, interpretando-a e buscando esboçar a situação em sua mente, recriando assim imagens-sons que são signos gerados a partir de outros signos. O processo de transmissão simbólica, observados enquanto processos da linguagem, contempla a transformação dos símbolos pelo emissor e pelo receptor (NÉSPOLI, 2004, p. 4).

Em consequências dessas afirmações, podemos encarar a Tontura como ‘ficar tonto’ como consentimento à possibilidade de se atingir num espaço em que quase tudo é admissível e praticável, desaguando em um concílio entre natureza e estímulos externos. Estado nem sempre acessível, porém sempre desejado (e, até, temido).

---

<sup>36</sup>A performance, enquanto manifestação ritual, se elabora numa operação alquímica que transforma a realidade em outras realidades possíveis (NÉSPOLI, 2004, p. 11).

Para Bataille (1987, p. 45), há “na festa uma inversão dos valores do tempo ordinário”, uma bifurcação entre o cotidiano e habitual. Desta maneira, é necessário ressaltar que dentro dos estudos do erotismo, esta – festa - aparece como excesso, como dispêndio improdutivo.

Assim, o conceito da festa nos ajuda a pensar a Tontura através das características dos rituais, em que pode se perceber o rompimento com a normalidade do cotidiano, do volitivo e do previsível. As práticas, o corpo e as performances de masculinidade praticadas pelo grupo agem como símbolos, propiciando a abertura a um estado de conectividade e novas significações. Trata-se de uma instância de caráter sacrificial e sem fim prático ou utilitário, que se confunde com o puro gozo.

Seguindo a constatação, foi possível expandir a Tontura mediante sua articulação conceitual com a festa e o erótico, sem nos afastarmos da “lógica coerente” que trata das partes de um evento como performance e que pode ou não acontecer/estar presente dentro desses encontros coletivos.

Os atributos de liminaridade, ou de *personae* (pessoas) liminares são necessariamente ambíguos, uma vez que esta condição e estas pessoas furtam-se ou escapam à rede de classificações que normalmente determinam a localização de estados e posições num espaço cultural. As entidades liminares não se situam aqui nem lá; estão no meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimoniais. Seus atributos ambíguos e indeterminados exprimem-se por uma rica variedade de símbolos, naquelas várias sociedades que ritualizam as transições sociais e culturais. Assim, a liminaridade frequentemente é comparada à morte, ao estar no útero, à invisibilidade, à escuridão, à bissexualidade, às regiões selvagens e a um eclipse do sol ou da lua (TURNER, 1974, p. 117).

Deste modo, a festa faz acontecer um tempo e espaço outro, distinto ao envolvido na vida rotineira e todos os envolvidos estariam impostos pelas forças simbólicas que ressignificam e modificam seus atributos. A liminaridade seria um estado duplo e incapaz de ser (pré) determinado, no qual os indivíduos fogem às categorizações que os identificam. Seriam assim, estados de uma experiência da ordem do intensivo.

Nos contextos contemporâneos, a liminaridade ritual compreende a transgressão das cristalizações corporais diárias. Conduz-se o corpo para um espaço existencial não institucionalizado ou isento das normatizações cotidianas, utilizando-se para isto procedimentos rituais. Na esfera das artes, o ritual surge enquanto campo de experiências e de ruptura com os limites corporais, evento de re-criação corpórea da realidade. É também um modo de perceber a unidade entre as linguagens artísticas, as matérias de expressão corporal e os recursos da memória. Na cena contemporânea, o ritual coloca o corpo, a memória e a transmutação de códigos como os elementos principais da criação. Aproxima o performer do bricoleur (NÉSPOLI, 2004, p.14).

Em Néspoli (2004), a liminaridade contemporânea ocorre quando o corpo se torna *foco/locus* de passagem e se abre ao campo de possibilidades enquanto espaço de transgressão dos controles corriqueiros.

Na liminaridade, os símbolos tornam-se ambíguos, expressando dados paradoxais e estados amorfos. Ocorre uma multiplicação do material simbólico, que se conecta numa rede composta por diferentes estratos de sensação corporal: ação, sentimento, afeto, pensamento. Pela própria natureza desta multiplicação, cada objeto ou símbolo pode potencialmente se transformar em qualquer outra coisa, e cada nova coisa surgida poderá, infinitamente, se desdobrar em outras tantas coisas possíveis (NÉSPOLI, 2004, p. 21).

Assim sendo, logo após, o sujeito retorna para suas centralizações e funções cotidianas. No entanto, no ritual o corpo pode ser decomposto e recomposto por sensações, códigos e gestos que o desterritorializam e dão sentido (outro) a sua posição na esfera coletiva. Pela mesma razão, o corpo estará sempre suscetível a mudança e precisará sofrer estímulos internos e externos, pois o corpo em última instância se abre às forças de agenciamento que faz com que ele seja submetido a mudanças e variáveis – um devir<sup>37</sup>.

Um processo criativo ocorre quando colocamos o corpo entre dois estados do pensamento-ação. Saímos de um universo simbólico contraído, fortemente interligado ou densificado, para um universo mais dilatado e invisível, repleto de possibilidades. Há aqui um jogo de tensões entre o que é e o que poderá vir a ser. Este processo é liminar. A imagem que podemos fazer sobre a liminaridade é a de que ela é como um espaço-tempo dilatado que sobrepõe antes e depois, forma e possibilidade, rebatendo o real e o virtual numa zona de conflitos. No entanto, o corpo necessita transitar de seu estado cotidiano para esta zona mais limítrofe através de procedimentos de condução (NÉSPOLI, 2004, p. 20).

Para o autor citado acima, a liminaridade irrompe a ordem dos acontecimentos corriqueiros e abre a possibilidade do corpo a uma contaminação que o ambiente provoca. A liminaridade é um processo, um instante duplo e criativo que se abre para uma subjetividade coletiva.

Por outro lado, na performance contemporânea pode-se admitir a formação de uma subjetividade coletiva, composta pelo conjunto dos elementos relacionais, e também pelas intensidades corporais que permeiam o universo da performance. No processo de criação, quando um performer interage com outro, a relação estabelecida entre eles pressupõe o surgimento de um campo que faz constelar os componentes corporais de ambos em torno de um único núcleo. Em outros termos, a subjetividade A (que é inerente ao performer A) ao interagir com a subjetividade B (que é inerente ao performer B) forma um terceiro núcleo de subjetivação C (inerente ao coletivo), e assim por diante. No entanto, a subjetividade C não é a somatória das demais subjetividades; ela se faz por rebatimento. Ela é o resultado de uma transformação

---

<sup>37</sup> “Devir é o conteúdo próprio do desejo (máquinas desejanças ou agenciamentos): desejar é passar por devires” (ZOURABICHVILI, 2004, p. 24).

qualitativa atingida pelo encontro interativo dos performers, e corresponde portanto a um devir coletivo, um estado de aliança que entra em ressonância e se multiplica. (NÉSPOLI, 2004, p. 43-44).

Entende-se que a Tontura possa se apresentar como um momento excepcional do cotidiano dos seus participantes, proporcionando momentos de êxtase e prazer coletivo num ritual erótico. Que por sua vez, depende de condições específicas no espaço e no tempo, no qual a ausência de normas sociais e o desprendimento econômico geram a festa.

Resultando que a Tontura envolva assim diversas forças e elementos simbólicos que excitam o grupo, fazendo com que seus participantes experimentem um instante de liminaridade de sensações quadriculadas pelo contexto sociocultural a que pertencem.

Existe na performance um “campo”, um território existencial que é alcançado pelo coletivo. O ritual trabalha este campo, incorporando nos participantes diversos vetores de força que os conduzirão em torno de arenas de improvisação: espaços que se abrem e fecham, e que em seu interior aglutinam-se códigos diversos, modos de movimentação, sons, sentimentos, impulsos corporais, entidades. O que os *performers* fazem é habitar e interagir neste espaço coletivo (NÉSPOLI, 2004, p. 44).

Fundamentado nesses dados, podemos pensar a Tontura como um distanciamento das normas e leis do que é socialmente “permitido” e a aproximação de uma experiência coletiva de domínio especial.

Portanto, é a própria performance, com sua transitoriedade corpórea, que vem a ser um símbolo para determinado grupo. A ação se preenche de uma significação especial, devido à temporalização imanente do devir coletivo, que se desdobra diferentemente da temporalização cotidiana (NÉSPOLI, 2004, p. 26).

Dizíamos que a ruptura também se realiza com as próprias formas de inclusão/exclusão praticadas pelos envolvidos, subvertendo-se os papéis sexuais em questões de práticas aceitas pelo grupo, criando uma dramatização da ideia da corporação de gestos, roupas, atitudes, códigos e práticas sexuais que são praticamente incorporadas por todo o grupo – “todo eu é apenas um limiar, uma porta, um devir entre duas multiplicidades” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 33). É evidente que o coletivo guia a forma como agimos no ambiente que nos cerca, visto que incorporamos e compartilhamos dessa experiência – um devir coletivo.

De acordo com a intensidade instaurada pelos elementos relacionais os *performers* podem ser contaminados por identidades psíquicas coletivas, circunscrevendo modos de ação, movimentação e relação característicos. Eles disparam nos

participantes certos movimentos corporais e hábitos que foram incorporados ritualmente. No entanto, esta relação não é unidirecional, pois, no decorrer da performance os participantes estão ao mesmo tempo remodelando sua relação com os mesmos elementos, produzindo assim outros vetores de ação (NÉSPOLI, 2004, p. 40).

Ainda no que concerne essa discussão, a Tontura carrega a energia da festa mística e sacrificial, é o momento do evento nos quais os participantes perdem a cabeça e entram na efervescência da festa orgia. Neste momento, os grupos que podem chegar ali unidos pela amizade são desfeitos e abrem-se à disponibilidade do grupo.

Esse instante pode ser visualizado pelo o que Turner (1974) conceitua como *communitas*, ou seja, a experiência coletiva e de camaradagem do ritual, o recorte espaço/tempo no qual todos que participam se encontram sob uma energia coletiva e a performance estaria situada na dramatização não ordinária da vida social.

No decorrer da efervescência coletiva o performer pode entrar em transe e abrir mão de códigos morais corriqueiros e se entregar à força subversiva da Tontura. Durante a festa o corpo se adapta as condições excepcionais do espaço e tempo, deixando-se levar a outros estados de consciência e entrando em êxtase, aqui – ficar tonto. Há então uma conexão maquina<sup>38</sup> entre os elementos rituais, o que estabelece uma incorporação corpo/espaço.

Num nível coletivo, a Tontura age como diluidor de códigos culturalmente construídos. A performance abre-se a reinventar, fortalecer e compor novas experimentações e possibilidades.

No ritual performativo, o espaço objetivo cede lugar a multiplicidade de espaços subjetivos - o espaço é transformado. O *performer* age num duplo sentido: por um lado, absorve os estímulos do ambiente, “interpretando-os” e produzindo desdobramento de acordo com suas associações, memórias; por outro, atua nele, transformando-o, e através de processos interativos e criativos, engendra na realidade diversos elementos de expressão e redes de associações (NÉSPOLI, 2004, p. 40).

O que o performer faz é vivenciar, atuar e se comunicar no espaço coletivo. O ritual e a festa trabalham com subjetividades que são organizadas e dissolvidas no encontro de alteridades, em que as performances seriam eventos propagadores dos símbolos culturais.

---

<sup>38</sup>Guattari, F. – “O inconsciente maquina”. Segundo o autor, inconsciente povoado de imagens, sons, palavras; mas também de maquinismos que o conduzem a produzir e reproduzir estes conteúdos

Nas vias propostas por Bataille, existem intensidades restritivas entre os homens que reagem para delimitar e regular as expressões e comportamentos (os interditos), e que ao emergir na subversão, abrem a uma expansão das possibilidades de suas práticas. Em outras palavras, a festa não é apenas expressão, é resultado de suas condições de possibilidade – local, logística e participantes.

A festa propicia um “plus” - à transgressão do interdito – sendo assim, ela é adunada previamente a efervescência e resultante do transporte necessário para leva-los para além de sua expressão como simples agregado.

O interdito elimina a violência e nossos movimentos de violência (entre os quais os que respondem ao impulso sexual) destroem em nós a ordem tranquila sem a qual a consciência humana é inconcebível. Mas se a consciência deve agir justamente sobre os movimentos confusos da violência, isto implica primeiramente que ela pode ter-se constituído fora do alcance dos interditos: isto supõe ainda que poderíamos dirigir sua luz sobre os próprios interditos, sem os quais ela não existiria. A consciência não pode então encará-los como um erro de que seríamos a vítima, mas como os efeitos do sentimento fundamental de que a humanidade dependeu. A verdade dos interditos é a chave de nossa atitude humana. Devemos, podemos saber exatamente que os interditos não são impostos de fora. Isto nos aparece na angústia, no momento em que *transgredimos* o interdito, sobretudo no momento suspenso quando ele ainda atua e que, mesmo assim, cedemos ao impulso a que ele se oponha. Se observamos o interdito, se a ele nos submetemos, não temos mais consciência dele. Mas sentimos no momento da transgressão si angústia sem a qual o interdito não existiria: é a experiência do pecado. A experiência leva à transgressão realizada, à transgressão bem sucedida que, sustentando o interdito, sustenta-o para *dele tirar prazer*. *A experiência interior do mutismo exige de quem a pratica uma sensibilidade bem maior ao desejo que leva a infringir o interdito que à angústia que o funda* (BATAILLE, 1987, p. 25-26, grifo do autor).

Para Bataille (1987) o interdito toma forma em pressupostos não racionais, em consequência, não existiria interdito que não pudesse ser restringido. Em última instância: "o interdito existe para ser violado"; e esclarece - isto, se, a violação remeter a uma emoção positiva. Em síntese, a transgressão desestrutura o interdito. Logo, estes homens estariam se abrindo à demasia e a inutilidade que se emaranha na percepção do erotismo. Para o autor, “o erotismo é, de forma geral, infração à regra dos interditos: é uma atividade humana” (BATAILLE, 1987, p. 62).

Só o aspecto econômico dessas oposições permite introduzir uma distinção clara e apreensível dos dois aspectos. O interdito responde ao trabalho, o trabalho à produção; no *tempo profano* do trabalho a sociedade acumula os recursos, o consumo é reduzido à quantidade necessária à produção. A festa é por excelência o *tempo sagrado*. (...) em tempo de festa, o que é habitualmente proibido pode sempre ser permitido, às vezes exigido. Há na festa uma inversão dos valores do tempo ordinário (...).Do ponto de vista econômico, a festa consome em sua prodigalidade sem medida os recursos acumulados no tempo do trabalho. Trata-se dessa vez de

uma oposição nítida. Não podemos dizer de saída que a transgressão é, mais que o interdito, o fundamento da religião. Mas a dilapidação funda a festa, a festa é o ponto culminante da atividade religiosa. Acumular e gastar são as duas fases que compõem essa atividade: se partirmos desse ponto de vista, a religião compõe um movimento de dança onde o recuo prepara o salto (BATAILLE, 1987, p. 45).

A Tontura em última instância seria a negação dos limites da ordem, do útil e do rentável, ou seja, pura subversão. A Tontura significa o rompimento eventual e momentâneo das diferenças e barreiras, e por isso associa-se ao conflito e a violência, pois estes são justamente os opostos da ordem.

## 5.2 A orgia coletiva

Uma das coisas que mais chamou atenção nesta pesquisa foi o fato de parecer que alguns homens perdiam a cabeça na Tontura. O movimento rápido dos corpos parecia como ímãs que eram atraídos pelas forças coletivas que o lugar emana. Um tontear incessante, movimentos regrados, olhos inquietos e profundamente analíticos. Fluxos de aproximações, provocações e contatos que se abrem às possibilidades de sensações e toques.

Um corpo que se esvazia, se amplia, vai além dos limites, pega potência e se intensifica – *Corpo sem Órgãos*<sup>39</sup>. Nesse momento, o sujeito aumenta o seu prazer de experimentar e começa a afetar e ser afetado. Nasce a capacidade de experimentar as sensações que se abrem e emanam do coletivo – *devir coletivo*. Em última instância, a experimentação é uma premissa.

Este é o momento da festa, a Tontura seria os contatos sexuais coletivos guiados pela força do Erotismo. Ao meu ver, os indivíduos que conseguem chegar a esse clímax se despelem das amarras que os interditam e se abrem as forças que os afetam. Com efeito sobre o que diz a esta consideração, os homens entram em uma orgia coletiva em que quase tudo é permitido – ficar pelado, roçar, se masturbar, sexo oral, exibir o pênis e até mesmo, em casos menos perceptíveis, a penetração.

Se encontra aqui a ocasião em que todos que se destinam a Tontura querem de certa forma alcançar. De certo, este momento é ascendido se o indivíduo conseguir contemplar

---

39 Trata-se de criar um corpo sem órgãos ali onde as intensidades passem e façam com que não haja mais nem eu nem o outro, isto não em nome de uma generalidade mais alta, de uma maior extensão, mas em virtude de singularidades que não podem mais ser consideradas pessoais, intensidades que não se pode mais chamar de extensivas. O campo de imanência não é interior ao eu, mas também não vem de um eu exterior ou de um não-eu. Ele é antes como o Fora absoluto que não conhece mais os Eu, porque o interior e o exterior fazem igualmente parte da imanência na qual eles se fundiram (DELEUZE; GUATARRI, 1996, p.16-17).

todos os requisitos e elementos necessários. Um caminho difícil para experimentar “o transe orgástico entre machos”, pois nem sempre é alcançável.

Na festa, a compensação máxima – orgia coletiva - é um ápice que todos querem experimentar. Evidentemente, o processo de ingressão pode ser frustrante, pois os caminhos para suprir todos os elementos não podem ser ignorados. Se desempenhado com sucesso, o sujeito pode desfrutar-se da orgia sigilosa e entre machos.

### 5.3 Após o gozo a história acaba

*Eu não lembro dos caras que eu fiquei, não lembro nem da cara. (YAGO, 33 anos, professor).*

*Não tenho vínculos com as pessoas que eu conheci (ANTHONY, 29 anos, servidor público).*

*A higiene e a discrição são valores comumente exigidos pelos usuários. Discrição aqui tem um duplo estatuto, que remete não apenas a evitar trejeitos femininos, como também o engendramento de certo esquecimento ao sair do local. É preciso esquecer (OLIVEIRA; NASCIMENTO, 2015, p. 60).*

É preciso esquecer, o momento passou. Como desencadeante de condicionantes diversos e inebriantes o prazer vem, intenso. Após o deleite a relação se desfaz. O calor do momento se esvai no anonimato, pois o prazer é momentâneo e quase impessoal. Encontro paroxístico de corpos e fluidos que possivelmente não entrarão mais em contato. Nas ruas da Tontura muitas relações são construídas e desfeitas em um curto espaço de tempo. Nos relatos, o intenso surge como contraponto do efêmero.

Deparei-me em entrevistas e conversas, relatos que remetem à ideia que as relações estabelecidas na Tontura são extremamente relevantes em termos sexuais, porém, paradoxalmente os parceiros parecem ser substituíveis, ou melhor, descartáveis. Os relatos de Yago e Anthony representam adequadamente esta ideia, ao se referir aos parceiros com que se depararam naquele ambiente disseram: “não lembro quem era” ou “não troquei contato”. Aliás, respostas recorrentes.

Por conseguinte, o prazer obtido nas transas não parece motivador de um segundo encontro ou troca de contatos. Encontros casuais em outros ambientes, quando existem, são marcados pela frieza e/ou insegurança de ser exposto. Em suma, após o gozo a história acaba.



## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A subjetividade do antropólogo com relação a seu campo de pesquisa constitui um debate amplamente abordado nas discussões metodológicas. No meu caso, tornei campo a minha relação prévia de anos com o tema, o que faz do relato de pesquisa uma construção a partir de minha trajetória, além da experiência como nativo-pesquisador. Relato marcado também pela presença ativa de alguns sujeitos que contribuíram reforçando ou criticando a

construção dos dados aqui apresentados. Essa dupla vivência exigiu cuidado e o necessário trabalho de distanciamento, sendo que a leitura colaborou na composição do necessário olhar crítico do pesquisador.

Esta compreensão resultou da reflexão sobre o estudo etnográfico de Gilberto Velho (2004) em “*Observando o Familiar*”, no qual o que nos é familiar não seria necessariamente conhecido, cabendo ao pesquisador colocar-se em um lugar de relativização. Sendo assim, "a realidade (seja familiar ou exótica) sempre é filtrada por determinados pontos de vista do observador, ela sempre percebida de maneira diferenciada" (GILBERTO VELHO, 2004, p. 129).

Esta observação permite ao antropólogo fazer pesquisa em campos familiares ao seu cotidiano, pois a subjetividade do pesquisador estará presente no trabalho, independentemente do seu nível de aproximação. O esforço de relativização suportaria conter o risco da violação de coerência de concepções e sentidos do relato apresentado, pois em última instância não existiria uma verdade absoluta, a abordagem é relativa à forma de percepção de cada pesquisador e do seu processo de pesquisa.

Embora familiaridade não seja igual a conhecimento científico, é fora de dúvida que representa também um certo tipo de apreensão da realidade, fazendo com que as opiniões, vivências, percepções de pessoas sem formação acadêmica ou sem pretensões científicas possam dar valiosas contribuições para o conhecimento da vida social, de uma época e de um grupo (GILBERTO VELHO, 2004, p. 130).

A ideia de tomar como base os termos nativos pressupõem dar valor e compreender o sentido em que estes conceitos funcionam. Para Viveiros de Castro (2002, p. 125) “a noção de conceito tem aqui um sentido bem determinado. Tomar as ideias indígenas como conceitos significa tomá-las como dotadas de uma significação propriamente filosófica, ou como potencialmente capazes de um uso filosófico”. Por isso, todo o grupo, incluso antropólogos e nativos tem a possibilidade de criação de designações e conceitos.

De forma geral, o estudo induziu que seria inapropriado colocar o indivíduo dotado de uma total consciência durante a atuação na Tontura. Buscando desta maneira, uma forma para conduzir a análise quanto ao momento captado no qual estes sujeitos relatam um possível e difícil momento de efervescência.

A Tontura, segundo nosso trabalho, é o fruto dos jogos de interações subjetivas envolvendo forças capazes de guiar o indivíduo a uma conjuntura na qual experimenta um estado diferente de ânimo. Fatores que o transcendem e alteram seu estado de agir consciente

e, nessa situação, pode vivenciar o momento “clímax” da festa orgia - instante em que o sujeito é transportado a outros níveis. A Tontura é um momento raro, não automático e necessário. Em igualdade de circunstâncias pode acontecer ou não. Para aqueles que conseguem participar não existem regras – apesar de termos descrito as estritas formas de inclusão exclusão que o grupo se dá – pois o que se encontra é um estágio de ausência de normas, de utilidade (dispêndio) e de perda de identidade.

Tornou-se assim importante o cruzamento entre o erotismo e a festa, em que ambos conceitos propiciam uma percepção do campo que rompe com as ações cotidianas. Esta energia eminentemente transgressora, com efeito, conduz certos indivíduos a atingirem um momento de experiência extraordinária. Em tais situações, encontram-se o momento descrito como efervescência, no qual durante o ápice das interações coletivas o performer pode entrar numa espécie de transe e de entrega, vivenciando a festa da orgia e sendo arrebatado pelo cume da Tontura.

Perante essa visão analisei que os relatos capturavam o momento em que os sujeitos apontavam uma obstrução dos desejos primeiros e da formação de novos fluxos de desejos. A proposta surge de um discurso do se “deixar levar”, num devaneio de entrega a experiências coletivas e à sensação de “adrenalina - instante de superexcitação grupal e de concessões.

Esclareço que não incluo esta pesquisa como sendo estritamente um estudo da pegação, embora faça parte, pois correria o risco de limitar o objeto – como sugere a bibliografia – aos encontros casuais e em pares. Entretanto, considero que os indivíduos que procuram a Tontura podem ter como estímulo inicial a pegação. Notando-se que no processo de inclusão e exclusão e com diferentes elementos envolvidos, os sujeitos – em determinados momentos não voluntários e incontroláveis – se animariam e acabariam sendo fígados para uma vivência maior, a qual consideramos a Tontura.

O processo de seleção desses sujeitos acaba por priorizar o “macho, discreto e viril”. A segregação é reforçada pelos os princípios de “discrição, corpo e masculinidade”. Não surpreendentemente, encontramos também em outras pesquisas de gênero o reforço as hierarquias pautadas na tríade “sexo, gênero e preferências sexuais” e que revelam pontos de privilégios para uma parcela que se apoia em condições e estéticas heteronormativa.

Incluo nessa discussão as preferências explícitas do próprio grupo de entrevistados que acabam por reforçar e enaltecer masculinidades e condições normativas de poder estruturadas pelo viés heterossexual. Tornando desmedidas as exigências para quem não consegue

sustentar essas performances e requisitos, transformando-os em meros coadjuvantes e enquadrados como corpos abjetos.

Como ponto fundamental, não pretendo criar uma ilusão de que alguns sujeitos confrontam o sistema da Tontura, pois os relatos colhidos apontam que todos obedecem às regras, até mesmo os excluídos. Como resultado não se percebeu nenhum clima de insubordinação, mas sim de total sujeição e reforço à matriz estética heteronormativa. Os preteridos, em consequência, sentem a violência da exclusão em seus corpos, porém continuam a reforçar seu desejo na imagem do seu “agressor” – o “macho, discreto e viril”.

Conclui-se que a necessária confluência do grupo é guiada por fatores importantes de presença e ausência de elementos para o acontecimento da Tontura. Desta maneira, à noite, o coletivo (de homens cis), o silêncio e o escuro, apresentam-se como condições necessárias. Pois, os homens que ali se encontram são cobertos por um manto de proteção: as preferências que asseguram e incitam sua participação.

Diante de tal situação, a ausência de outros fatores se tornou evidente ao analisar o acontecimento da Tontura: a inexistência da diversidade de gêneros e outros personagens não aceitos (transexuais, travestis, afeminados), também a óbvia ausência de policiais. Evitam-se certos exageros, como o da fala, de risos e de afetações. Estas rigorosas condições de inclusão e exclusão são elementos favorecedores e/ou ativadores das condições necessárias para atingir o clímax.

Logo, as interações de todos os elementos aceitos, assim como o afastamento dos outros, perfazem as condições necessárias da Tontura. Mas por si só não garante que ela aconteça, pois é raro alcançar a situação ressaltada pelo estado de “communitas”. A explícita procura da Tontura não determina seu acontecimento, esses comportamentos prescritivos oferecem aos indivíduos a chance de experimentarem uma performance específica que nem sempre acontece. As condições consensuais os guiam através das interações coletivas, mas experimentar o transe específico da Tontura é aleatório.

Evidentemente, o processo de interações de forças – o jogo que leva ao momento da superexcitação – não é suficiente. O tontear pelas ruas, a paquera, o anonimato e as masculinidades servem como códigos (reforçados e reproduzidos) liberando e irradiando a energia que permite o momento maior da festa, mas não necessariamente a produz. Todos esses elementos desaguam nos sujeitos induzindo performances específicas para conseguir associar-se ao grupo e ingressar nas práticas, mas a Tontura sempre os surpreende, e na

maioria das vezes os frustra. Percebo assim, que as interações atingem um processo coagulador de subjetividades que repercute numa estrutura de - procura e espera / esperança e investimento.

Embora heterogêneo, o grupo compartilha uma coletividade subjetiva particular e que através de códigos estabelecidos servem para regular as condições da performance, insistência sem coreografia ou objetivos claros. O “tontear” seria assim a definição semântica do instante em que o grupo arrasta cada um ao limiar do desejo.

Diante de tudo isso, quando se pensou trabalhar a Tontura como objeto de pesquisa, a provocação do conceito nativo logo tomou como foco diversos elementos de análises. Nos deparávamos com um conceito não acadêmico. E, no entanto, os participantes também não conseguiram conceituá-lo. Sendo assim, não poderíamos delinear uma configuração estruturada da Tontura, apenas oferecer um esforço de análise do seu sentido, independentemente de qualquer proposição. Note-se que a Tontura como experiência não se reduz a nenhuma coisa, performance ou sujeito, antes ela os capta. Ela é singular com relação às coisas que a encarnam. Tudo um mistério.

Ao encarar a Tontura como experiência que produz sempre um devir - um fazer a Tontura - estamos nos colocando frente a complexidade do sentido. Não encarando uma limitação ou redução às convenções, e sim expondo suas singularidades e diferenças no momento em que ela acontece. Fugindo de fixações identitárias na qual tudo já se encontra estabelecido.

Em última instância a Tontura é um dispositivo reflexivo, pois aqui a deixamos emergir multifacetada, extrapolando a designação no campo da linguagem. Creio que seria impossível captar o conceito do termo em sua complexidade, pois este se mostraria sempre insuficiente. O sentido apenas retrata a experiência e em última instância seria um ponto neutro: um não-senso.

O conceito é o contorno, a configuração, a constelação de um acontecimento por vir. Os conceitos, neste sentido, pertencem de pleno direito à filosofia, porque é ela que os cria, e não cessa de criá-los. O conceito é evidentemente conhecimento, mas conhecimento de si, e o que ele conhece é o puro acontecimento, que não se confunde com o estado de coisas no qual se encarna. Destacar sempre um acontecimento das coisas e dos seres é a tarefa da filosofia quando cria conceitos, entidades. Erigir o novo evento das coisas e dos seres, dar-lhes sempre um novo acontecimento: o espaço, o tempo, a matéria, o pensamento, o possível como acontecimentos [...] (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 46).

A Tontura como conceito se produz não por uma necessidade de nomeação, mas pela atualização de uma proliferação da experiência no tempo e no movimento de ajustar-se à realidade. O conceito em questão faz parte do conjunto de ideias operacionalizadas na reflexão da experiência, por se tratar de uma complexidade de reencontros, acordos, regras e normas estipuladas e atualizadas pelo coletivo.

Porém, a Tontura é uma formulação de difícil manipulação, é experiência que ultrapassa o entendimento do tangível. O sentido da Tontura acontece antes de qualquer apreensão, procede à razão, linguagem ou recorte do espaço e tempo. A Tontura vai além. Ela é por si só: pura experiência, raro acontecimento.

O paradoxo que trazemos a reflexão trata-se de desfazer o ‘bom senso’ como sentido singular e exclusivo e, num segundo viés, desconstruir a ideia das identidades fixas e pré-estabelecidas. Acarretando assim sua performance a temporária suspensão deste bom senso, numa fusão de diferentes tempos e desejos. Em última análise, o sentido da Tontura é inconcebível, nele recai a incompatibilidade com o prudente e razoável. O seu sentido vai justamente em direção ao não-senso, a um conceito que se opõe à razão e ao senso comum.

Chego, enfim, à conclusão de um trabalho árduo e angustiante, pois sempre temos a sensação de ter deixado informações ou algumas análises importantes no texto final, até mesmo por não ter chegado ao nível de maturidade e reflexões necessárias. Decerto, creio que nenhuma pesquisa se encontra finalizada, sempre haverá novos enfoques, visões e dados que são alcançados com o tempo. Finalizo, em conformidade, um relato aberto para aventura futura.

## 7 REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade: Lugares, Situações, Movimentos**, Tradução de Graças Índias Cordeiro. São Paulo: Ed. Terceiro Nome, 2011.

ARAÚJO, Karlene Sayanne Ferreira. **A capital do Piauí na década de 1970: Teresina sonhada, construída e vivida pelos pobres urbanos**. VI Simpósio Nacional de História Cultural, 2012.

- BAEZA, Francisca Luengo. **Masculinidades no dominantes: uma etnografia de gaydar**. Ecuador, 2010.
- BARRETO, Victor Hugo De Souza. **Festas de orgia para homens: territórios de intensidade e socialidade masculina**. Niterói, 2016.
- BATAILLE, George. **O erotismo**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2014.
- BRAZ, Camilo Albuquerque de. **Macho versus Macho: um olhar antropológico sobre práticas homoeróticas entre homens em São Paulo**. 2007.
- BUTLER, Judith. “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**, tradução renato aguiar. – 6ª edição. Rio de Janeiro: civilização brasileira. 2018.
- CONNELL, Robert W. **Políticas das masculinidades**. Educação e realidade, 1995.
- COSTA, Benhur Pinós da. **Geografias das Representações sobre o Homoerotismo**. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v.1, n.1, p. 21-38, jan./jul. 2010.
- DAMATTA, Roberto. **O Ofício de Etnólogo, ou como Ter “Anthropological Blues”**. In NUNES, Edson de Oliveira (org.). *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. pp. 23-35.
- DELEUZE, G. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** 2.ed. Rio de Janeiro: 34, 1992.
- DELEUZE, G; GUATTTARI, F. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1988.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 1** / Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. 1 ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. 94 p. (Coleção TRANS).
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: Vol. 05**. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DURKHEIM, Émile. **Les formes élémentaires da la vie réligieuse**. Paris: PUF, 1968.
- DUVIGNAUD, Jean. **Festas e civilizações**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.
- FERREIRA, K. P. M. **Ficar ou partir? Afetividade e migração de jovens do sertão semi-árido cearense**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza-CE, 2006.
- FERREIRA, Luiz Felipe. **Acepções Recentes do Conceito de Lugar e sua Importância para o Mundo Contemporâneo**. *Revista Território*, Rio de Janeiro, ano V, n° 9, pp.65· 83, jul./dez., 2000.
- FONSECA, Cláudio. **Quando um caso NÃO é um caso**. Trabalho apresentado na XXI Reunião Anual da ANPEd. Caxambu, setembro de 1998.

FRY, Peter. **Homossexualidade Masculina e Cultos Afro-Brasileiros**. In: FRY, Peter. Para Inglês Ver: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982a, pp.54-86.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

GALLAS, Ana Kelma Cunha. **Redes de Sociabilidades Gays em Teresina: Lógicas e Estratégias de Pertencimento**. Universidade Federal Do Piauí, 2013.

GONTIJO, Fabiano. **Rei Momo e o arco-íris: carnaval e homossexualidades no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

GROSSI, Miriam Pillar. **Masculinidades: Uma Revisão Teórica**. 2004.

GUIMARÃES, Eros Sester Prado. **Um grito chamado silêncio; Uma errância etnográfica da pegação à produção social dos parques Ibirapuera**. Campinas, 2017.

HALBWACHS, Maurice; tradução Laís Teles Benoir. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 1990.

HEILBORN, Maria Luiza. **Ser ou estar homossexual: dilemas de construção de identidade social**. In: PARKER, Richard; BARBOSA, Regina Maria, (org). Sexualidades brasileiras. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996, pp.136-145.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**, Brasília, 2012.

KUNDLATSCH, Cesar Augusto. PIREHOWSKI, Dariane. STANISKI, Adelita. **Conceito de lugar e suas diferentes abordagens**. Revista receptiva geográfica, 2015.

LE BRETON, David. (1953) **A sociologia do corpo**. 2. ed. tradução de Sônia M.S. Fuhrmann. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

LE BRETON, David. **Antropologia dos sentidos**. Petrópolis, RJ: 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado- pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autentica, 2000.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese de (org) **Jovens na Metrópole. Etnografias de circuito de lazer, encontro e sociabilidade**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

MOTT, Luiz. **A cena Gay de Salvador**. 2000.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **Cajuína e cristalina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 27, nº 53, 2007, p. 195-214.

NÉSPOLI, Eduardo. **Performance e ritual processos de subjetivação na arte contemporânea**. Campinas, 2004.

OLIVEIRA, R. C. **O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. São Paulo: Ed. da Unesp, 1996.



- OLIVEIRA, T. & Nascimento, S. **Corpo aberto, rua sem saída. Cartografia da pegação em Lucas Pessoa**, Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana, 2015, pp.44-66.
- PARK, Robert E. (1979 "A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano", in VELHO, O.G.(org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar.
- PARK, Robert Ezra, **A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano – o fenômeno urbano**. Rio de Janeiro, 1967.
- PARKER, Richard. **Abaixo do Equador**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.
- PARKER, Richard. **Corpos, prazeres e paixões**. 1991
- PASINI, Elisiane. **Limites simbólicos corporais na prostituição feminina**. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 14, p. 181-200, jun. 2015. ISSN 1809-4449. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635351>>. Acesso em: 21 jan. 2019.
- PEIRANO, Marisa. **A favor da etnografia**. UNB: Série Antropologia 130, 1995, p 01-21.
- PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids**. São Paulo: Annablume Fapesp, 2009.
- PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê. A prostituição viril**. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- REIS, Pâmela Laurentina Sampaio. **Entre Redes: Mulheres, Afetos e Desejos**. Teresina, 2015.
- SANTOS, Hélio Secretário Dos, **A morte do carteiro e outras histórias: crimes e masculinidades em Teresina nas décadas de 1970 e 1980**. Teresina-PI: 2013.
- SILVA, Adriana Araújo. MOURA, Diana Márcia Lima Verde. **Teresina, mostra tua cara! Configuração da Realidade Homossexual Teresinense**. Teresina: 1995.
- SIMÕES, Júlio Assis. **O negócio do desejo**. Cadernos Pagu, (31). Campinas-SP: Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 2008, pp. 535-546.
- SOUZA, Genildo. ASSUNÇÃO, Aroldo. **Carnaval em Recife, Recife, 1985**, in **Boletim do Grupo Gay da Bahia**. Salvador: Editora GGB/Secretaria Estadual de Justiça e Direitos Humanos, 2011.
- TREVISAN, Lucas Silvério. **Devassos no paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: 2018.
- TRINDADE, Ronaldo. **O mito da multidão: uma breve história da parada gay de São Paulo**, Niterói, v.11, n.2, p. 73-97, 1. sem. 2011.
- TRINDADE, Ronaldo. **Significados Sociais as Homossexualidade Masculina na Era Aids**, Cad. AEL, v.10, n.18/19, 2003.
- TUAN, Y. -F. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.
- TURNER, Victor. **O Processo Ritual Estrutura e Anti Estrutura**. São Paulo: Vozes, 1974.

VASCONCELOS, Mário Fellipe Fernandes Vieira. **Cartografando em zonas de encruzilhada: por uma etnografia sinestésica do cinemão**. Fortaleza, 2017.

VELHO, Gilberto. “Observando o familiar”. In: Edson de Oliveira Nunes (org.), **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **O Nativo Relativo**. v.8 n.1. Rio de Janeiro: 2002.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze**. Rio de Janeiro, 2004.